

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: A Educação do Pastor Presbiteriano da sua origem, experiência pioneira Seminário Presbiteriano do Sul – 1888 - 1998

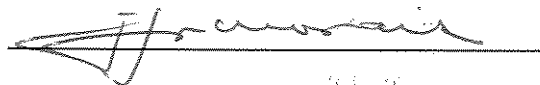
Autor: Adão Evilásio Vieira

Orientador: Prof. Dr. João Francisco Régis de Moraes

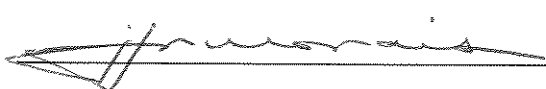
Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Adão Evilásio Vieira e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 21 / 09 / 2000

Assinatura:



Comissão Julgadora:



(Orientador)

Hermano G. Arana

Arvaldo L. M. 7

2000

i

UNIDADE BP
Nº CHAMADA T/UNICAMP
V673e
V EX
TOMBO BCI 49242
PROC 16-837/00
C D X
PREÇO R\$ 11,00
DATA
Nº CPD

CM001677B1-9

BIB ID 241398

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

V 673e

Vieira, Adão Evilásio.

A educação do pastor presbiteriano na sua origem : experiência pioneira Seminário Presbiteriano do Sul - 1888-1998 / Adão Evilásio Vieira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : João Francisco Régis de Moraes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Teologia - estudo e ensino. 2. Clero. 3. Igreja Presbiteriana. 4. Calvinismo. I. Moraes, João Francisco Régis de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

VIEIRA, Adão Evilásio.

"A Formação Educacional do Pastor Presbiteriano (1888-1998) no Brasil: Seminário Presbiteriano do Sul, uma experiência pioneira - 110 anos de Educação Teológica".

SINOPSE: Os presbiterianos sempre tiveram uma preocupação muito séria com a formação acadêmica dos seus pastores. Com a chegada dos primeiros missionários entre 1859 e 1869, representando tanto a Igreja Presbiteriana do Norte como a do Sul dos EUA, houve o início da Educação Teológica dos futuros pastores que iriam servir à Igreja Presbiteriana do Brasil. Como consequência, os missionários trouxeram e implantaram um modelo de ensino teológico que eles próprios receberam dentro de sua cultura anglo-saxônica. Tal modelo, após mais de cem anos de história do ensino teológico, ainda é visto hoje como um ideal a ser ministrado aos alunos do curso de bacharelado em teologia no Seminário Presbiteriano do Sul (SPS). Uma vez que o SPS tornou-se o referencial para a formação dos futuros pastores da IPB, nossa atenção focaliza-se nele como carro-chefe da Educação Teológica. Avaliando sua história, seus fundamentos educacionais, bem como seu currículo, queremos descobrir até onde o ensino e a pregação da IPB ainda refletem os modelos propostos pelos missionários pioneiros do Norte e do Sul dos EUA, e como esses modelos são vistos hoje na Educação Teológica do SPS, bem como no contraste com os demais Seminários Teológicos da IPB.

Vieira, Adão Evilásio.

"Educational Formation of Presbyterian Pastor in Brazil (1888-1998): Presbyterian Seminary of the South, a pioneering experience - 110 years of Theological Education"

Abstract

The Presbyterians have always had a great concern with the academic preparation of its pastors. With the arrival of the first missionaries between 1859 and 1869, coming from the Presbyterian Churches of the North and of the South of the United States of America, began the theological education of future pastors that would serve the Presbyterian Church of Brazil (IPB). The missionaries brought in and established a model of theological education that they themselves received in their anglo-saxon culture. This model, after more than one hundred years of theological education, is still seen as an ideal for the students of the bachelor of theology program of the Presbyterian Seminary of the South. Since this seminary became a landmark for the theological preparation of future pastors of the IPB, we focus on how the Seminary became a major institution for the theological education in Brazil and, thus, as we analyse its history, educational philosophy and academic curriculum, we intend to show how the teaching and preaching in the IPB is still reflective of the models proposed by the first missionaries from the USA and how these models are seen today in the theological education of this Seminary, as well as the other Seminaries of the Presbyterian Church of Brazil.

DEDICATÓRIA

Esta monografia é dedicada ao Seminário Presbiteriano do Sul e a todas as gerações de pastores que por ele passaram e haverão de passar, pois são heróis anônimos que têm levado Jesus Cristo ao conhecimento de nossos irmãos brasileiros, e também dado uma enorme contribuição à formação cultural do povo brasileiro.

À Marleni, esposa, amiga, companheira, por tudo que ela representa para mim, com quem tenho andado de mãos dadas por mais de 33 anos, pois sem seu apoio e incentivo não teria chegado até onde cheguei. Dedico também este trabalho aos nossos três filhos: Marlene, Eliézer e Paulo, aos netos Désirèè e Guilherme Eduardo, bem como ao genro Ivan Luiz e a nora Nádia, frutos importante do nosso amor.

A um amigo mais chegado que irmão, Rev. Osvaldo Henrique Hack, meu grande incentivador nas lidas acadêmicas, como reconhecimento da nossa amizade ao longo dos últimos trinta e sete anos, também dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai para o professor Dr. João Francisco Régis de Moraes, que aceitou me orientar na composição deste trabalho. Sua enorme cultura aliada a sua simplicidade e simpatia me cativaram desde o início, mostrando sua bondade, pois mesmo já aposentado pela UNICAMP, aceitou ser meu orientador. Ao senhor, meu muito obrigado.

Ao Prof. Dr. Hermas Arana, meu primeiro contato no DEHFE, que me recebeu de uma forma muito simpática e prestativa e sempre me acompanhou durante o curso de mestrado, dando sugestões de leituras que foram muito úteis.

Ao Rev. Mestre Hélerson da Silva, diretor do Museu e Arquivo Presbiteriano Rev. Júlio Andrade Ferreira, professor como eu no SPS, meu agradecimento pela forma tão espontânea como me forneceu as chaves do museu presbiteriano e do arquivo, deixando-me à vontade para pesquisar sobre meu tema, bem como por ter colocado sua importante tese de mestrado “A era do furacão”, à minha inteira disposição. A você, Hélerson, o meu muito obrigado.

Ao Conselho Diretor do SPS que me apoiou moralmente durante os dois anos de estudos do mestrado. De uma maneira muito especial, ao Rev. Mestre Wilson Amaral Filho, na época diretor, um amigo feito após os cinqüenta anos. A você, o meu muito obrigado pelo apoio.

Ao Rev. Willian Lacy Lane, digno representante da velha herança missionária do seu avô Eduardo Lane, que atualmente dirige o SPS com muita sabedoria, por sua amizade, o meu agradecimento.

À Prof^a. Sílvia Hadlich o meu muito obrigado pela sua ajuda na correção tanto do português quanto da metodologia.

Ao rev. César Rocha Lima pela sua excelente orientação na digitação deste trabalho, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

SINOPSE.....	III
ABSTRACT.....	IV
DEDICATÓRIA.....	V
AGRADECIMENTOS.....	VI
INTRODUÇÃO.....	1
Comentários Históricos Explicativos.....	1
Definição do Problema e sua Justificativa.....	8
Proposta Metodológica para o Desenvolvimento da Pesquisa.....	10
Cap. 1- HISTÓRICO GERAL E CRIAÇÃO DO SPS.....	12
1.1. O Seminário Primitivo (1867 – 1870).....	13
1.2. O Seminário do Sínodo (1888).....	18
1.3. Os Vários Locais do Seminário do Sínodo.....	22
1.4. Resumo Histórico do SPS (1888-1998).....	33
Cap. 2 – FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS DO SPS.....	39
2.1. A Figura do Pastor.....	40
2.1.1. A Figura do Pastor nos Escritos Seculares.....	40
2.1.2. O Pastor na Bíblia.....	42
2.1.3. O Pastor no Novo Testamento.....	43
2.1.4. O Pastor na História da Igreja.....	45
2.1.4.1. Igreja Cristã Primitiva (100 – 476 d.C).....	45
2.1.4.2. O Período Medieval (476 – 1500 d.C).....	46

2.1.4.3. O Período da Reforma (1500 – 1648 d.C).....	49
2.1.5. O Conceito de Pastor em João Calvino.....	51
2.1.6. O Pastor na Constituição e Prática da IPB.....	58
2.2.Os Fundamentos Teológicos Doutrinária Educação do Pastor Presbiteriano.....	65
2.2.1. Governo.....	67
2.2.2. Culto.....	70
2.2.3. Disciplina.....	72
2.2.4. Teologia.....	73
Cap. 3 – O CURRÍCULO.....	85
3.1. Etimologia.....	85
3.2. Interpretação ou Conceitos de Currículo.....	86
3.3. Algumas Definições de Currículo.....	88
3.4. Currículo no Seminário Primitivo; RJ – 14.01.1867.....	94
3.4.1. Educação Pré-Teológica ou Secundária.....	94
3.4.2. Currículo dos Alunos Formados sem Seminário.....	95
3.4.3. Currículo do Seminário de Nova Friburgo – RJ – 15.01.1892-1895...102	
3.4.4. Currículo do Seminário em São Paulo – 13.02.1893.....	103
3.4.5. Currículo do Seminário Presbiteriano em Campinas – 1909-1998... 104	
CONCLUSÃO.....	113
História.....	113
Os Fundamentos Educacionais.....	114
O Currículo.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116

INTRODUÇÃO

COMENTÁRIOS HISTÓRICOS EXPLICATIVOS

Os presbiterianos são descendentes diretos do ramo religioso da **Reforma** promovida por João CALVINO no séc. XVI, na cidade de Genebra na Suíça, paralela à Reforma promovida por Martinho LUTERO na Alemanha e na Europa de influência germânica.

Os presbiterianos divergem dos luteranos por proporem uma reforma religiosa mais profunda que a luterana. Embora não fossem ao extremo do radicalismo dos anabatistas, os reformadores calvinistas tinham como preocupação promover mudanças teológicas que tivessem uma raiz bíblica mais sólida, buscando uma exegese bíblica mais coerente com a filosofia humanista defendida por CALVINO.

Na Europa Continental, os calvinistas receberam o nome de “Igreja Reformada” para distinguir dos seus contemporâneos, os luteranos. Na Europa Insular (Grã-Bretanha), os calvinistas receberam o nome de “Presbiterianos”, isto devido a forma de governo eclesiástico proposto por CALVINO e levado a efeito na Escócia por John KNOX, que coloca a figura do presbítero (o mais velho) como elemento fundamental na estrutura do governo eclesiástico calvinista.

Tal forma de religiosidade foi levada para os Estados Unidos da América pelos antigos peregrinos que partiram para o mundo novo em busca de um ideal de liberdade onde pudessem servir e cultuar a Deus sem as pressões de uma religião oficial (no caso, o anglicanismo) que criava problemas para sua consciência, bem como para sua própria liberdade em quase todos os sentidos.

O presbiterianismo, levado para o novo solo, os EUA, cresceu, aprofundou-se e marcou de forma significativa a vida espiritual, cultural, política, econômica, social e sobretudo educacional da nova pátria.

Assim sendo, os presbiterianos foram, por muito tempo, o principal grupo religioso da Costa Leste dos EUA. Sua influência na sociedade ocidental é muito forte, especialmente na área da educação.

CALVINO sempre se preocupou com a questão do ensino. Devido a sua própria formação acadêmica, queria ministros/pastores preparados intelectualmente para produzirem um efeito maior com sua pregação.

É nesse espírito que funda a Academia de Genebra, que no início tem como objetivo preparar os pastores calvinistas para ministrarem nos demais lugares onde a Reforma estava se expandindo. Tal academia acaba dando lugar à grande e importante Universidade de Genebra.

Nos EUA, a influência no preparo de pastores levou os presbiterianos a criarem os Seminários de Harvard, Yale e Princeton transformados, posteriormente, em grandes e famosas universidades.

Dentre os elementos mais envolvidos no processo da Educação do povo americano, cita-se John WITHERSPOON (1723-1794), ministro presbiteriano, ordenado pela igreja presbiteriana da Escócia, transferido para a América do Norte, em 1767. WITHERSPOON foi presidente do "College of New Jersey" (mais tarde Universidade de Princeton). E, como a maioria dos presbiterianos das colônias inglesas, deu apoio à revolução da independência dos EUA. Devido sua atuação política e educacional, foi escolhido único membro do clero a assinar a Declaração da

Independência dos EUA. No mesmo ano de 1789, presidiu a reunião convocada para organizar a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América.

Foi esse mesmo ministro/pastor quem introduziu nas colônias americanas a “filosofia do senso comum”.

*“Esta espécie de escolasticismo protestante, produto do iluminismo escocês, teve uma grande influência na cultura acadêmica e na influência da teologia dos Estados Unidos, durante o séc. XIX. O chamado “realismo do senso comum” serviu para fortificar tanto a conservadora **“teologia de Princeton”** como o liberalismo da teologia de New Haven e do unitarismo.*

É importante notar que WITHERSPOON foi além de teólogo, professor, e que a disciplina que ele considerava mais importante estava a “Filosofia Moral” - a ciência que trata dos princípios e leis do dever ou moralidade. Este curso propunha questões básicas sobre o dever do indivíduo para com a sociedade. As notas usadas para essa matéria foram incluídas na publicação póstuma de uma coletânea de suas obras”.¹

Tal citação é relevante por influenciar de forma indireta a formação acadêmica e a filosofia de educação do pastor presbiteriano através do ensino herdado dos missionários americanos, tanto da Junta de Nova Iorque (representando a Igreja Presbiteriana do Norte dos EUA), como da Junta de Nashville (representando a Igreja Presbiteriana do Sul dos EUA).

Ambos se unem para formar os pastores presbiterianos que iriam liderar a nova igreja iniciada no Brasil. Ambos tem com base o mesmo Compêndio de Teologia de HODGE (o pai Charles Haradold Hodge) que foi elaborado em cima do “realismo do senso comum”, de THOMAS REID, que embora filósofo também foi pastor e teólogo da Igreja Presbiteriana da Escócia. Boanerges RIBEIRO desenvolve muito bem essa

¹ LEITH, John H. - A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã. São Paulo, Associação Evangélica Literária, Pendão Real, 1996. P.214-215.

questão em seu livro "A igreja evangélica e a república brasileira". Entraremos nessa questão no momento oportuno.

Como podemos ver, os presbiterianos sempre se preocuparam com a formação acadêmica sólida de seus ministros. Tal preocupação acompanhou a onda missionária presbiteriana ao redor do mundo, pois a grande questão para os presbiterianos sempre foi: como formar ministros/pastores fora da cultura européia e norte-americana? Qual modelo deveria ser colocado em prática? Seria possível desvencilhar-se dos métodos já estabelecidos pelos antepassados europeus? Havendo uma nova forma, como deveria ser ela?

Tais pensamentos faziam parte da Igreja Presbiteriana dos EUA. Havia um grupo que não tinha nenhum interesse na formação acadêmica pastoral. Esse movimento cria que a rígida formação acadêmica dada a seus pastores era algo fora da prática, portanto; os ministros deveriam ser ordenados sem passarem por qualquer curso teológico. Tal visão acabou formando um grupo dissidente que se organizou em forma de uma nova denominação chamada Igreja Presbiteriana de Cumberland.

Os presbiterianos de Cumberland ficaram conhecidos por fugir à regra da tradição reformada de não exigir qualquer formação acadêmica teológica para seus pastores. Como a tradição reformada sempre foi de manter o bom nível educacional de seus ministros, os presbiterianos de Cumberland acabaram se afastando quase que por completo da grande família reformada ao redor do mundo. Conforme WALKER²:

"Os presbiterianos também foram lacerados pelas controvérsias. Eles, por vezes, com bases escoto-irlandesas, que se mantinham firmes nos padrões confessionais e nas tradições de um ministério culto, foram seriamente turbados pelos reavivamentos de fronteira, cujas ênfases doutrinárias e os padrões de ordenação eram frouxos. No entanto, procurando refreá-los foram levados ao cisma".

² WALKER, Williston - História da igreja cristã. São Paulo, ASTE, 1967. p.274-275. v. 11.

Os presbiterianos de Cumberland se organizaram em Presbitério em 1810, após apelarem para a Assembléia geral da Igreja Presbiteriana dos USA. Ao não verem atendidos seus pedidos, tomaram a decisão de formar seu próprio grupo religioso.³

“A divisão aconteceu entre os presbiterianos quando o Presbitério de Cumberland ordenou ao ministério homens sem preparo intelectual específico para servir nas igrejas em crescimento no interior. Esta divisão provocou a formação da Igreja Presbiteriana de Cumberland em 1818, que pelo uso de acampamentos e do sistema de itinerância, além da sua defesa do reavivamento, tornou-se uma das igrejas mais fortes do oeste”.⁴

A inclusão dos presbiterianos de Cumberland nesta introdução vem mostrar que mesmo entre um grupo que na sua grande maioria se preocupa com a formação intelectual de seus pastores, há aqueles que discordam totalmente da visão da maioria, embora pertencendo à mesma tradição reformada calvinista. É importante observar que o trabalho missionário desenvolvido fora dos Estados Unidos, de maneira especial na Colômbia, pelos presbiterianos de Cumberland, não deu resultado muito positivo, em contraste com os presbiterianos em geral, das missões do norte e do sul que obtiveram um enorme sucesso nos campos missionários onde se instalaram, incluindo o Brasil.

Acredita-se que o calvinismo sempre caminhou junto com a formação intelectual dos seus pastores uma vez que, de maneira geral, a tradição sempre levou o intelecto a sério. Vejamos a respeito dessa afirmação o que nos diz HARKNESS⁵, uma grande estudiosa do calvinismo:

“Notamos já o interesse de CALVINO em estabelecer a Universidade de Genebra. Ele não podia tolerar pensamento infantil, porque cada um deve dar o melhor tanto intelectual como moralmente à glória de Deus. Este

³ LATOURETTE, Kenneth Scott - História del cristianismo. El Paso, Casa Bautista de Publicaciones, 1967. p.430.

⁴ CAIRNS, Earle E. - O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. São Paulo, Vida Nova, 1984. p. 398.

⁵ HARKNESS, Geórgia, em “CALVINO e sua tradição”, publicado por Anderson, Willian K. na obra “Espírito é mensagem do protestantismo” São Paulo, Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, p. 113.

*espírito nossos pais fundadores o conservam. Entre os puritanos e presbiterianos que emigraram para nossas plagas, elevado era o nível cultural que possuíam. Eram numerosos na Nova Inglaterra, os que tinham passado por Oxford e Cambridge e na herança do lar cristão figura um profundo respeito pela cultura. A universidade de Harvard foi fundada inicialmente para preparar candidatos ao ministério apenas dezesseis anos depois do desembarque dos peregrinos. Por volta de 1647, o Massachusetts torna obrigatória a instrução pública e estabeleceu um sistema educativo que se estendia da escola elementar à universidade. Em meio aos colonos presbiterianos da fronteira, a escola tinha um lugar somente excedido pelo templo. **Seus ministros eram homens de erudição, freqüentemente educados em Edinburgh ou Aberdeen. E, surgindo a segunda e terceira gerações, grande número de colégios presbiterianos emergiram para que proporcionassem mais alta educação junto aos lares do povo. Seu apreço do valor, de um ministério preparado se evidencia do fato de ser a educação feita em Seminários desde longa data requerida para ordenação dos ministros da Igreja Presbiteriana***".

Como já foi mencionado anteriormente, a grande questão que o avanço missionário presbiteriano teve que enfrentar foi quanto ao modelo de formação pastoral.

Será que o modelo escocês e americano que exigia formação acadêmica superior de curso de bacharel em Teologia era também necessário em outras partes do mundo onde os presbiterianos estavam fazendo missões? Como seria a formação do clero nacional? O que era bom para as igrejas americanas seria bom para as igrejas novas implantadas ao redor do mundo?

O Brasil fazia parte dessas preocupações, pois seu pioneiro, o Rev. Ashbel G. Simonton era formado no Seminário Teológico de Princeton, e portanto, herdara uma formação intelectual de bom nível que claramente se fez sentir na sua maneira de implantar o presbiterianismo em solo brasileiro. Houve da parte do Rev. Simonton, logo de início, uma séria preocupação com a formação de pastores brasileiros que fossem academicamente bem preparados. Para tal, seria necessário a criação de um Seminário, onde os novos líderes vocacionados para o pastorado pudessem ter a

formação básica bíblico-teológica e assim, obterem um preparo adequado para exercerem a função pastoral.

O Rev. Simonton colocou em prática esta, seus pensamentos criando o antigo Seminário do Rio de Janeiro, instalado no dia 14 de maio de 1867.

É possível observar que desde o início da implantação houve uma séria preocupação com a qualidade da formação intelectual dos novos pastores que iriam liderar a nova denominação protestante implantada em solo brasileiro.

Prevalece, desta maneira, o modelo americano de formação pastoral exigido pelos presbiterianos do norte e esta será a marca mais importante que passará a caracterizar o clero presbiteriano brasileiro: o pastor/professor, que prega e ensina.

O pastor/professor acabou se tornando um tipo muito comum na formação intelectual do ministério presbiteriano, pois muitos dos primeiros pastores acabaram se tornando mais conhecidos por suas obras didáticas que pelo pastorado interno no seio presbiteriano. Assim, temos Antônio Trajano, com sua obra "Aritmética Elementar", muito usada em escolas militares, como, exemplo, na Escola de Aprendizes Marinheiro em Florianópolis/SC, na década de 50.

Outras obras importantes foram às gramáticas de língua portuguesa escrita por Eduardo Carlos Pereira. Sua "Gramática Expositiva" alcançou mais de 120 edições. (Existe um exemplar da 125ª edição, isto no ano de 1950). Além disso, suas gramáticas expositivas para curso superior e sua gramática histórica formaram gerações de universitários brasileiros na área da língua portuguesa. Temos ainda, a famosa série Braga, de autoria do Rev. Erasmo Braga, muito usada na formação e alfabetização da infância brasileira, durante a primeira república.

Outra, de grande importância foi a edição comentada dos “Luzíadas” de Camões, publicada pelas Edições Melhoramentos e que tem como editor o Rev. Prof. Otoniel Motta.

É claro que poder-se-ia ir muito além, porém, os exemplos dados são mais que suficientes para mostrar que os pastores presbiterianos sempre tiveram uma contribuição muito positiva na formação escolar da pátria brasileira.

Não se pretende, neste trabalho, entrar no período contemporâneo, embora haja um grande número de pastores presbiterianos que hoje assumem posição importante nas universidades brasileiras. Acreditamos que este breve relato histórico já possui suficiente argumentação para levar a se pensar sobre o tema e sua relevância no meio intelectual brasileiro. Passaremos agora a desenvolver o corpo da monografia, propriamente dito.

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E SUA JUSTIFICATIVA

Devido o predomínio de uma população católica romana, o brasileiro, regra geral, conhece bastante sobre a formação do sacerdote católico romano e até se orgulha de ter um líder religioso tão preparado academicamente, ou seja, leva-se dezoito anos para educar/preparar um sacerdote (oito anos de primeiro grau, três anos de segundo grau, três anos de filosofia e quatro anos de teologia).

Por outro lado, os grupos neo-pentecostais formam seus pastores na “Escola da Vida”, ou seja, seus ministros não sentem necessidade de preparo acadêmico, pois muitos desses movimentos são anti-cultura. Exemplo típico: Congregação Cristã no Brasil.

Assim, diante desses extremos, é passada a imagem de que os pastores evangélicos são líderes mal preparados e sem nenhuma formação acadêmica de nível superior.

Diante dos extremos, encontramos os pastores das denominações históricas oriundas da reforma Religiosa do séc. XVI; luteranos, episcopais (anglicanos), reformados/presbiterianos. Não situarão aqui os batistas e metodistas por serem posteriores a esse período.

A verdade é que mesmo sendo conhecidos de boa parte da população, os pastores presbiterianos muitas vezes são confundidos em sua formação acadêmica com os que não possuem qualquer formação universitária.

Destacar a importância dada pelos presbiterianos à formação dos seus pastores e mostrar o modelo da filosofia reformada da Educação neste processo é o objeto que se propõe a abordar neste trabalho.

Há na Avenida Brasil, n.º 1200, no Bairro Guanabara, na cidade de Campinas/SP, uma vistosa construção onde se lê: Seminário Presbiteriano do Sul (SPS), fundado em 1888. Porém, poucas pessoas sabem o que acontece ali. Que tipo de escola é? O que ela ensina? Quais tipos de pessoas ali se formam? Que passado tem a escola? Houve alguma influência sua na comunidade campineira e na comunidade nacional?

O objetivo é responder a essas perguntas no decorrer deste trabalho por se considerar muito relevante o ensino que ali se pratica.

Espera-se que esta monografia contribua para que outras pessoas possam conhecer o fundamento filosófico da Educação do pastor presbiteriano no Brasil. Até o presente momento, nada foi encontrado que tivesse sido publicado sobre o assunto e,

por isso acredita-se que ser esta uma importante veia aberta para se registrar algo a respeito, o que consideramos bastante.

Por não haver nada escrito especificamente, tentar-se-á ser o mais objetivo possível no levantamento de dados, bem como no enfrentamento das questões propostas para educação do pastor presbiteriano; contudo, acredita-se que o modelo americano, trazido pelos primeiros missionários com sua formação no Seminário de Princeton, ainda continua resistindo como modelo na maioria dos currículos das faculdades de teologia presbiterianas.

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Pesquisa bibliográfica e documentos oficiais conciliares sobre o assunto: usando para isso a coleção das Revistas Teológicas do Seminário Presbiteriano do Sul, iniciada no ano de 1934, quando se publicou o número 1.

Pesquisa de campo: trabalho direto no Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas/SP, buscando em seus arquivos documentos sobre as resoluções importantes envolvendo o processo educacional do curso, para isso consultando os relatórios anuais da diretoria da referida instituição.

Entrevistas pessoais com professores da escola e ex-professores, bem como aluno e ex-alunos. Entre eles os eminentes ex-professores Dr. Waldir Carvalho Luz, Dr. Júlio Andrade Ferreira; Dr. Américo Ribeiro, e outros. Ex-alunos: Dr. Rubens Alves, Dr. Hermes Arana; D. Ademar de Oliveira Godói; Dr. Eduardo Oscar Chaves, entre outros.

Entrevistas com os educadores presbiterianos envolvidos com a questão da formação universitária dos pastores presbiterianos.

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA DE PROFESSORES / EX-
PROFESSORES E ALUNOS DO SPS.

- (1) Existe uma filosofia da Educação Calvinista? (2) Se existe, como ela se manifesta? (3) Onde podemos buscar a fonte de tal filosofia do ensino? (4) Na sua opinião durante seu período de estudo no SPS esta filosofia foi visível aos seus olhos? (5) Você conseguiu colocar em prática no seu pastorado tal filosofia? Como? Viu resultados positivos? (6) O SPS ao seu ver foi importante na sua visão de educação? Como? (7) Como você vê hoje uma filosofia de educação calvinista? (8) No currículo cursado que disciplina lhe chamou mais atenção? Dos professores como você os classificaria? Bons? Regulares? Ruins? Você se lembra de alguns de seus mestres? Por quê?

Capítulo 1

HISTÓRICO GERAL E CRIAÇÃO DO SPS

A Igreja Presbiteriana do Brasil (doravante IPB) possui hoje, oficialmente, seis seminários. Há ainda a possibilidade de ser reconhecido um sétimo, que seria o Seminário Presbiteriano do Nordeste, com sede em Terezina, Piauí.

Tais seminários têm uma história recente na vida da Igreja Presbiteriana do Brasil, exceto o Seminário Presbiteriano do Norte, com sede na cidade de Recife, em Pernambuco, fundado em 1899, pelo Presbitério de Pernambuco⁶. No início, houve dificuldade de reconhecimento, mas no final foi reconhecido pela IPB como um instrumento útil e necessário na formação dos vocacionados do Brasil da região norte.

São atualmente além dos dois mencionados, pertencem à IPB os seguintes seminários: “José Manuel da Conceição”, em São Paulo; “Seminário Denoel Eller”, em Belo Horizonte/MG; “Seminário Presbiteriano do Brasil Central” em Goiânia/GO; “Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro, no RJ.

A criação de novos seminários surgiu nos últimos vinte anos como uma onda de desvinculação dos dois seminários tradicionais: Campinas e Recife, devido à incapacidade de ambos atenderem o grande número de vocações pastorais, pois suas acomodações tornaram-se precárias em relação à grande procura de alunos vindas de todas as partes do Brasil.

Vale lembrar aqui que Seminário, na nomenclatura presbiteriana, sempre se refere a Faculdade de Teologia; portanto, não há seminários menores no âmbito da IPB. O termo seminário foi adotado preferencialmente ao termo Faculdade de Teologia,

para não se confundir com o ensino secular como, por exemplo, Faculdade de Filosofia. Embora houve época em que o SPS fosse chamado de Faculdade.

Não há nos Anais uma explicação clara porque o SPS passou a ser Faculdade de Teologia e nem porque voltou a ser denominado Seminário Presbiteriano do Sul.

Conforme vimos, apesar da IPB contar hoje com sete seminários, a importância do SPS continua, pois ele é o pioneiro, tornando-se assim, modelo na filosofia de educação, no currículo e no corpo docente para os demais. Sua experiência mais que centenária, o grande número de alunos que já formou, a grande liderança (não só nacional, mas internacionalmente) que tem exercido, tudo isso faz dele ponto de referência, não só no âmbito presbiteriano, mas em todas as denominações evangélicas do Brasil.

Entra-se agora na História propriamente dita do SPS, da sua origem aos dias atuais que, como se percebe, é uma longa história.

1.1 O SEMINÁRIO PRIMITIVO: 1867 - 1870

O primeiro missionário presbiteriano no Brasil, o Rev. Ashbel Green SIMONTON, que aqui chegou no dia 12 de agosto de 1859, aportando na cidade do Rio de Janeiro, havia se formado em teologia no Seminário de Princeton. Seus pais eram de família média-alta americana. O pai era médico, o Dr. William Green, que posteriormente entrou para a política e elegeu-se deputado estadual pelo Estado da Pennsylvania. Morreu quando SIMONTON tinha apenas treze anos. Sua mãe, senhora

⁶ FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.II, p.80-84.

Marta Davis, era filha de um conhecido pastor presbiteriano, o Rev. Snodgrass. Como se percebe, SIMONTON herdou tanto do pai como da mãe uma formação espiritual e intelectual que marcaria profundamente sua curta vida, bem como seu breve ministério em terras brasileiras.

SIMONTON nasceu em West Hanover, no município de Dauphin, Pensylvania em 1833 e faleceu em São Paulo (capital) a nove de dezembro de 1867, vítima de febre amarela. Seu corpo se encontra sepultado no Cemitério protestante da Consolação em São Paulo, ao lado de outro ilustre pastor presbiteriano, o Rev. José Manuel da Conceição o primeiro pastor presbiteriano brasileiro ordenado. Interessante notar que o Rev. Conceição era um ex-padre católico e que fora ordenado sem cursar um seminário presbiteriano, uma vez que sua conversão ao presbiterianismo antecedeu à criação do primitivo Seminário do Rio de Janeiro.

Apesar de SIMONTON viver apenas oito anos de trabalho missionário, sua obra não é pequena; pelo contrário, é um marco importante no desenvolvimento do presbiterianismo brasileiro. Segundo RIBEIRO⁷:

“Entre outras numerosas realizações de SIMONTON - todas fecundas em resultados magníficos e perduráveis - destacam-se: fundação, no Rio de Janeiro, da Imprensa Evangélica, a 5 de novembro de 1864, primeiro órgão presbiteriano de propaganda da verdadeira doutrina cristã; organização, em São Paulo, do Presbitério do Rio, a 16 de dezembro de 1864 e a criação do Seminário Teológico, no Rio a 14 de maio de 1867, data em que tiveram início as aulas, com a presença de quatro estudantes matriculados: Antônio Bandeira Trajano, Modesto Perestrelho Barros de Carvalhosa, Antônio Pedro Cerqueira Leite e Miguel Gonçalves Torres, os quais se tornaram vultos de grande projeção no cenário do Evangelismo Nacional”.

Embora tudo andasse bem com a evangelização, SIMONTON sentia necessidade de um preparo adequado para os novos vocacionados, isto devido a sua

origem universitária de Princeton, que exigia um bom preparo intelectual e teológico para os futuros pastores.

Cria-se, então, o primeiro seminário evangélico no Brasil, no dia 14 de maio de 1867, dia do início das aulas. O local era o campo Sant'Ana, 49, na cidade do Rio de Janeiro, depois 39, onde hoje é a Praça da República, perto do Corpo de

Bombeiros. Júlio Andrade FERREIRA, historiador oficial do presbiterianismo brasileiro, descreve com detalhes como era a vida no seminário primitivo, na sua obra "O Apóstolo de Caldas", sobre a vida do Rev. Miguel Gonçalves Torres. Dessa tiramos algumas importantes informações.

Os alunos do seminário primitivo foram:

*"Carvalhosa; sensato, calmo, era uma espécie de diretor interno. Antônio Pedro, músico habilíssimo, ensaiava proficientemente o cântico. Trajano e Miguel Torres, moços entusiastas e eloqüentes, faziam furor no Rio de Janeiro"*⁸.

Quanto ao prédio:

*"Os três andares desse prédio eram alugados pela Missão para reunir todo o trabalho evangélico. O primeiro andar era ocupado pela igreja... o salão do fundo funcionava a escola paroquial, em um quarto do centro estava o depósito de tratados e livros religiosos. O segundo era ocupado exclusivamente pelo seminário, ali moravam os estudantes, funcionavam as aulas e estava tudo o que pertencia a este instituto teológico. Este andar era conhecido até entre os membros da igreja por seminário"*⁹.

Quanto aos alunos, eles não só ensinavam como também eram professores, lecionando na escola paroquial. *"Modesto ficou lecionando inglês; Antônio Pedro,*

⁷ RIBEIRO, Domingos - Origens do evangelismo brasileiro (Esboço histórico). Rio de Janeiro, Est. Graf. Apollo, 1937.

⁸ FERREIRA, Júlio Andrade - O apóstolo de Caldas, São Paulo, Edição da Gráfica Renascença, sem data. p.19.

música; Trajano, geografia e aritmética e Miguel Torres, gramática". Como se percebe, desde o início havia um envolvimento dos futuros pastores com o ensino. Conforme FERREIRA¹⁰: *"com esta distribuição o ensino ficou mais regular e ampliado, e a escola teve muito maior desenvolvimento"*.

Foram professores do seminário primitivo os Rev. Ashbel Green SIMONTON (1833-1867), quem primeiro sentiu necessidade do seminário, lecionou teologia e Bíblia; Francis Joseph Christofer SCHNEIDER (1832-1910), que era alemão de nascimento, mas que tornou-se cidadão americano. Foi o terceiro missionário presbiteriano no Brasil que aqui veio para tentar alcançar as colônias de imigrantes alemães, porém não teve êxito na sua iniciativa. SCHNEIDER ensinou matérias preparatórias no seminário primitivo.

Outro professor foi o Rev. Karl Wagner GROBEN, pastor luterano enviado pela missão de Basileia. Foi pastor da Igreja Luterana do Rio de Janeiro e lecionou História da Igreja e Grego no antigo seminário, no período de 1867 até 1870, no fechamento do seminário.¹¹

Assim, com a morte de SIMONTON (12/1867) e a transferência de Alexander Latimer BLACKFORD (1824-1890) de São Paulo para o Rio de Janeiro, o seminário recebe um novo aluno, aliás, o único brasileiro: Antônio Pedro Cerqueira Leite, pois os demais eram de nacionalidade portuguesa.

Quanto ao currículo:

⁹ FERREIRA, Júlio Andrade - O apóstolo de Caldas, São Paulo, Edição da Gráfica Renascença, sem data. p.19.

¹⁰ FERREIRA, Júlio Andrade - O apóstolo de Caldas, São Paulo, Edição da Gráfica Renascença, sem data. p.20.

¹¹ SILVA, Héleron da - "A era do furacão, o movimento fundamentalista e a Igreja Presbiteriano do Brasil". São Bernardo do Campo, UNIMEP, 1996. Tese de Mestrado em Ciência da Religião, obra não publicada. Neste capítulo encontram-se muitos subsídios no autor citado, a quem agradeço a liberdade para citá-lo.

“No primeiro ano dedicaram-se mais a preparatórios; no segundo estudavam grego e declamação, além de matérias que prosseguiram; no terceiro ano, além de Teologia e História Eclesiástica, eram obrigados a discutir temas, às sextas-feiras. Só no quarto ano estudavam Homilética. Além de estudantes e professores, tomavam parte no “ensaio” (isto é, crítica do sermão de prova), os presbíteros da igreja”.¹²

O Seminário Primitivo teve uma curta duração, pois a liderança ficou prejudicada com a morte precoce do Rev. SIMONTON e com a retirada do Rev. Wagner para Suíça, onde acabou falecendo. SCHNEIDER vai para a Bahia e BLACKFORD tira férias nos EUA. Com o fechamento do seminário primitivo, a questão da educação teológica dos novos pastores iria ter novos desdobramentos, mas isto iria ainda levar algum tempo.

Durante o período em que o seminário esteve extinto, o grande problema da educação teológica dos novos candidatos encontrou solução através do preparo dos futuros pastores num programa elaborado pelos próprios missionários.

Assim, conforme FERREIRA¹³, *“na reunião presbiterial de 1877, o Rev. Lenington, em nome da respectiva comissão, apresentou um programa de estudos para os candidatos ao ministério, compreendendo um curso de seis anos”*. Desses alunos, se destacam: Cândido Joaquim de Mesquita; Antônio Garcia Ferreira; Júlio Ribeiro (autor de “A Carne” e “Memórias do Padre Melchior Pontes”) e Joaquim Pereira de Camargo. É bom lembrar que nenhum deles entrou no pastorado, nem mesmo Júlio Ribeiro, que de acordo com o gramático SILVEIRA BUENO, teria sido ministro presbiteriano.

Dos que estudaram no programa especial proposto pelos missionários, embora com formação diversificada, conforme SILVA, foram ordenados os Rev. Manoel

¹² FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.I, p.61.

¹³ FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.I, p.126-127.

Antônio de Menezes (ordenação acontecida em Lisboa a 18/03/1880 por uma Comissão de pastores, sendo eles os Rev. Robert Stewart e Alan, ambos da Igreja Livre da Escócia, Rev. Moreton, da Igreja Metodista e Rev. Wernick, da Igreja Luterana). E, ainda, Rev. José Zacarias de Miranda, que mesmo cursando a Escola Americana, recebeu aulas com Rev. Howell; Rev. Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) que destinado a fazer direito acabou se tornando pastor e grande líder da igreja nacional. Pereira estudou com os missionários George Morton e George Witehill Chamberlain. Rev. Alvaro Emydgio Gonçalves dos Reis (1867-1925), que estudou com Eduardo Lane, missionário da Junta Nashville, radicado em Campinas. Reis vai ser um dos notáveis do ministério presbiteriano, como professor e pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Finalmente, dessa geração, temos ainda o Rev. Caetano Nogueira Jr. que acompanhou Miguel Gonçalves Torres e tomou-se líder no Sul de Minas. Essa segunda notável geração de pastores não cursou um seminário formal.

1.2. SEMINÁRIO DO SÍNODO – 1888.

Após um longo período sem uma definição clara sobre a formação teológica dos novos pastores, a igreja nacional sentiu necessidade de novamente trazer em pauta a criação de um seminário que seria então definitivo para a vida da Igreja Presbiteriana do Brasil.

O capítulo que introduz a questão da criação do seminário é chamado por FERREIRA¹⁴, na sua obra “História da Igreja Presbiteriana do Brasil - “O pomo de discórdia”. A questão que se levanta é por que o historiador oficial da própria denominação coloca um título tão pejorativo num dos mais importantes acontecimentos históricos da vida da Igreja Presbiteriana do Brasil?

¹⁴ FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.I, p.245-245.

Segundo FERREIRA, o conflito se deve à visão das duas missões presbiterianas que estavam atuando no Brasil, a Missão de Nova Iorque, no caso, representante da Igreja Presbiteriana do norte dos EUA, e a Junta Missionária de Nashville, representando a Igreja Presbiteriana do sul dos EUA.

Embora separadas nos EUA pela “Guerra da Secessão”¹⁵ (1861-1865), aqui no Brasil elas se unem para criarem o Seminário Teológico do Sínodo, pois as divergências eram lá, não cá.

Quando FERREIRA chama a atenção para o “Pomo da discórdia”, ele busca provar sua afirmação por meio dos conflitos gerados pela política eclesiástica das duas missões. Mas, é outro historiador, Boanerges RIBEIRO¹⁶, quem entra em detalhes sobre quais eram realmente os motivos geradores de conflitos.

Vejamos, nas palavras de RIBEIRO, os motivos das divergências:

“Lugar da educação da igreja nascente, não recebia respostas iguais dos missionários que compunham o presbitério e o dirigiam; com os debates e os anos, as divergências se ampliaram e se propagaram. Os Rev. Blackford e Howell queriam escolas auxiliares de evangelização e da catequese: uma rede de escolas paroquiais em São Paulo, coroando a Escola Americana, a “Training School”, onde haveria curso teológico para os futuros pastores e classe normal para mestres das escolas paroquiais. Foi isso que o presbitério pediu em 1875. Para isso, Chamberlain levantou fundos nos Estados Unidos.

O Rev. Morton, da outra igreja norte-americana, a do Sul, queria instituir a escola de estadistas e pais da pátria, a matriz da futura liderança social brasileira no seu Colégio Internacional de Campinas, fundado em 1873. Era uma visão gloriosa.

¹⁵ Guerra civil que dividiu os EUA entre o Norte (anti escravagista) e o Sul (escravagista)..

¹⁶ RIBEIRO, Boanerges. A Igreja Presbiteriana do Brasil: da autonomia ao cisma. São Paulo, Livraria O Semeador LTDA, 1987. p.212.

O Rev. Chamberlain era uma espécie de síntese: votava com seu presbitério pelas escolas paroquiais e pela "Training School", para cuja construção levantou fundos; não lhe repugnava porém, a Universidade Protestante, também gloriosa. Entre Chamberlain e Howell a diferença é manifestada na inauguração do Internato dos Rapazes.

1885 - Chamberlain propõe cientistas; Howell pede a Deus evangelizadores.

Não vejo malícia em Chamberlain, nem conflito de intenções.

Por que não o Instituto Teológico Normal e a Universidade? O problema não era de qualidade ou de destino histórico, mas de prioridades. Como não houvesse dinheiro e pessoal para tudo ao mesmo tempo, qual vinha primeiro? Aceitou a decisão presbiterial de 1875 como prioridade e implementou-a (...). Se o equilíbrio de forças então reinante entre os missionários do presbitério não tivesse mudado (mudou). Mudou, e o caso do Seminário transformou-se em campo de batalha eclesiástico-administrativo: a formação dos futuros próceres religiosos (pastores) se fará toda ela na entidade religiosa (igreja), no sistema religioso; ou este se encarregará apenas, e talvez, do "curso profissionalizante", as disciplinas exclusivamente teológicas, deixando a "formação cultural", os preparativos para a escola secularizada, do sistema pedagógico?

Em outros termos: Não será exatamente nos anos de formação que os rapazes hão de imbuir-se dos valores e crenças da igreja, que depois deverão propagar na sociedade? Será indispensável uma escola preparatória para imbuí-los desses valores e crenças? E se forem entregues a escola secularizada, apostada em formar no Brasil, digamos, cidadão à imagem e semelhança da cidadania responsável norte-americana valores e crenças incluídos no "pacote" secularista: será de esperar-se que venham a ser convictos praticantes e propagadores dos valores e crenças da Reforma religiosa?"¹⁷

Como se vê, o problema do conflito fica entre o secular modelo americano e o religioso modelo da Reforma.

¹⁷ RIBEIRO, Boanerges. A Igreja Presbiteriana do Brasil: da autonomia ao cisma. São Paulo, Livraria O Semeador LTDA, 1987. p.212-214.

O autor é muito arguto quando mostra a profundidade da visão dos missionários americanos que postulavam criar um modelo de estilo para os futuros pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil.

FERREIRA tem razão ao chamar o Seminário do Sínodo de “O pomo da discórdia”, pois ele sempre trouxe consigo o germen da luta teológica proposta pelos presbiterianos do Norte: um cristianismo fundamentalista versus um cristianismo mais liberal. Essas duas correntes, embora não tão fortes, ainda lutam dentro da igreja para manter seu poder de influência no Seminário de Campinas.

A verdade é que a igreja nacional estava crescendo num ritmo maior que o previsto e como consequência deste crescimento, os missionários já não conseguiam atender os vários campos em desenvolvimento. A qualidade da informação e formação dos novos convertidos à fé presbiteriana exigia professores catequistas que pudessem doutriná-los na nova fé.

HOWELL, com respeito ao assunto, registrou o seguinte em uma carta remetida ao Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States of America, em 1889:

“... a formação de ajudantes nativos é necessidade urgentíssima. Há anos venho escrevendo sobre isso e implorando, mas nada foi feito nem há perspectiva próxima que algo será feito. Na situação atual de nosso trabalho aqui uma instituição para treinamento de ajudantes nativos tem mil vezes mais importância para nós que a grande Universidade em São Paulo, embora eu reconheça que uma Universidade seria benéfica”.¹⁸

Tal impasse iria criar posterior problemas na política eclesiástica da Igreja Presbiteriana do Brasil, a ponto de fomentar uma séria questão educacional: onde deveria ser criado o futuro seminário: São Paulo, junto ao colégio Mackenzie? Ou

¹⁸ HOWELL – apud Boanerges RIBEIRO, p.215..

Campinas, junto ao Colégio Internacional? Tal questão se arrastou por muito tempo, tendo Campinas prevalecido sobre a localização em São Paulo.

1.3. OS VÁRIOS LOCAIS DO SEMINÁRIO DO SÍNODO

Como já vimos, o primitivo Seminário do Rio de Janeiro encerrou suas atividades em 1870, e somente Antônio Trajano e Modesto Carvalhosa concluíram o curso. Foram ordenados pastores após a licenciatura tendo tido, portanto, uma formação acadêmica formal.

Uma vez instalado o Sínodo em seis de setembro de 1888, no dia 8 de setembro de 1888 entra uma proposta para a criação de um Seminário Teológico, cujo teor é o seguinte:

*“que o Sínodo estabeleça um Seminário ou classe teológica o mais breve possível e que este seminário tenha ao menos dois professores”.*¹⁹

O relatório foi aprovado no mesmo dia, e a mesma comissão ficou encarregada de propor os meios para rápida instalação de um seminário.

É sábado, oito de setembro. Na segunda-feira, a Comissão relata pedindo definição de duas preliminares urgentes: **local do seminário e escolha de professores.**

Contudo, a escolha do local e professores não foi fácil, pois a rivalidade entre São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro era potente. A pergunta é onde seria localizado o seminário, e quem seriam seus professores?

¹⁹ FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.I, p.245-247.

Conforme FERREIRA²⁰:

“O Sínodo achava urgente o seminário; as missões resolveram adiar a instalação. O Sínodo queria que fosse no Rio de Janeiro. Uma das missões o queria em São Paulo, outra, em Campinas. A questão é mesmo complexa. Os presbitérios deveriam respeitar as disposições missionárias e as missões suas relações mútuas”.

Na votação do Sínodo, em 1888, o local escolhido foi o Rio de Janeiro. Contudo, o seminário só ficou no papel. Só no segundo Sínodo, realizado em São Paulo, de 3 a 14 de Setembro de 1891, resolveu-se a mudança de local: Campinas obteve 23 votos; São Paulo, 12 votos e Caldas - MG, 2. Tal preferência por Campinas se deve ao fato do desaparecimento da febre amarela, que agora não era mais motivo para a sua não implantação. Contudo, ainda não foi desta vez que o Seminário se instalaria definitivamente em Campinas.

Embora o Rev. Eduardo Lane nutrisse esperança de ver o Seminário funcionando a partir de primeiro de abril de 1892, tal não aconteceu, pois a febre amarela voltou, e naquele momento a diretoria marcou uma nova sede para o Seminário: Botucatu. Entretanto, por vários motivos, incluindo o problema de professores, no caso o Rev. Porter, declinando do cargo, novamente a diretoria mudou o rumo da instalação do Seminário, sendo escolhido Nova Friburgo. Desta feita as coisas funcionaram e assim, em novembro de 1892, teve início as aulas no Seminário Presbiteriano de Nova Friburgo. O Seminário, porém, funcionou com um único professor, o Rev. John Rockwell Smith.

Como vimos, foram muitos os lugares propostos para funcionar o Seminário: Rio, Lorena, Caldas, Campinas, Botucatu e Nova Friburgo.

²⁰ FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.I, p.245-247.

Assim, o Seminário, criado em setembro de 1888, começa a funcionar somente em novembro de 1892, somente, portanto, quatro anos após sua criação no papel e com um único professor John Rockwell Smith, que será mais tarde conhecido como “Pai do Seminário Presbiteriano”.

Segundo SILVA²¹, embora chamado de Dr. Smith, na realidade era Bacharel em Artes, pela Universidade de Virgínia e Bacharel em Teologia pela Union Seminary. Foi o pai ou fundador do Seminário, ao qual dedicou 26 anos de sua vida. Smith foi durante este período o único professor do Seminário, ensinando todas as disciplinas, mesmo sendo sua especialidade Teologia Sistemática.

Embora Thomas Porter e Eduardo Carlos Pereira também fossem nomeados professores pelo Sínodo, junto com Smith, Pereira negou-se a transferir-se para o Rio de Janeiro, abandonando seu pastorado em São Paulo, e Porter, por motivos outros, ficou impossibilitado de assumir o magistério na época, voltando para sua terra, os Estados Unidos.

A eficiência do mestre Rev. Smith se verifica no “Relatório da Diretoria”, reunida em Nova Friburgo, em 4 de setembro de 1894, para tomar conhecimento do serviço feito durante esse período. “Ficamos plenamente satisfeitos com o plano seguido pelo Dr. Smith, com a ordem dos estudos e o evidente progresso que os estudantes têm feito”.

“Atualmente três moços freqüentam as aulas, a saber: os Srs. Alberto Meyer, Franklin do Nascimento e Alfredo Guimarães, todos candidatos ao ministério. Sob os cuidados do presbitério, eles prestaram exames perante os membros da diretoria nas seguintes matérias: Ciência Mental; Ciência Moral; Hermenêutica, Retórica Sagrada, História do Velho Testamento até a Divisão do Reino; os Evangelho, História e Teologia Sistemática até Santificação. Estes exames foram todos aprovados (...)”.

²¹ SILVA, Héleron da - A era do furacão, o movimento fundamentalista e a Igreja Presbiteriana do Brasil. São Bernardo do Campo, UNIMEP, 1996. Tese de Mestrado em Ciência da Religião. P.99.

“Folgamos em ver o Dr. Smith com saúde restabelecida e devemos em grande parte o bom êxito dos novos planos ao vivo interesse que ele tem manifestado na educação de candidatos para o ministério e as suas habilitações como professor(...)”.

“Os Rev. Kyle e Trajano foram convidados pela Diretoria para ajudar no ensino, mas somente o primeiro pode tomar parte no ensino, lecionando História do velho Testamento no ano passado (...)”²².

Assinaram como diretores, os Rev. Chamberlain, Kyle, Wardlaw, Caetano Nogueira e Álvaro.

Conforme SILVA²³, “Eduardo Carlos Pereira resolveu criar seu próprio Seminário, denominado Instituto Teológico. Era tempo do “Plano de Ação”, uma campanha que visava a nacionalização da igreja presbiteriana. Recebeu apoio do entusiasmado Álvaro Reis, Herculano Gouvêa, Bento Ferraz e Schneider, fundando em 13 de fevereiro de 1893, o Instituto teológico, instalado em casa alugada à Alameda dos Bambus, n.º 56. Apenas um ano mais tarde, o grupo relatou o fato ao Sínodo (1894), legalizando esse ato e contando com o apoio de muitos ministros e presbíteros.

O progresso do Instituto Teológico foi tal que em 1894 o Sínodo fundiu os dois estabelecimentos (o Seminário de Nova Friburgo e o Instituto Teológico), transferindo o Seminário para São Paulo, o que se deu em 1895, servindo como professores John Rockwell Smith, vindo do Rio e o próprio Eduardo Carlos Pereira até o ano de 1900, quando se demitiu. Em 25 de janeiro de 1895, abriram-se em São Paulo, as aulas do Instituto Teológico, agora em dependências da 1ª Igreja.

²² FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.I, p.265.

²³ SILVA, Héleron da - A era do furacão, o movimento fundamentalista e a Igreja Presbiteriana do Brasil. São Bernardo do Campo, UNIMEP, 1996. Tese de Mestrado em Ciência da Religião. P.100.

Segundo LESSA²⁴, em 1895 haviam se formado: Francisco Lotufo e Manuel Alfredo Guimarães. Em 1896, o Instituto contava com os seguintes alunos: José Ozias, Randolfo Campos, André Jesen, Balamiro Garcia, Laudelino de Oliveira, Henrique Capps, Reinaldo Ribeiro, o poeta Alfredo Borges Teixeira, Erasmo de Carvalho Braga, José Higgins, Antônio Gonçalves, Vicente Themudo Lessa e Matatias Gomes dos Santos. Eram professores, além de vários pastores em São Paulo, Eduardo Carlos Pereira, o presbítero Remígio de Cerqueira Leite e o missionário Schneider, já idoso. A primeira turma de estudantes de Nova Friburgo e São Paulo que alcançou o ministério, em 1896, foi composta de Franklin do Nascimento, Manuel Alfredo Guimarães, Vicente Themudo Lessa, Erasmo de Carvalho Braga, Francisco Lotufo, José Higgins.²⁵

O conflito surgido entre os pastores nacionais e os missionários americanos provocou outra vez a mudança do Seminário de São Paulo para Campinas.

Como se percebeu até aqui, os pastores nacionais tem uma visão sobre quem deveria preparar os pastores para a igreja brasileira. Para os nacionais, o preparo do ministro não podia ser secularizado, competia à própria igreja dar a formação acadêmica dentro de um ambiente calvinista para seus pastores. Por outro lado, os missionários americanos, que tinham como modelo as escolas americanas, queriam e até lutaram para educar o clero presbiteriano brasileiro na Universidade Mackenzie, embora ainda estivesse no seu início.

São Paulo ou Campinas? Onde deveria funcionar definitivamente o Seminário? Eduardo Carlos Pereira havia obtido sucesso com seu seminário em São Paulo, afinal a própria igreja nacional havia dado apoio ao projeto a ponto de transferir

²⁴ LESSA, Vicente Themudo - Anais da 1ª. Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903), São Paulo, 1938. p.112.

²⁵ SILVA, Héleron da - A era do furacão, o movimento fundamentalista e a Igreja Presbiteriana do Brasil. São Bernardo do Campo, UNIMEP, 1996. Tese de Mestrado em Ciência da Religião. P.101-102.

os alunos e professores de Nova Friburgo para São Paulo, fundindo assim os dois seminários.

Porém, Campinas continuava forte concorrente. O grande problema, a febre amarela, que tantas vítimas fez e que assustou por demais os missionários americanos, estava sob controle, praticamente já não existia.

Campinas fica próxima da colônia americana de Santa Bárbara, onde devido às levas de colonos emigrantes que para cá vieram durante a sangrenta guerra civil americana, a chamada Guerra da Secessão (1864-1865), tornaria mais fácil a residência e a convivência dos professores missionários americanos.

Campinas já havia sido escolhida como sede das duas missões presbiterianas: a do norte e a do sul. A primeira, como já vimos, chegou em 1859 com o Rev. SIMONTON, à cidade do Rio de Janeiro, mas com sua morte em 1867, acaba sendo transferida para São Paulo, com o Rev. Alexander Lattimer Blackford, indo posteriormente para Campinas, onde em 1869 dos Rev. George Nash Morton e Eduardo Lane, membros da missão da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos residiam.

Outro fator importante para se optar por Campinas foi a criação e funcionamento do Colégio Internacional²⁶, obra dos missionários e que marcará profundamente a formação democrática republicana da elite campineira. Além do mais, Campinas era, nessa época, uma cidade em franco progresso social e econômico, sendo a cidade mais importante do interior paulista.

Como a decisão do Sínodo de 1888 foi de que o Seminário tivesse sua sede em Campinas, e como essa resolução não havia ainda sido cumprida, havendo, como

vimos, o Seminário se instalado em várias cidades, finalmente prevaleceu a decisão Sinodal. Assim, em 1907, com a transferência agora definitiva do Seminário de São Paulo para Campinas fica encerrado um dos episódios mais polêmicos na Igreja Presbiteriana sobre a questão da localização do Seminário.

Conforme SILVA²⁷: “Em 1906, a Igreja Presbiteriana adquiriu do ‘Executive Comitee of Foreign Missions’, com sede em Nashville, a propriedade pertencente ao antigo Colégio Internacional de Campinas. Um ano depois, o Seminário se instalou na cidade, nos altos da rua Dr. Quirino, na velha chácara onde funcionara o Colégio Internacional, fundado por Eduardo Lane e George Nash Morton”. O local do antigo seminário é denominado atualmente de Travessa George Morton.

Embora a decisão de transferir os professores e alunos de São Paulo para Campinas foi tomada em 1906, somente em 1907 aconteceu definitivamente a transferência. Foram quase vinte anos de incertezas, pois embora criado no papel para funcionar em Campinas, na prática, devido aos conflitos ideológicos entre americanos e nacionais, uma vez que as decisões quase sempre vinham dos missionários, o Seminário levou tempo para encontrar seu local.

Como se percebe na narração feita, o Seminário Presbiteriano foi a primeira instituição de ensino superior a funcionar em Campinas, antes mesmo da PUC ou UNICAMP. Os presbiterianos chegaram primeiro e por muito tempo lideraram o ensino superior na área Teológica Evangélica. Sabemos que os demais seminários evangélicos do país surgiram num período posterior. Vieram com as denominações aos quais pertencem.

²⁶ Quanto ao Colégio Americano verificar a obra de ALBINO: “Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana - 1869-1892”, Campinas, FAPESP, Centro de Memória, UNICAMP, 1996, excelente tese de Mestrado em História na USP.

²⁷ SILVA, Héleron da - A era do furacão, o movimento fundamentalista e a Igreja Presbiteriano do Brasil. São Bernardo do Campo, UNIMEP, 1996. Tese de Mestrado em Ciência da Religião. P.103-104.

Contudo, não pára aí a questão do Seminário, uma vez que quem passa pela Av. Brasil, 1200 e vê aquele suntuoso edifício com suas majestosas colunas gregas, questiona-se como construíram aquilo em 1888, afinal a placa de identificação diz: “Seminário Presbiteriano do Sul - Fundado em 1888”. O fato é que, o local onde se encontra hoje o Seminário, não é local onde ele começou em Campinas.

O Seminário primeiro funcionou nas antigas dependências do Colégio Internacional de Campinas, no alto da rua Dr. Quirino, Travessa George Morton, porém era necessário que houvesse mais espaço para seu crescimento e ampliação, pois estava em pleno desenvolvimento.

Assim, era devido ao crescimento e à aceitação do Seminário no meio do presbiterianismo pátrio, que as acomodações do antigo seminário já não comportavam o grande número de seminaristas, bem como a ampliação do quadro de professores. Era necessário mudar. Mas, para onde? Qual bairro de Campinas seria o ideal para abrigar as novas acomodações do Seminário? A resposta a essa questão nós encontramos através do professor Rev. Américo Justiniano Ribeiro, quando em seu discurso da comemoração dos 50 anos de mudança e da construção do Salão Nobre do Seminário, num gesto sábio, sendo testemunha ocular do Seminário nos últimos 50 anos, nos registrou um ótimo relatório não só sobre a transferência do Seminário do alto da rua Dr. Quirino, mas também sobre como foram construídos os prédios que compõem o atual acervo do Seminário.

As informações a seguir, encontram-se na “Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul”, nº 45. Ano LXIII, data jan/abr. de 1997, p. 70-77, sob o título, “Aniversário Seminário Presbiteriano do Sul”, do artigo que vem assinado pelo Rev. Prof. Américo Justiniano Ribeiro.

O autor fala sobre três aspectos importantes do Seminário: a “parte física da instituição”, a “Revista Teológica” e o “Instituto de Pastores”. RIBEIRO historia aquilo do qual participou diretamente, pois foi por vinte e dois anos professor da casa e como

tal, foi sempre atuante em todas as decisões que procuravam melhor desenvolvê-la. O próprio RIBEIRO reconhece que provavelmente a pessoa mais indicada para narrar os fatos históricos do seminário seria o Rev. FERREIRA, o principal historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil, contudo, pelo fato de Júlio ser o homenageado, compete a ele, Américo RIBEIRO, destacar a importância histórica do Seminário, nesses últimos 50 anos.

Começamos pela parte física: a área do campus do Seminário possui 16.000 km². Foi comprada por preço simbólico do Rev. Eduardo Lane, pai do presbítero, médico e professor aposentado da Faculdade de Medicina da UNICAMP, Dr. Eduardo Lane. Não se menciona o valor.

“Protegida por sólido alambrado, a área comporta, além dos edifícios, duas excelentes quadras de esportes, a casa em que reside o deão, bem como, amplo espaço livre, gramados e cobertos de árvores frondosas, na parte extrema, que aponta para a cidade. Essas árvores foram plantadas pelo Rev. Eduardo Lane”.

“Com relação aos edifícios, começamos pelo principal. Há exatamente 50 anos, ou seja, no dia 8 de setembro de 1946, reunia-se um grupo de presbiterianos, nesta altura da então poeirenta Avenida Brasil, a fim de lançar a pedra fundamental do edifício em que nos encontramos. Portanto estamos vivendo hoje um dia histórico. Há exatamente meio século, nesta mesma data, foi lançada a pedra fundamental deste prédio. Do outro lado da avenida erguia-se um extenso e cerrado bosque de eucaliptos”.²⁸

Fazem parte da cerimônia, os Rev. Benjamim Moraes, presidente do Concílio Maior da Igreja, Rev. Guilherme Kerr, reitor do Seminário, Rev. Pascoal Pitta, presidente da Comissão de Construção.

Não houve dinheiro das missões, a obra agora é da Igreja Presbiteriana e ela que resolveu fazer uma campanha em nível nacional para construir a sede do novo

²⁸ RIBEIRO, Américo Justiniano - Aniversário Seminário Presbiteriano do Sul. *Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul*, n° 45. Ano LXIII, data jan/abr. de 1997, p. 70-77, sob o título.

seminário na Avenida Brasil, no bairro Guanabara. O grande doador foi o Sr. Paulo Ferraz, na época co-proprietário do Açúcar União e relacionado com a Igreja Presbiteriana Unida, em São Paulo. Após três anos, isto em 8 de setembro de 1949, a primeira parte (a que tem frente para a Avenida Brasil) foi considerada em condições de ser ocupada pelos alunos. Esses ocuparam 14 quartos na parte térrea e algumas salas se tornaram em sala de aulas.

Segue-se uma segunda etapa, que foi a construção do salão nobre. O Supremo Concílio autorizou uma campanha nacional para arrecadar, na época, 3 milhões de cruzeiros. Tal campanha teria a participação do Coral do Seminário e dos professores e alunos. Seria realizada não só em nível de São Paulo (capital), bem como por todo o Brasil. A idéia seria uma divulgação em nível nacional sobre a necessidade de se construir a nova sede do Seminário Presbiteriano do Sul, bem como ao mesmo tempo, mostrar à Igreja Presbiteriana do Brasil, o local e como eram formados seus pastores.

No entanto, apesar da grande movimentação para se iniciar a campanha, a mesma não aconteceu, pois, novamente, o Sr. Paulo Ferraz resolveu fazer uma doação sobre o valor orçado, com uma única condição; que fosse dedicada à memória de seus pais, o Sr. José Henrique e Dna. Theonesta Ferraz, a construção planejada. A diretoria aprovou a condição, pois afinal, a Dna. Theonesta Ferraz sempre fora uma presbiteriana convicta. Até hoje pode-se ver a placa de bronze com a dedicatória na porta principal do acesso ao auditório. Diante desta oferta e com o dinheiro em mãos, o auditório foi concluído em 18 meses e, portanto inaugurado no dia 8 de setembro de 1957.

O Seminário passa a ter o maior e mais completo auditório da cidade de Campinas, isto, claro, naqueles anos. Seu salão, considerado muito bonito para os padrões da época, era muito procurado para se fazer formaturas, casamentos, conferências e outros encontros sociais e culturais.

Trabalharam na obra da construção como engenheiros, as seguintes pessoas: Dr. Boanerges da Cunha Garcia (quem fez as plantas dos prédios), Santos Luiz Lavitola, Igor Sresnewky, Wladimir de Moura Santos, Laércio Brochado, Neander Kerr e Júlio Menezes. O administrador da obra foi o presbítero Porfírio Martins, da Igreja Presbiteriana Central de Campinas.

Com a conclusão do Salão Nobre, iniciou-se a construção do segundo edifício, chamado de Raquel Pinheiro Martins, e que tem frente para a rua D. Pedro II. Raquel Pinheiro Martins era esposa do presbítero Porfírio Martins. Conforme RIBEIRO: ela tinha uma doença degenerativa que lhe deformava os dedos da mão e lhe causava dores horríveis, mas que jamais impediu o esposo de se dedicar à obra da construção supervisionando-a diariamente. Assim, achou por bem a diretoria prestar-lhe essa justa e merecida homenagem.

O novo edifício teria três pavimentos, sendo o primeiro dedicado a um amplo refeitório para trezentas pessoas e uma cozinha industrial toda equipada. Os andares superiores foram destinados aos dormitórios dos alunos, compondo-se de 30 quartos, com dois alunos em cada quarto. No total, abrigaria 60 alunos (hoje, o segundo pavimento abriga a Biblioteca John Kyle, com acervo, aproximadamente de trinta mil volumes). RIBEIRO não nos fornece a data da inauguração do referido edifício, apenas diz que foi concluído dentro do prazo previsto.

Concluídas as construções, o Seminário podia agora contar com um dos maiores conjuntos educacionais da Igreja Presbiteriana do Brasil. A mudança definitiva do Seminário do alto da Rua Dr. Quirino aconteceu em 1949, quando as primeiras instalações de frente para a Avenida Brasil estavam prontas.

Assim, a grande caminhada do SPS em Campinas se inicia em 1907, quase 20 anos após sua criação no papel, em 08 de setembro de 1888, no Primeiro Sínodo até 1949, quando consegue seu lugar definitivo, com uma construção própria na

Avenida Brasil. Foram 19 anos de criação até se fixar no alto da Rua Dr. Quirino e mais 42 anos para ter sua sede definitiva no bairro Guanabara.

Hoje, o Seminário procura manter o patrimônio com muita dificuldade, pois a verba orçada pelo Supremo Concílio (Assembléia máxima da IPB) não é suficiente para suprir as necessidades administrativas da instituição.

Sobre a história do Seminário não há muito mais a escrever. O clima na política eclesiástica educacional hoje é a descentralização. A tendência é criar novos Seminários Regionais a fim de atender as igrejas no seu próprio local. Assim, foram criados os seminários já mencionados no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia. Outros centros lutam e esperam oportunidades para criarem seus próprios seminários: Curitiba, Brasília e Terezina.

A igreja cresceu, o número de seminarista cresceu a ponto de quase saturar o mercado de trabalho da IPB. Já não se pode querer trazer todos os candidatos para o SPS, afinal são oferecidas hoje apenas 30 vagas no curso diurno e 30 vagas no noturno.

No entanto, o SPS é ainda o carro chefe da formação teológica dos pastores presbiterianos do Brasil. O que se faz ali é sentido em todos os demais seminários.

1.4. RESUMO HISTÓRICO DO SPS (1888-1998)

“O Sínodo, organizado a 06 de setembro de 1888, nomeou a 07 de setembro uma Comissão para tratar do estabelecimento de um Seminário e a 8 de setembro de 1888 votou o parecer da referida Comissão criando essa escola.

- A 11 de setembro de 1888 foram eleitos professores os Rev. Alexander Latimer Blackford e Jonh Rockwell Smith, representantes das igrejas mães.

- A 8 de setembro de 1891 foram eleitos professores o Rev. Eduardo Carlos Pereira, ministro nacional, e o Rev. Thomas J. Porter, missionário, este para substituir o Rev. Blackford, que falecera no ano anterior.
- O Seminário foi instalado e começou a funcionar em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1892, sob a regência do Rev. Prof. J.R. Smith.
- A 25 de maio de 1895, transferido para São Paulo, incorporando elementos do Instituto Teológico, foi solenemente instalado nesta cidade.
- A primeira turma de estudantes de Nova Friburgo e de São Paulo que alcançou o ministério foi composta de: Franklin do Nascimento, Manuel Alfredo Guimarães, Vicente Themudo Lessa, Erasmo de Carvalho Braga, Francisco Lotufo e José Higgins.
- No dia 22 de março de 1899, inaugurou-se em São Paulo à Rua Maranhão, nº09, o prédio adquirido por subscrição nacional, prova evidente do interesse da Igreja Presbiteriana pela educação do seu ministério.
- Em 1901, durante a ausência do Dr. Smith, que em gozo de férias se retira para os Estados Unidos, assumiu o Dr. Samuel Gammon a direção das aulas do Seminário.
- Em 1906, a Igreja Presbiteriana adquiriu do "Executive Comitee of Foreign Missions", com sede em Nashville, a propriedade pertencente ao antigo Colégio Internacional de Campinas e constituída de um parque magnífico e de vários prédios com amplas e adequadas acomodações.

- Em 12 de janeiro de 1907, a sede do Seminário foi transferida de São Paulo para Campinas e, aos 02 de agosto do mesmo ano, foi o Rev. Erasmo Braga eleito professor.
- Em 12 de maio de 1909, o Dr. Thomas Porter, representante do “Board of Foreign Missions” de Nova Iorque, assumiu o cargo de professor.
- No primeiro semestre de 1912, o Rev. Georg E. Henderlite, do Seminário de Garanhuns, esteve em Campinas como lente substituto, ensinando matérias referentes a exegese do Novo Testamento.
- Em fevereiro de 1915, a Assembléia Geral instituiu a “Cadeira Simonton”, em memória do Rev. Ashbel Green Simonton, pioneiro presbiteriano no Brasil, e elegeu serventuário dessa cátedra o Rev. Herculano de Gouvêa Júnior.
- Em dezembro de 1917, a Diretoria resolveu que, de 1919 em diante, os candidatos fossem sustentados pelos respectivos presbitérios.
- A 09 de abril de 1918, depois de quarenta anos de magistério teológico, faleceu o Rev. J. R. Smith, professor emérito e reitor do Seminário.
- A 09 de junho de 1918, a Diretoria, de acordo com o “Executive Committee of Foreign Mission”, de Nashville, designou para preencher a vaga do Rev. Smith, o Rev. James Porter Smith, seu filho, que nesse mesmo ano, entrou em exercício como lente em Comissão.
- Em fevereiro de 1920, foi eleito catedrático pela Assembléia Geral, o Rev. James Porter Smith e, o Rev. Miguel Rizzo Júnior foi designado para substituir o Rev. Erasmo Braga, a quem se concedeu licença para trabalhar na Comissão Brasileira de Cooperação como secretário de Publicidade.

- Em janeiro de 1922, a Assembléia Geral aceitou a resignação do cargo que o Rev. Erasmo Braga ocupava no Seminário, conferindo-lhe o título de professor emérito e em seu lugar, elegeu catedrático o Rev. Miguel Rizzo Júnior.
- Em agosto de 1922, entrou em exercício o Rev. Roberto Daffin, indicado pela “West Brazil Mission”, para substituir o Rev. James Porter Smith, que em gozo de férias se retirou temporariamente para os Estados Unidos.
- Em dezembro de 1922, a Diretoria encarregou-se o Rev. Prof. Roberto Daffin de dirigir a campanha dos cem cantos. O Rev. Daffin conseguiu realizar amplamente a incumbência que recebera, tendo levantado mais de cem contos para o patrimônio do Seminário. Instituiu-se então, a “Cadeira Smith”, em homenagem ao Rev. Dr. John Rockwell Smith, primeiro professor do Seminário.
- Em 1925, o Rev. Constâncio Homero Omegna, assumiu a direção do curso de Filosofia e Letras, anexo ao Curso Teológico.
- Fundou-se em 1923, a “Sociedade Amigos do Seminário”, que tem prestado inestimáveis serviços a nossa instituição teológica.
- A diretoria nomeou em 1924, o Rev. Roberto Duffin para substituir o Rev. Miguel Rizzo Júnior, que entrou em gozo de licença, sendo incumbido de ensinar hebraico durante este tempo, o Rev. Theodomiro Emerique.
- O Rev. Roberto Frederico Lennington substitui em 1926, o Rev. Dr. Thomas Porter que se retirou temporariamente para os Estados Unidos. Em fevereiro de 1926, a Assembléia Geral elegeu por dois anos e em fevereiro de 1928, definitivamente, o professor de hebraico e Literatura do Velho Testamento, o Rev. Willian Cleary Kerr.

- No dia 14 de maio de 1927 faleceu o Rev. Constâncio Homero Omegna, professor do Curso de Filosofia e Letras.
- Em julho de 1930, o Rev. José Carlos Nogueira, substituiu o Rev. James P. Smith que foi aos Estados Unidos em gozo de férias.
- Em 1932, o Rev. Dr. Roberto Frederico Lenington, eleito pela “South Brazil Mission”, substituiu definitivamente na cadeira de História Eclesiástica, o Dr. Thomas Porter.
- Em 1933, fundou-se a cooperativa de alimentação que veio resolver o importante problema de fornecimento de pensão aos estudantes e isso por preço módico. A cooperativa é administrada e dirigida pelos próprios estudantes.
- Em 1934, a Assembléia Geral elegeu o Rev. José Borges dos Santos Júnior para ocupar a cadeira de Teologia Sistemática, em substituição ao Rev. James Porter Smith.
- Ainda em 1934, a Assembléia Geral elegeu professor do Seminário, o Rev. Jorge Goulart, que iniciou sua atividade didática em julho desse mesmo ano.
- Em 1935, passou a ser de dois anos o curso pré-theológico, anexo a nossa Faculdade de Theologia.
- Em fevereiro de 1938, o Supremo Concílio, reunido em Fortaleza/CE, autorizou a Diretoria a levantar, na Igreja, no tempo e da maneira em que julgar melhor, mais cem contos para o patrimônio. Também resolveu recomendar à Diretoria ou a congregação que iniciasse ainda nesse ano a publicação de uma revista teológica.

- Em março de 1936, a Assembléia Geral reunida em Caxambu, Estado de Minas, resolveu que o Seminário, de então em diante, passasse a denominar-se Faculdade de Teologia.²⁹
- Em 08 de setembro de 1946 é lançada a pedra fundamental do atual prédio do SPS com frente para Av. Brasil.
- Em 08 de setembro de 1949 é concluída a construção do prédio principal de frente para Av. Brasil 1200, são 14 quartos e salas de aula que são ocupadas pelos alunos, os alunos são transferidos da rua Dr. Quirino para o novo prédio.
- Em 08 de setembro de 1957 (após 18 meses de construção) é inaugurado o Salão Nobre, o maior auditório da cidade na época.
- Em 1966 surge o manifesto dos 15 que irá redundar numa crise de exoneração dos seguintes professores: Rev. Dr. Francisco Penha Alves; Rev. Mestre Julio Andrade Ferreira; Rev. Samuel Martins Barbosa e o Rev. Eliseu Narciso, todos demitidos por motivos da política eclesiástica que tomou conta da IPB a partir da Assembléia Geral Extraordinária em Julho de 1966 em Fortaleza.
- Em Julho de 1966 o SPS vive uma forte crise com a exoneração dos seus principais professores.
- Em 1967 surge o manifesto dos 37, desta vez são os alunos que saem a favor dos professores demitidos de forma injusta. Os alunos que não se retratam

²⁹ Resumo histórico apurado da Revista Teológica da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, nº 1, vol. Datado de novembro de 1939, p.32-35.

são proibidos de se matricularem novamente no SPS. Desta forma são dispersos pelos vários seminários teológicos do Brasil e da América Latina.

- Em fevereiro de 1968 ingressei no SPS (eu autor da monografia presente), onde me formei em 1972. Foi um período de cinco anos de tranquilidade, sobre a direção do Dr. Eduardo Lane e deonato do Rev. Américo Justiniano Ribeiro.
- 1988 reestruturação administrativa e de ensino SC-88 com juntas Regionais de Educação Teológica; criação das extensões S. Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Goiânia.
- 1992 É criado o programa de pós-graduação com base no SPS
- Em 1997 o SPS é alvo da presente monografia de mestrado do DEFHE da Unicamp. Fato único da sua história.

Capítulo 2

FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS DO SPS

2.1. A FIGURA DO PASTOR

Discutir os argumentos filosóficos com respeito a possível filosofia da educação usada no Seminário Teológico Presbiteriano do Sul é uma tarefa difícil, contudo não impossível. No entanto não é objetivo aqui estabelecer um debate sobre quais categorias podem ou não ser filosóficas, pois tal questão fugiria ao que se propôs-se a discutir neste capítulo - “os fundamentos educacionais que alicerçam o ensino no SPS” - e que servem como base doutrinária na formação do pastor presbiteriano.

Conforme mencionou-se anteriormente, as bases doutrinárias que regem o presbiterianismo em todo mundo são os chamados Símbolos da Fé Presbiteriana: a Bíblia, como única regra de fé e prática; a Confissão de Fé de Westminster (1643-1649); os Catecismos Maior e Menor e a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

Também é reconhecida pelos presbiterianos brasileiros a declaração do Sínodo de Dort, que são princípios calvinistas com respeito aos cinco pontos do calvinismo.

Com base nessas três fontes doutrinárias é que os presbiterianos procuram fundamentar a educação de seus pastores. Sem um conhecimento mais profundo do que sejam cada uma dessas fontes torna-se muito difícil conhecer o processo de formação pastoral do ministro presbiteriano.³⁰ Escrever sobre a formação do pastor presbiteriano exige a necessidade de conhecer a figura que o pastor representa na tradição do pensamento reformado calvinista, bem como na própria Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Anterior ao pensamento dogmático teológico, há o pensamento bíblico, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Assim, antes de buscar a tradição histórica, buscar-se-ão as bases bíblicas, de uma maneira exegética, depois se analisará a figura do pastor na tradição teológica reformada, especialmente em CALVINO, e em seguida a definição e função do pastor na Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Concluída a conceituação da figura do pastor passaremos à segunda parte deste capítulo que versa sobre as bases doutrinárias dos fundamentos educacionais do SPS.

2.1.1. A FIGURA DO PASTOR NOS ESCRITOS SECULARES

³⁰ Os presbiterianos também visam o termo ministro para seus pastores, embora isso não seja tão comum hoje.

A figura do pastor e da ovelha não é algo muito comum na cultura ocidental, de modo especial na tradição agropecuária brasileira. Nós não possuímos um grande rebanho de ovelhas. Ocasionalmente, no sul do Rio Grande do Sul é possível encontrar um rebanho razoável de ovelhas.

Isso nos esvazia de certa forma do conteúdo e significado da palavra “pastor”, pois ela é algo alienada da nossa cultura. Quem de nós conhece literalmente um pastor de ovelhas? É possível, porém, é raro tal fato. Contudo, no mundo bíblico, que estava inserido dentro da cultura oriental nômade e dentro dos padrões geográficos do Oriente Médio é possível entender a figura do pastor e a profundidade do seu relacionamento com o rebanho.

Portanto, para melhor entender o sujeito da nossa monografia que é o Pastor, vamos buscar primeiramente o significado da palavra na sua origem e como ela ocorre no grego clássico, no Velho Testamento e no Novo Testamento.

A palavra *poimhn* (*poimén*), pastor *poimhn* (rebanho), é uma palavra de origem indo-européia (no lituano *piemu*) significa “boiadeiro”, “pastor” que freqüentemente se emprega em sentido metafórico de “líder”, “governante”, “comandante” (Homero, Platão). Também é empregada como alternativa para *nomeus*, legislador. *Poimano* significa ser pastor, “pastorear” (no ativo e no médio); metaforicamente: “cuidar de”.

Platão emprega a palavra no sentido religioso quando compara os governantes da cidade-estado com os pastores que cuidam do rebanho, porque o pastor humano é uma cópia do divino pastor e legislador. (Política 271e)

No Oriente Antigo, já em data recuada, “pastor” era um título de honra que se aplicava a soberanos e divindades de igual modo. Este uso da palavra se acha de forma esteriotipada nas listas dos reis sumerianos, nos registros da Corte da Babilônia

e nos textos das Pirâmides (os Livros dos mortos). O costume era seguido no decurso de toda a antigüidade.

Outro aspecto do emprego da figura do pastor aparece na poesia, tipicamente em Teócrito, Idílios (séc. III a.C.). A terminologia pastoral estava muito em voga em todas as partes do mundo helenístico.³¹

2.1.2. O PASTOR NA BÍBLIA

No Antigo Testamento, a palavra equivalente a *poimen* no hebraico é *ro'eh*, pastor. A Bíblia usa a figura do pastor e do rebanho numa relação de Javé e Israel. Javé é o arquipastor que procura guiar o povo judeu nas duras peregrinações no deserto. O texto do Antigo Testamento que nos dá detalhes desse relacionamento de profundidade entre a ovelha e o pastor é o Salmo 23. Ali, o salmista começa afirmando que Javé é o meu “pastor”. Quando faz essa afirmação, está demonstrando uma profunda consciência do seu relacionamento de dependência do pastor maior, daquele que está acima de todos os pastores, que é a quem ele (o salmista) chama de Senhor. A seguir, ele afirma: “nada me faltará”. Tal expressão é uma reafirmação de fé de que o Supremo Pastor suprirá todas as necessidades daquele que nele confia. Por que o salmista confia em Javé? Porque ele produz repouso em pastos verdejantes e conduz para junto das águas de descanso. Para um povo nômade que vive as turras com o deserto, sempre procurando o melhor pasto (o que não era fácil) e água fresca, o pastor é uma figura fundamental; o rebanho depende dele, pois as ovelhas, por si só ficam à mercê dos perigos do deserto, dos animais selvagens e sem qualquer possibilidade de sobreviver sozinhas. Elas são dependentes do pastor; sem seu cuidado, morrem. É nessa relação de dependência de um lado (o rebanho) e de orientação (o pastor) que procura-se ver neste trabalho o ofício pastoral tanto no AT como no NT.

³¹ BROWN, Colin. O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. VI. 3, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1985.

Conforme BEYREUTHER:

“O reconhecimento de que Javé era o Pastor de Israel desenvolveu-se a partir da viva experiência religiosa do povo e deve, portanto, distinguir-se do estilo formal do Oriente Antigo. Na invocação, no louvor, na oração por perdão, bem como na tentação e desespero (Salmo 73), os adoradores sabem que ainda estão seguros sob os cuidados de Deus, o fiel Pastor”.³²

Quanto ao judaísmo tardio, o que se pode afirmar é que os líderes do povo, os rabinos farisáicos, desprezavam o ofício de pastor na Palestina. Num tempo quando os salários eram baixos, os pastores eram suspeitos de serem desonestos. As pessoas piedosas eram proibidas de comprar lã, carne e leite dos pastores. Os privilégios cívicos (as funções de juiz e testemunhas) eram negadas aos pastores.³³

Como podemos ver, o termo pastor no AT passa por uma série de significados, desde o judaísmo legalístico, que exaltava a Moisés e Davi como pastores verdadeiros (no caso como líderes e ensinadores da lei), até o judaísmo posterior que tinha a capacidade de transferir a figura metafórica do pastor para o Messias, mas devido a sua radical oposição ao Cristianismo, não fez uso dela.

2.1.3. O PASTOR NO NOVO TESTAMENTO

A palavra *poimen*, pastor, ocorre nove vezes nos evangelhos sinóticos³⁴, seis vezes no Evangelho de João; uma vez em Hebreus, I Pedro e Efésios. É interessante notar que, embora o judaísmo posterior tivesse um conceito muito baixo da figura do pastor, que era considerado alguém indigno de viver dentro da sociedade, o NT, ao contrário, vai colocá-lo em destaque e em grande evidência.

³² Op. cit. pag.470.

³³ idem. P.471.

³⁴ Sinóticos: Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas

Conforme BEYREUTHER, os contemporâneos de Jesus desprezavam o pastor, mas foi esta metáfora que Ele (Jesus) empregou para glorificar o amor de Deus para os pecadores, e para revelar a sua oposição à condenação destes por parte dos fariseus (Lc 15, 4-6). Somente em Lc 2, 8-9, os pastores ocupam um papel importante no N.T., pois após isto só aparecem em parábolas e figuras de linguagem.

De acordo com os Evangelhos sinóticos, Jesus é o Pastor messiânico prometido no Antigo Testamento. Isto se verifica das seguintes maneiras:

1. Jesus começa a cumprir a função de pastor messiânico ao reunir as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 9,36; 10,6; 15,24). Jesus é o que reúne o rebanho sem pastor.
2. Jesus é o pastor que deve primeiramente morrer em prol do seu rebanho, e ressuscitar (Mt 26,31-32; Mc 14,27-28). Jesus aqui assume as palavras de Zc 13,7 e declara ser o Pastor prometido, já anunciado no AT. O pastor cuja morte vicária introduz a era da Salvação (15,53).
3. Na era da Salvação, o rebanho, o povo de Deus se reúne sob o Bom Pastor para estabelecer com Ele o julgamento do mundo, quando as nações estiverem reunidas ao redor do seu trono eterno.

No entanto, o clímax da figura do pastor é encarnada por Jesus no seu discurso no Evangelho de João, cap. 10, onde ele chama a si mesmo de Bom Pastor. Aqui, ele estabelece o relacionamento definitivo sobre a sua obra como o pastor do Salmo 23 e sua posição messiânica.

No seu discurso de João 10, a marca é o contraste com o ladrão das ovelhas, o falso pastor que vem para matar e destruir, que abandona as ovelhas, é mercenário, por isso não tem amor. Mas o Bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas,

chama-as pelos nomes, é conhecido e as conhece. Como Supremo pastor, Ele se torna modelo e estabelece os princípios que devem nortear os sub pastores.

Como podemos perceber, a figura de Jesus que chama a si mesmo de Bom Pastor permeará toda a vida da Igreja cristã como a metáfora-modelo do relacionamento do pastor e do rebanho.

Quanto à figura do pastor-mestre de Efésios 4,11, iremos trabalhar posteriormente dentro da visão calvinista dos dons dado a igreja.

Neste momento, será importante darmos uma rápida passada na História da Igreja para avaliarmos o sujeito deste estudo, que é o pastor, no transcorrer do chamado desenvolvimento do ministério eclesiástico, após o período bíblico até a visão presente da IPB.

2.1.4. O PASTOR NA HISTÓRIA DA IGREJA

2.1.4.1 Igreja Cristã Primitiva (100 -476 d.C.)

Embora a perspectiva bíblica estivesse bem definida em relação ao ministério pastoral, uma vez que o Novo Testamento torna claro através das parábolas e também dos discursos de Jesus o sentido do ofício do pastor, infelizmente, à medida em que a igreja começou a se distanciar dos líderes apostólicos muitas idéias e ensinamentos falsos começaram a se infiltrar entre os responsáveis pela doutrinação dos cristãos, entrando desta maneira conceitos alheios aos conceitos bíblicos. Portanto, o conceito do ministério pastoral também ficou afetado.

Conforme a citação de STIZINGER:

“O surgimento e desenvolvimento do sacerdotalismo com a elevação dos clérigos (pastores) à posição de sacerdotes transformou na prática o ministro

*(pastor) em um instrumento da graça salvadora de Deus, participando com ele da salvação dos seres humanos. Este desenvolvimento do ministério tríplice de bispos, presbíteros e diáconos representou um distanciamento sério em relação ao ministério descrito no Novo Testamento”.*³⁵

Contudo, apesar dos sérios desvios infiltrados na igreja pelo pensamento greco-romano, houve vozes fortes de oposição que continuavam a lutar pela visão bíblica de ministério. Entre elas se destacam Policarpo (70-55 d.C) que escreveu: “E os presbíteros devem também ter compaixão, ser misericordiosos para com todos os homens, trazendo de volta as ovelhas que estão se perdendo, visitando todos os enfermos, não negligenciando uma viúva ou um órfão ou um pobre”.³⁶

Outros líderes cristãos, como Clemente de Alexandria (155-220 d.C.), João Crisóstomo (347-407 d.C.), Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) contribuíram de uma forma bem positiva com seus escritos, dando continuidade ao pensamento bíblico sobre o sentido do ministério pastoral.

O próprio Agostinho, embora mais conhecido como teólogo e filósofo, devotou sua vida ao ministério pastoral, cuidando de doentes, escrevendo obras como a “Cidade de Deus”, procurando defender a fé cristã das acusações que lhe são movidas pelos pagãos romanos.

Tais nomes foram fundamentais para manter a visão pastoral bíblica.

2.1.4.2. O PERÍODO MEDIEVAL (476-1500)

Este é o período que mais distanciou-se da visão ministerial, conforme os padrões bíblicos. As duas características que definem o medievalismo eclesiástico

³⁵ STITZINGER, James F. O ministério pastoral na história. Apud. de “Redescobrimo o ministério pastoral, 1998, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, Rio de Janeiro, p.60-61.

³⁶ GOMES, Cirilo Folch. Antologia dos santos padres. São Paulo, Edições Paulinas, 1971. P. 46.

cristão foram: autoridade do clero e o celibato clerical. O padrão de autoridade está centrado em Roma, na pessoa do Papa Gregório, o Grande (540-604).

Gregório, o Grande, não foi apenas um grande articulador político e grande líder de visão social e missionária. Ele também foi, sem dúvida, um pastor que procurou através de seu livro “Regras Pastorais”, orientar e chamar à responsabilidade os seus sacerdotes, especialmente quanto as qualificações e responsabilidades pastorais dos mesmos. Ele ainda tratou dos pobres, dos tristes, tolos, doentes, etc.. A sua obra, “Regras Pastorais”, acabou se tornando o manual do ministério na Idade Média.

Embora esse período tenha se tornado conhecido pelas corrupções na corte papal e pelos desvios espirituais graves, houve mais uma vez homens que não se conformando com o estado de afastamento do ministério eclesiástico da frente original, lutaram para trazê-lo de volta à concepção bíblica da qual haviam se desviado.

Tal tentativa surgiu primeiro entre os movimentos dissidentes como os Paulicianos (625), os Cátaros (1050), os Albigenses (1140), os Valdenses (1180). A igreja, ao contrário de ver nesses movimentos religiosos uma oportunidade para corrigir os erros, posicionou-se contra, considerando-os hereges e de uma forma autoritária e violenta acabou por persegui-los e levá-los ao desaparecimento completo.

Tais movimentos, como os paulicianos, na sua obra mais importante denominada “A Chave da Verdade”, preocupam-se com a questão pastoral; bons pastores cuja responsabilidade incluem governo, pastoreio, pregação, cuidado e administração dos sacramentos eram seus líderes.³⁷

Os Valdenses, também separados da Igreja Romana, em 1184 formaram sua própria igreja e ministério. Tentaram formar um ministério conforme a simplicidade

³⁷ STITZINGER, op. cit. p.66.

bíblica e, posteriormente; foram incorporados ao movimento da Reforma, no ramo calvinista, continuando até hoje dentro dessa visão pastoral.

Outros dois nomes se destacam como autênticos pastores dentro deste período. São eles: WYCLIFFE (1324-1384), o chamado estrela matutina da Reforma e HUSS (1373-1415), reformador na cidade de Praga.

WYCLIFFE escreveu uma obra denominada “Quarenta e três proposições”, onde ele declara que a principal função do sacerdote é o cuidado com o pastorado, pois eles não devem ocultar-se em clausuras. Contudo, é no livro “Sobre o ofício pastoral” que ele se posiciona mais claramente. Ali, ele escreve o seguinte:

*“Há dois fatores que dizem respeito a posição do pastor: a **santidade** e a **integridade** de seu ensino. Ele deve ser santo, tão forte em toda espécie de virtude que prefira deixar todo tipo de relacionamento humano, todas as coisas temporais deste mundo, até a própria vida mortal, antes de pecaminosamente afastar-se de Cristo... Em segundo lugar, (ele) deve resplandecer retidão e doutrina diante de suas ovelhas”.*³⁸

HUSS seguiu basicamente a linha de WYCLIFFE de quem se tomara leitor e discípulo. Segundo HUSS,

*“Só havia dois ofícios na igreja primitiva, o de diácono e o de presbítero, os demais são invenções posteriores e humanas. Ele ainda ensinou que não é o sacerdote que faz ofício. Nem todo sacerdote é um santo, mas todo santo é um sacerdote”.*³⁹

TYNDALLE, posteriormente, foi o tradutor da versão moderna da Bíblia inglesa e abraçou o movimento da Reforma Anglicana. Sua preocupação pastoral com o ministério o levou a aceitar as mesmas teses dos nomes anteriores citados: WYCLIFFE e HUSS.

³⁸ cit. em STITZINGER, p.68.

³⁹ Cit em STITZINGER, P.68.

2.1.4.3. O PERÍODO DA REFORMA (1500-1648)

Entramos agora no período mais polêmico da história do cristianismo. Polêmico, por não haver uma única interpretação da Reforma religiosa promovida por LUTERO no séc. XVI, mas são várias as interpretações. Contudo, não faz parte do objetivo desta monografia enveredar-se pelos caminhos divergentes das interpretações do movimento, ou para alguns, da revolução religiosa, promovida de forma simultânea na Alemanha por LUTERO; na Suíça por Ulrich Zwinglio e Suíça francesa (Genebra) por CALVINO; na Escócia por John Knox e, finalmente, na Inglaterra por Henrique VIII.

É claro que aos olhos de cada intérprete sempre haverá pontos positivos e negativos sobre o efeito da separação promovida entre a Igreja Católica Romana. Contudo, o objetivo é destacar aqui os pontos que se referem aos conceitos pastorais. Não há dúvida para qualquer estudioso do assunto Reforma religiosa do século XVI, que os fatores econômicos, sociais, culturais e religiosos fazem parte de um todo e que tentar analisar apenas um fator seria arriscado, podendo-se perder a visão do todo; mas, no caso da monografia em pauta, acredita-se ser possível examinar a figura do ministro ou pastor sem trazer um prejuízo ao todo.

A Reforma foi uma séria tentativa de voltar a estudar a Bíblia e, sobretudo, de ouvi-la como livro texto dos cristãos, tanto ocidentais como orientais.

Nessa volta à Bíblia, LUTERO e os demais reformadores descobriram as doutrinas cristãs que se tornariam os pilares do protestantismo evangélico. São elas:

1. A Justificação pela Fé, em contraposição às obras como algo meritório para salvação;
2. Sacerdócio Universal dos Crentes, contra o monopólio sacerdotal da Igreja Católica romana;

3. Somente a Bíblia como fonte doutrinária e de autoridade, em contraposição à tradição eclesiástica e à autoridade da igreja, exercida pelos concílios. Esses pontos abriram caminho para o cristianismo reavaliar o conceito do ministério sacerdotal e assim dar um novo rumo ao significado da obra pastoral.

Dois nomes se destacam como líderes maiores da reforma religiosa do séc.XVI: LUTERO (1483-1543) e CALVINO (1509-1564).

“Ambos defendiam um sistema magisterial de Igreja Estado, crendo que qualquer reforma devia culminar num estado cristão. Ambos faziam distinção entre igreja visível e igreja invisível, entendendo a igreja invisível como a formada pelos eleitos. A idéia que faziam da igreja visível, criada por uma igreja Estado magisterial, impossibilitava uma doutrina simples de igreja e ministério. A diferença entre os dois era que LUTERO manteve na igreja as tradições que não são especificamente condenada nas Escrituras, enquanto CALVINO propôs incluir apenas aquilo que as Escrituras ensinavam de modo explícito acerca do ministério eclesiástico. Tais diferenças são refletidas na forma de adoração, o culto luterano manteve um ritual bem elaborado liturgicamente, enquanto o culto calvinista possui uma forma mais simples. Sabemos, portanto, que a doutrina de LUTERO sobre a igreja e o ministério era mais complexa e que sofreu várias mudanças ao longo de sua vida”.⁴⁰

Pode-se afirmar que no final o conteúdo da doutrina de LUTERO resume-se nos seguintes elementos, ou seja, contém os elementos chaves da pregação da Palavra - os sacramentos do batismo, o altar, as chaves da disciplina e do perdão cristão, um **ministério vocacionado** e consagrado, ações de graça, cultos públicos e o sofrimento, ou seja, a posse da santa cruz.

LUTERO destacou a importância do ministério do pastor como pregador da Palavra (Bíblia). Na sua visão, o ministério pastoral ia além da pregação, pois era também tarefa pastoral, ministrar o batismo, ministrar o pão e o vinho, ligar e desligar

⁴⁰ STITZINGER, op. cit. p.70-71.

pecados e o sacrifício. Sua ênfase ao cuidado pastoral foi muito grande, estando sempre ligada ao ministério da Palavra, ou seja, da pregação.

Vamos agora a CALVINO, afinal a monografia trata especificamente sobre a formação educacional do pastor presbiteriano e é nele, especialmente nos seus escritos sobre igreja e ministério, que os presbiterianos entendem encontrar a melhor hermenêutica bíblica sobre o assunto ministerial pastoral.

2.1.5. O CONCEITO DE PASTOR EM JOÃO CALVINO

CALVINO ficou conhecido como o exegeta da Reforma, pois enquanto LUTERO tinha Melancton como seu porta-voz, ele era o seu próprio porta-voz. Sua capacidade de estudar e escrever impressionava seus contemporâneos, pois o corpo das suas obras, editado em inglês, contém mais de oitenta volumes, incluindo suas cartas respondendo consultas teológicas feitas, ou animando os irmãos que estavam sendo perseguidos. Escreveu uma série quase completa de comentários bíblicos, contudo sua obra mais importante é “As Institutas ou Tratado da Religião Cristã”, finalmente traduzida para o português pelo Dr. Waldir Carvalho Luz.

CALVINO é muito pouco conhecido na língua portuguesa, pois suas obras levaram muitos anos (mais de quatrocentos) para serem traduzidas para o nosso vernáculo.

Provavelmente, o calvinismo foi quem mais tentou se aproximar do conceito bíblico de ministério, pois CALVINO busca seus conceitos na Bíblia que ele conhecia muito bem, afinal, completou toda a sua tradução, tanto do texto hebraico como do grego com apenas vinte e quatro anos.

É nas Institutas, no Livro IV, Capítulo III, sob o título “Dos Mestres e Ministros da Igreja e sua Eleição e Ofício”, que encontramos seu ensino principal sobre os ofícios de mestre e pastor.

CALVINO inicia que Deus confiou o ministério da sua igreja aos homens a fim de que os mesmos sejam seus instrumentos para inspirar humildade. Tais homens são valorizados por Deus, pois representam os intérpretes da vontade de Deus para o povo. Deus não fala ele próprio do céu, mas fala pelos homens, ministros da Palavra a fim de ser melhor compreendido, pois só o homem compreende melhor o próprio homem.

CALVINO também afirma que nada era mais apropriado para fomentar o vínculo do amor entre os homens do que estarem ligados entre si pela voz do pastor que fala uma única doutrina. Tal unidade se deve ao fato de que o pastor é ordenado por outros homens. O pastor reconhece a autoridade de Deus na vida do Concílio que o ordenou, e os demais reconhecem a autoridade divina da vocação pastoral daquele que eles ordenaram. Segundo CALVINO, o sagrado ministério é o nervo principal mediante o qual os fiéis são ligados a um só corpo (o corpo é a igreja).

De acordo com o mestre de Genebra, o ofício do pastor é o mais digno e excelente entre os demais, pois como o profeta afirma: “quão formoso são os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas...” Isaías 52,7. Continua ainda afirmando que, se não valorizar o ministério pastoral; a igreja poderá cair em vários erros doutrinários, uma vez que é mantida e governada pelos ministros que o Senhor sancionou para sempre.

Para CALVINO, há diversos ofícios eclesiásticos na igreja cristã primitiva. Sua visão parte do texto da Carta aos Efésios 4,11, onde se lê: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”.⁴¹

⁴¹ Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. São Paulo, 1994. Sociedade Bíblica do Brasil.

A partir da análise desse texto, CALVINO divide os ministérios em duas partes: os extraordinários - apóstolos, profetas e mestres; e os ordinários - pastores e mestres.

Quanto aos extraordinários, os apóstolos, sua função está definida na ordem de Jesus: "Ide e pregai o Evangelho a toda a criatura" (Mc 16,15). Não há para eles limites definidos, mas ao contrário, sua obediência às palavras de Jesus, levam-nos a anunciar o Reino de Deus por todo o mundo. O próprio Paulo, como apóstolo, recorda-se de haver pregado o Evangelho do Reino de Deus em cidades onde o mesmo nunca havia sido anunciado. Foram, portanto, os apóstolos, os verdadeiros construtores da Igreja Cristã, tendo eles lançado seus fundamentos em todo o mundo, mediante a obediência à pregação do Evangelho.

Profetas não são aqueles que interpretam a vontade divina, mas aqueles que são mais que excelentes numa única revelação.

Evangelistas são aqueles que são um pouco inferiores que os apóstolos em dignidade, mas no entanto estavam próximos a eles no ofício. Às vezes, até mesmo faziam o ofício de apóstolos, como Lucas, Timóteo e Tito. Os setenta discípulos designados em segundo lugar por Jesus após os apóstolos em Lucas 10,1.

De acordo com o pensador de Genebra, os ofícios extraordinários não fazem mais parte do ministério da igreja. Isto significa que, na atualidade, não temos mais apóstolos, mestres e evangelistas.

Entretanto, o próprio CALVINO admite que Deus pode, quando for necessário, em qualquer tempo, em circunstâncias especiais, levantar novamente esses ofícios para o bem da igreja.

Quanto aos ofícios ordinários: pastores e mestres, desses a igreja não pode prescindir nunca. Há entre pastores e mestres uma certa distinção: os mestres não se

envolvem com a disciplina, ministração dos sacramentos, nem admoestações ou exortações, pois estas são funções tipicamente pastorais. Os mestres apenas se dedicam à interpretação das Escrituras para que os fiéis possam reter entre si a pura e sã doutrina. Contudo, ao pastor, também cabe esta função. CALVINO afirma literalmente: “o mundo pastoral entretanto, em si contém estas funções todas”.⁴² Os ofícios ordinários são, portanto, permanentes na vida ordinária da igreja. E assim, nós temos os ministérios instituídos para permanecermos na vida da igreja.

Existe uma relação entre o mestre e o profeta e entre o pastor e o apóstolo. Tal relação se verifica na etimologia da palavra apóstolo igual a enviado. Como todos os ministros são enviados com uma ordem específica de anunciar o Evangelho ao mundo há uma certa relação, sendo os ministros do Evangelho e os apóstolos que os pastores também eram mensageiros.

Já os mestres mantêm uma relação de semelhança com os profetas. Da mesma forma como os profetas eram de maneira singular os responsáveis pela revelação do ensino, assim também os mestres têm essa função na vida da igreja.

Quando o Senhor enviou seus discípulos ao mundo deu-lhes instruções claras. Nessas instruções está contida a comissão de pregar o Evangelho e batizar todos os que cressem, para remissão dos seus pecados (Mateus 28,19). Contudo, antes disso já havia mandado que eles (os apóstolos) distribuíssem o símbolo de seu corpo e sangue. Esta é a lei imposta àqueles que sucedem o lugar dos apóstolos, pelo qual recebem o mandado da pregação do Evangelho e da administração dos sacramentos. Como consequência, quem negligencia esta função é um falso apóstolo.

Paulo, como apóstolo e ministro de Cristo, confirma as funções pastorais para as quais foi chamado e na sua obediência relata para a igreja de Efésios quais

⁴² Calvino, João. *As Institutas ou tratado da religião cristã*. Trad. Waldir Carvalho Luz, São Paulo, Casa Edit. Presb., 1989. Livro IV, Cap. III. Todas as citações de Calvino são da presente edição.

são elas: instruir o povo à verdadeira piedade; administrar os sacramentos mistérios (sacramentos: batismo e a ceia do Senhor); manter e aplicar a verdadeira disciplina. O que os apóstolos fizeram para o mundo inteiro, isto deve fazer cada pastor ao rebanho para o qual foi designado.

É necessário que cada pastor tenha a sua própria igreja, que não fique se intrometendo na vida de outras paróquias a fim de que tudo funcione corretamente e sem espírito de confusão.

Se um pastor for designado para mais de uma igreja, não haverá problema quanto a isso, pois se uma igreja resolver se ajuntar a outra para poder melhor pagar seu ministro, nada há de contrário na lei de Deus.

Segundo CALVINO, o pastor não deve ficar andando de igreja a igreja, correndo de forma incerta para lá e cá, de forma desordenada; ao mesmo tempo, não devem todos correr ao mesmo tempo para o mesmo local, deixando igrejas vagas. Ao contrário, cada pastor deve se contentar com a igreja que lhe foi designada pelo Concílio, mesmo que isso possa trazer certo desconforto.

Tal colocação não é uma invenção humana; é uma instituição do próprio Deus. Lemos que Paulo e Barnabé instalaram presbíteros nas igrejas de Listra, Antioquia e Icônio (Atos 14, 21-23), e Paulo mesmo instrui a Tito para constituir presbíteros em Creta e de cidade em cidade. (Tito 1,5).

CALVINO também trata dos diversos nomes pelos quais são chamados os ministros da Palavra em distinção de outros ofícios na igreja. De acordo com a nomenclatura usada: bispos, presbíteros, pastores e ministros têm o mesmo sentido nas Escrituras, e os nomes se equivalem um pelo outro.

Há vários textos bíblicos onde percebemos que tal afirmação é válida. Em Tito 1,5 pode-se observar que Paulo manda Tito constituir presbítero de cidade em

cidade, e em seguida, acrescenta: “ora, convém que o bispo seja inculpável” (Tito 1,7). Em Filipenses 1,1, Paulo saúda a muitos bispos em uma só igreja. Em Atos 20,17 convoca os presbíteros de Éfeso, mas no mesmo texto ele os chama de bispos novamente. (Ef. 20,28)

CALVINO continua sua alocução afirmando que o elemento primário para o exercício de qualquer ofício eclesiástico é a convicção interior do chamado divino, pois qualquer pessoa que tentar entrar para os ofícios eclesiásticos (por sua própria vontade), será um falso ministro de Deus e estará prejudicando todo o Corpo de Cristo que é a Igreja Cristã. Como diz textualmente: “portanto, para que alguém seja considerado verdadeiro ministro da igreja, importa, primeiro, haja sido devidamente chamado (Hebreus 5,4)”.⁴³

No parágrafo 11 do mesmo livro IV, capítulo III, p. 52, das Institutas, CALVINO ensina que o chamado ministerial é duplo, ocorrendo da seguinte forma: há uma vocação interior e uma vocação exterior. Na vocação exterior há as seguintes questões: Com que? Quais? Como? E por quem devem ser investidos os ministros? E com que rito ou cerimônia devem ser instalados? Isto tudo está relacionado com respeito à ordem pública da igreja.

Quanto ao chamado interior, este está relacionado à convicção interior de que Deus quer no ofício de ministro da Palavra. O chamado sente uma forte compulsão interior motivada pela ação do Espírito Santo que é necessária para ouvir o que Deus diz e assim tornar-se ministro da Palavra.

CALVINO ainda afirma que: “A erudição associada à piedade e aos demais dotes do bom pastor lhe seja como um preparação. Aqueles a quem Deus chama, a

⁴³ CALVINO, João, op. cit. p.51-52.

esses também Deus equipa com as armas que são necessárias para o bom desempenho do pastorado".⁴⁴

Quanto ao **como**, CALVINO não se refere ao rito de eleger, mas ao temor religioso que deve ser observado durante a eleição. Esse temor deve ser manifesto nas orações e jejuos que precedem a eleição dos oficiais da igreja.

À terceira pergunta: **por quem** devem ser eleitos os ministros, o reformador de Genebra responde que é por Deus, mas usando, para tanto, os homens como instrumentos humanos para o processo de eleição, tal como no Novo Testamento, especialmente na escolha de Matias (At. 1,23-26) e na escolha do próprio Paulo (At 13,2). Portanto, é claro, no pensamento de CALVINO, que a igreja por meio de seus líderes participa do processo de escolha dos oficiais da mesma, através da eleição com as mãos levantadas, conforme o costume das cidades gregas antigas.

Uma vez eleitos, deviam os ministros ser ordenados. Como eram então ordenados os eleitos? O rito da ordenação é a última etapa do chamado para o ministério. Tal rito se dá pela imposição das mãos, quem sabe herdado dos judeus que impunham as mãos para apresentar a Deus aquilo que haviam consagrado e separado para Ele. Assim, pela imposição das mãos, estavam os apóstolos oferecendo a Deus aqueles que se iniciavam no ministério cristão.

A imposição das mãos tornou-se, portanto, a marca característica da ordenação dos oficiais no NT (At 6,6; 13, 2-3; IITm 1,6; 4,14) bem como em todo o processo da ordenação de oficiais na igreja cristã até os dias de hoje.

Vimos até aqui o ensino do mestre da Reforma, João CALVINO sobre o conceito, definição e conteúdo do ministério cristão, de forma mais especial, o ministério pastoral.

⁴⁴ CALVINO, João, op. cit. p.53.

Como várias igrejas ao redor do mundo, bem como a Igreja Presbiteriana do Brasil continuam a ser representantes do pensamento teológico doutrinário de CALVINO, é importante conhecer o que a Constituição da Igreja Presbiteriana ensina sobre o pastor e como se faz o pastor presbiteriano, de modo que assim, muitas dúvidas sejam dirimidas.

2.1.6. O PASTOR NA CONSTITUIÇÃO E PRÁTICA DA IPB

A constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil faz parte do chamado “Manual Presbiteriano”, documento elaborado pelo Supremo Concílio (a maior assembleia da IPB, que se reúne de quatro em quatro anos, nos anos pares), na reunião do ano de 1950, na cidade mineira de Presidente Soares, hoje denominada Alto Jequita.

Faz parte do Manual Presbiteriano: 1. Constituição da Igreja; 2. Código de Disciplina e 3. Princípios de Liturgia e do Culto Presbiteriano. Com aproximadamente cinquenta anos de duração, só agora parece que sofrerá mudanças. Embora muitas tentativas hajam sido feitas, parece-nos que agora, sob a liderança do Reverendo e advogado Silas de Campos, será reelaborada a nova Constituição da IPB.

Diante do exposto acima, o que se quer afirmar é que a figura do pastor presbiteriano continua a ter o mesmo sentido e importância que sempre teve dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil .

Vamos, portanto, conhecer melhor a figura do pastor presbiteriano, dentro da Constituição da Igreja (CI) no seu Capítulo IV, sessão 2ª.

Ministros do Evangelho:

"Art. 30 - O Ministro do Evangelho é o oficial consagrado pela Igreja, representada no Presbitério, para dedicar-se especialmente à pregação da Palavra de

Deus; administrar sacramentos (batismo e ceia do Senhor); edificar os crentes e participar com os presbíteros regentes do governo e disciplina da comunidade.

Parágrafo único: os títulos que as Sagradas Escrituras dá ao ministro de Bispo, Pastor, Ministro, Presbítero ou Ancião, Anjo da Igreja, Embaixador, Evangelista, Pregador, Doutor e Dispenseiro dos Mistérios de Deus indicam funções diversas e não graus diferentes de dignidade no ofício.

Art. 31 - São funções privativas do ministro: administrar os sacramentos;

a) invocar a bênção apostólica sobre o povo de Deus;

c) celebrar casamento religioso com efeito civil;

d) orientar e supervisionar a liturgia na igreja de que é pastor.

Art. 32 - O ministro, cujo cargo e exercício são os primeiros na Igreja, deve conhecer a Bíblia e sua teologia; ter cultura geral, ser apto para ensinar e são na fé; irrepreensível na vida; eficiente e zeloso no cumprimento dos seus deveres; ter vida piedosa e gozar de bom conceito dentro e fora da igreja.

Art. 33 - O ministro poderá ser designado pastor-efetivo, pastor-auxiliar, pastor evangelista e missionário.

§ 1º. É pastor efetivo, o ministro eleito e instalado numa ou mais igrejas, por tempo determinado (no mínimo dois anos, no máximo cinco anos) e também o ministro designado pelo Presbitério, por um prazo definido, para uma ou mais igrejas, quando estas, sem designação de pessoa, o pedirem ao Concílio.

§ 2º. É pastor auxiliar, o ministro que trabalha sob a direção do pastor, sem jurisdição sobre a igreja, com voto porém no Conselho, onde tem assento ex-ofício,

podendo, eventualmente, assumir o pastorado da igreja, quando convidado pelo pastor ou, na sua ausência, pelo Conselho.

§ 3º. É pastor evangelista, o designado pelo Presbitério para assumir a direção de uma ou mais igrejas ou de trabalho incipiente.

§ 4º. É missionário, o ministro chamado para evangelizar no estrangeiro ou em lugares longínquos na Pátria.

Vamos agora passar para o sustento do pastor. Vejamos o:

Art. 35 - O sustento do pastor-efetivo e do pastor-auxiliar cabe às igrejas que fixarão os vencimentos, com a aprovação do Presbitério. Os pastores evangelistas serão mantidos pelos presbitérios, os missionários pelas organizações responsáveis.

Art. 36 - São atribuições do ministro que pastoreia a igreja:

- a) orar com o rebanho e por este;
- b) apascentá-lo na doutrina cristã;
- c) exercer suas funções com zelo;
- d) orientar e superintender as atividades da igreja, afim de tornar eficiente a vida espiritual do povo de Deus;
- e) prestar assistência pastoral;
- f) instruir os neófitos, dedicar atenção à infância e à mocidade, bem como aos necessitados, aflitos, enfermos e desviados;
- g) exercer ,juntamente com os presbíteros, o poder coletivo de governo.

Art. 38 - A atitude do ministro deve ser superintendida pelo Presbitério, ao qual o ministro anualmente prestará relatório dos seus atos.

Creio que o que foi dito na Constituição é suficiente para dar uma visão do que é e o que faz o pastor no âmbito da IPB.

Há ainda no ar a pergunta como se faz um pastor na IPB, afinal até agora apenas falei quem ele é, como é e o que ele faz. Cabe agora voltar a CI/IPB e ver como ele é feito. O assunto é tratado no cap. VII da CI/IPB, intitulado "Ordens da Igreja".

Seção 1ª - Doutrina da vocação

Art. 108 - Vocação para ofício na Igreja é a chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e aprovação do povo de Deus, por intermédio de um Concílio.

Art. 109 - Ninguém poderá exercer ofício na Igreja sem que seja regularmente eleito, ordenado e instalado no cargo por um concílio competente.

§ 1º - Ordenar é admitir uma pessoa vocacionada ao desempenho do ofício na Igreja de Deus, por imposição das mãos, segundo o exemplo apostólico e oração pelo concílio competente.

§ 2º - Instalar é investir a pessoa no cargo para que foi eleita e ordenada.

§ 3º - Sendo vários os ofícios eclesiásticos, ninguém poderá ser ordenado e instalado senão para o desempenho de um cargo definido.

Seção 4ª - Candidatura e Licenciatura para o Sagrado Ministério

Art. 115 - Quem se sentir chamado para o ministério da Palavra de Deus, deverá apresentar ao Presbitério os seguintes atestados:

- a) de ser membro da Igreja em plena comunhão;
- b) do Conselho, declarando que, no trabalho da Igreja, já demonstrou vocação para o Ministério Sagrado;
- c) de sanidade física e mental, fornecido por profissional indicado pelo Concílio.

Art. 116 - Aceitos os documentos de que trata o artigo anterior, o Concílio examinará o aspirante quanto aos motivos que o levaram a desejar o ministério; e, sendo satisfatórias as respostas, passará a ser considerado candidato.

Art. 117 - Quando o Presbitério julgar conveniente, poderá cassar a candidatura referida no artigo anterior, registrando as razões de seu ato.

Art. 118 - Ninguém poderá apresentar-se para licenciatura sem que tenha completado o estudo das matérias dos cursos regulares de qualquer dos seminários da Igreja Presbiteriana do Brasil.

§ 1º - Em casos excepcionais, poderá ser aceito para licenciatura, candidato que tenha feito curso em outro seminário idôneo ou que tenha feito um curso teológico de conformidade com o programa que lhe tenha sido traçado pelo Presbitério.

§ 2º - O Presbitério acompanhará o preparo dos candidatos por meio de um tutor eclesiástico.

Art. 119 - O candidato, concluídos seus estudos, apresentar-se ao Presbitério que o examinará quanto a sua experiência religiosa e motivos que o levaram a desejar o Sagrado Ministério, bem como nas matérias do curso teológico.

Parágrafo Único - Poderá o Presbitério dispensar o candidato do exame das matérias do curso teológico; não o dispensará nunca do relativo à experiência religiosa, opiniões teológicas e conhecimento dos símbolos de fé, exigindo a aceitação integral dos últimos.

Art. 120 - Deve ainda o candidato à licenciatura apresentar ao Presbitério:

uma exegese de um passo das Escrituras Sagradas, no texto original em que deverá revelar capacidade para a crítica, método de exposição, lógica nas conclusões e clareza no salientar a força de expressão da passagem bíblica;

a) uma tese de doutrina evangélica da Confissão de Fé;

b) um sermão proferido em público perante o Concílio, no qual o candidato deverá revelar sã doutrina, boa forma literária, retórica, didática e sobretudo, espiritualidade e piedade.

Parágrafo Único - No caso do § 1º do **Art. 118**, poderá ser dispensada a exegese no texto original.

Art. 121 - O exame referente à experiência religiosa e quanto aos motivos que levaram o candidato a escolher o ministério, bem como a crítica do sermão de prova, serão feitos perante o Concílio somente.

Art. 122 - Podem ser de livre escolha do candidato os assuntos das provas para a licenciatura.

Art. 123 - Julgadas suficientes essas provas, procederá o Presbitério à licenciatura de conformidade com a liturgia da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Parágrafo Único - Poderá o Presbitério delegar a uma comissão especial o exame, a aprovação ou não, e licenciatura do candidato.

Art. 124 - O Presbitério, após a licenciatura, determinará o lugar e o prazo em que o licenciado fará experiência de seus dons, designando-lhe também um tutor eclesiástico sob cuja direção trabalhará.

§ 1º - O licenciado não poderá ausentar-se do seu campo sem licença do seu tutor.

§ 2º - O relatório das atividades do licenciado poderá ser apresentado ao Presbitério pelo seu tutor ou pelo próprio candidato à ordenação, mediante proposta do tutor e assentimento do Concílio.

§ 3º - O período de experiência do licenciado não deverá ser menos de um ano, nem mais de três, salvo casos especiais, a juízo do Presbitério.

Art. 125 - Quando o candidato ou licenciado mudar-se, com permissão do Presbitério, para limites de outro Concílio, ser-lhe-á concedida a carta de transferência.

Art. 126 - A licenciatura pode ser cassada em qualquer tempo, devendo o Presbitério registrar em ata os motivos que determinaram essa medida.

Seção 5ª Ordenação de Licenciados

Art. 127 - Quando o Presbitério julgar que o licenciado, durante o período de experiência, deu provas suficientes de haver sido chamado para o ofício sagrado e de que o seu trabalho foi bem aceito, tomará as providências para sua ordenação.

Art. 128 - As provas para ordenação consistem de

a) exame da experiência religiosa do ordenando, mormente depois de licenciado; das doutrinas e práticas mais correntes no momento; história eclesiástica, movimento missionário, sacramentos e problemas da Igreja;

b) sermão em público perante o Presbitério.

Art. 129 - O exame referente à experiência religiosa e a crítica do sermão de prova serão feitos perante o Concílio somente.

Art. 130 - Julgadas suficientes as provas, passará o Presbitério a ordená-lo, de conformidade com a liturgia da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Art. 131 - Se o Presbitério julgar que o licenciado não está habilitado para a ordenação, adia-la-á por tempo que não exceda de um ano, podendo esse prazo ser renovado.

Parágrafo Único - Se depois de três anos, o candidato não puder habilitar-se para ordenação, ser-lhe-á cassada a licenciatura e conseqüentemente a sua candidatura.

Art. 132 - Haverá na Secretaria Executiva do Presbitério um livro em que o recém-ordenado, logo após recebido como membro do Concílio, subscreverá o compromisso de bem e fielmente servir no Ministério Sagrado.

Parágrafo Único - Essa exigência aplica-se também aos ministros que vêm de outra Igreja evangélica.

2.2. OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DOUTRINÁRIOS DA EDUCAÇÃO DO PASTOR PRESBITERIANO

Para se ter uma compreensão mais clara dos objetivos do nosso estudo, é necessário que tenhamos uma visão do que estamos escrevendo. Como nosso assunto trata de pastor presbiteriano, necessário se faz que o sujeito (o pastor) da análise seja definido. Isso já aconteceu no item anterior. Compete agora falar sobre o predicado: presbiteriano.

Conforme a introdução geral, vimos que presbiteriano é um substantivo que se relaciona com o grupo religioso que tem suas raízes no movimento histórico da Reforma Religiosa do séc. XVI, especialmente sob a liderança de CALVINO (1509-1564), em Genebra, na Suíça e de Jonh Knox (1515-1572) na Escócia. O nome presbiteriano está ligado ao termo presbítero, que é no sistema de governo eclesiástico calvinista, o elemento chave para dirigir a igreja.

De maneira geral, o cristianismo pode ser visto da seguinte forma no que se refere às doutrinas: primeiro àquelas doutrinas universais dogmáticas que fazem parte de todos os grupos cristãos, sejam eles orientais (igrejas ortodoxas), ocidentais (vários ramos católicos) ou protestantes. São as doutrinas da existência de Deus; da criação; da Trindade; da sobrevivência ou vida além da morte por meio da ressurreição; do efeito do pecado sobre a humanidade; autoridade das Escrituras e da necessidade da salvação do pecador através do sacrifício feito por Cristo em favor do homem. Segundo, existem aquelas doutrinas que são exclusivamente integrantes das denominações que têm sua origem no movimento da reforma religiosa do séc. XVI. As denominações que representam de forma clássica são: os luteranos, os reformados (chamados assim para diferenciar dos protestantes luteranos) ou presbiterianos e os anglicanos. Outros grupos religiosos também surgidos após esse período, como consequência das idéias da reforma, foram os batistas, também chamados de anabatistas; os congregacionais; os menonitas e bem mais tarde, no séc. XVIII, os metodistas.

O que esses grupos têm em comum doutrinariamente são os pontos da reforma destacados por LUTERO e aceitos pelos demais reformadores, indiscriminadamente.

São os seguintes pontos doutrinários:

1. A Bíblia é a única fonte de regra de doutrina e prática (em contraposição à igreja católica romana que coloca a tradição e os concílios como fontes de autoridade);
2. A justificação somente pela fé (contra as obras como elementos justificatórios perante Deus);
3. O Sacerdócio universal dos crentes (contra o conceito sacramentalista da hierarquia do sacerdócio da igreja católica romana);
4. A Igreja reformada sempre se reformando (contra a idéia da perfeição da igreja católica romana);
5. O livre exame das Escrituras Sagradas, a Bíblia (contra a idéia de que o leigo não podia ter direito à leitura da Bíblia).

Todos os protestantes, bem como seus descendentes, reafirmam os pontos doutrinários nomeados acima.

O terceiro grupo são as doutrinas próprias ou características de cada denominação religiosa. Denominação tem um sentido religioso dentro do vocabulário teológico, referindo-se às religiões surgidas dentro do próprio protestantismo.

Não há interesse aqui em descrever-se sobre as outras denominações, mas destacar os pontos doutrinários teológicos que caracterizam os presbiterianos ao redor do mundo.

Para facilitar a leitura procurou-se dividir didaticamente o pensamento doutrinário presbiteriano na seguinte ordem: 1. Governo; 2. Culto; 3. Disciplina e Teologia.

2.2.1. GOVERNO

É na forma de governo que os presbiterianos têm seu ponto bem diferente das demais denominações cristãs, pois seu nome está ligado ao presbítero que é o oficial que empresta o nome para a própria denominação e nele centraliza-se a fonte de autoridade da igreja.

Há dois tipos de presbíteros: o **docente**, também denominado pastor, que conforme já vimos anteriormente dedica-se à pregação da Palavra (Bíblia), a ministração dos sacramentos e à supervisão litúrgica da igreja, tudo isso através de um tempo integral a sua comunidade. E, o **regente**, responsável pela administração e disciplina da igreja.

Os presbíteros são oficiais eleitos democraticamente pelos membros comungantes (que se batizaram e fizeram a profissão de fé)⁴⁵ por um período de cinco anos. São ele que vão formar, juntamente com os presbíteros docentes, os concílios que regem a vida das igrejas presbiterianas.

Os presbíteros regentes não têm tempo integral, nem salários, mas têm nos concílios autoridade igual a dos ministros, embora sejam leigos, eleitos democraticamente pelo voto livre da assembléia eclesiástica.

Outro tipo de oficial, são os diáconos, também leigos, eleitos por um período de cinco anos para se dedicarem à obra assistencial da igreja atendendo especialmente aos pobres, necessitados e enfermos. Os diáconos formam a Junta Diaconal que é regida por um regimento interno sob a orientação do Conselho.

Os Concílios:

São quatro os concílios presbiterianos, seguindo a seguinte ordem:

⁴⁵ rito de ingresso na igreja, após classe de catecúmenos.

- **Conselho:** tem jurisdição sobre a igreja local. Compõe-se dos presbíteros e pastor (ou pastores, quando houver mais de um). Reúne-se pelo menos uma vez por mês ou quando convocado. Faz-se representar anualmente através de um presbítero eleito pelos colegas no Presbitério.

- **Presbitério:** Concílio regional, também se compõe de pastores e presbíteros de várias igrejas de uma determinada região. Quatro igrejas e quatro pastores podem formar um Presbitério. O Presbitério se reúne uma vez por ano para avaliar e ouvir os relatórios das igrejas e pastores e para legislar sobre assuntos de interesse das igrejas que o compõe. O Presbitério é representado no Sínodo.

- **Sínodo:** é o Concílio que une os Presbitérios de uma região. Os membros do Sínodo são eleitos no Presbitério para serem seus representantes na sua reunião que acontece a cada dois anos, sempre nos anos ímpares. Três ministros e três presbíteros são a representação do presbitério no sínodo. O Sínodo compõe-se, no mínimo, de três presbitérios e mantém sempre um tribunal de recursos com juízes eleitos pelo Sínodo para um período de dois anos. No sistema presbiteriano, o Sínodo não tem personalidade jurídica.

- **Supremo Concílio:** esta é a assembléia máxima dos presbiterianos. Reúne-se de quatro em quatro anos e compõe-se de todos os presbitérios existentes, que ali se fazem representar por dois presbíteros e dois pastores, para presbitérios que tenham mais de dois mil membros. Quando forem mais mil, haverá mais dois representantes, um pastor e um presbítero para cada grupo de mais de mil membros. O Supremo Concílio reúne-se sempre nos anos pares. No seu interregno é dirigido por uma Comissão Executiva, da qual são membros os presidentes em exercício dos Sínodos.

Só essa assembléia máxima tem poderes para mexer na Constituição da Igreja ou verificar pontos doutrinários. Ele tem poderes sobre todas as igrejas, mas dentro do regimento interno da Constituição da própria IPB.

É na forma de governo que se encontra o ponto mais importante da democracia da Reforma. Nela, leigos e eclesiásticos estão no mesmo nível para discutirem seus problemas. A comunidade transfere para os presbíteros o direito de representá-la na administração da igreja.

Esta forma de governo, via colonização presbiteriana nos Estados Unidos, veio influenciar profundamente os governos democráticos representativos de todo o mundo político civilizado.

2.2.2. CULTO

É na Confissão de Fé de Westminster (1643-1649), no capítulo XXI, que encontram os subsídios que procuram orientar o culto presbiteriano no mundo. Com base no ensino do teólogo de Genebra, o culto presbiteriano procura ser a mais simples forma de servir e adorar a Deus.

A Confissão de Fé incorporou os ensinamentos de CALVINO como se segue: o parágrafo 1º. ensina sobre o Ato da Adoração; o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo e só pode ser adorado de acordo com o prescrito nas Escrituras.

O parágrafo 2 mostra a quem se presta o culto: "o culto religioso deve ser prestado a Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo - e só a Ele. Não deve ser prestado nem aos anjos, nem aos santos, nem a qualquer outra criatura, nem por mediação de qualquer, senão Cristo."⁴⁶

⁴⁶ Confissão de Fé de Westminster, 10ª. ed. 1987. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana. P.40.

O parágrafo 3 trata da oração, de como orar, que deve ser feita com ações de graça, em nome do Filho, pelo auxílio do Espírito Santo e sempre ser proferida no idioma conhecido dos presentes.

O parágrafo 4 o assunto é: por quem orar? Por todas as classes de pessoas que existem atualmente ou que existirão no futuro. A oração só poderá ser feita por coisas lícitas, nunca pelos mortos ou por aqueles que hajam cometido pecados para a morte.

O parágrafo 5 o assunto são as partes do culto, que compõe-se da leitura das Escrituras, pregação da Palavra, o cantar salmos, administração dos sacramentos e a digna recepção dos mesmos, juramentos religiosos, votos, jejuns solenes e ações de graça em ocasião especial.

O parágrafo 6, fala-se sobre as formas de culto que não é restrito a nenhum local, pois Deus pode ser adorado em qualquer lugar, tanto na família diariamente, quando se está sozinho ou em assembléia pública, mas de forma solene.

O parágrafo 7 e 8 destaca-se o domingo como dia de culto por excelência.

O culto presbiteriano, portanto, é um ato simples no qual o orar, o cantar dos hinos, a leitura da Bíblia, bem como a pregação da Palavra e a ministração dos sacramentos fazem dele um ato muito singelo, onde o elemento leigo participa com o mesmo sentido que o eclesiástico, pois todos são sacerdotes diante de Deus, sendo Jesus o único Sumo Sacerdote, portanto o intermediário entre o homem e Deus, por excelência.

O destaque no culto calvinista é que Deus é o centro do culto e não os sacramentos. A pregação é a parte central do culto. Tanto é que nas igrejas presbiterianas sempre há uma Bíblia aberta no centro do púlpito, significando a Palavra de Deus como fundamento do culto.

2.2.3. DISCIPLINA

CALVINO coloca entre as marcas da igreja verdadeira, a aplicação correta da disciplina eclesiástica, ou seja, sem disciplina não há igreja. Para que haja boa ordem na casa de Deus que é a Igreja, é necessário que haja justa e caridosa disciplina. O ministro tem autoridade conferida pelas Escrituras para juntamente com os presbíteros regentes aplicarem a disciplina sempre que necessário para o bem do faltoso e do corpo de Cristo.

A disciplina tem um fim duplo: a) executar a lei de Cristo a respeito da admissão e exclusão de membros e, b) promover a edificação dos membros da igreja pela obediência ao ensino do Senhor.

No documento que é aceito e juramentado pelos oficiais da igreja presbiteriana, o chamado Manual Presbiteriano, a segunda parte contém, o “Código de Disciplina”. Ali se encontram três penalidades aplicadas aos membros faltosos: a) admoestação, que consiste em chamar o faltoso ao arrependimento por advertência verbal ou por escrito; b) afastamento da mesa do Senhor que consiste em não permitir ao faltoso participar do sacramento da Ceia do Senhor, por tempo indeterminado, até que o réu demonstre arrependimento e solicite por escrito a cessação da penalidade; c) exclusão, que consiste em retirar o nome do faltoso do livro de rol de membros da Igreja Presbiteriana do Brasil, deixando de ser presbiteriano e perdendo todos os seus privilégios como membro da igreja. Convém explicar que não há nenhuma semelhança com a excomunhão feita pela igreja romana, onde tirar da comunhão significa lançar no inferno. No caso dos presbiterianos, excomunhão nada tem a ver com o futuro eterno do réu.

No parágrafo 3, no capítulo XXX, lemos o seguinte sobre as censuras eclesiásticas:

“As censuras eclesiásticas são necessárias para chamar e ganhar para Cristo os irmãos ofensores, para impedir que outros pratiquem ofensas

*semelhantes, para purgar o velho fermento que poderia corromper a massa inteira, para vindicar a honra de Cristo e a santa profissão do Evangelho e para evitar a ira de Deus, a qual com justiça poderia cair sobre a igreja, se ela permitisse que o pacto divino e os selos dele fossem profanados por ofensores notórios e obstinados*⁴⁷

Como se percebe, o princípio da disciplina só tem aplicação se houver falta. Não se caracterizando falta, não há disciplina. Ninguém será disciplinado sem que haja um processo formal, sem isso não há disciplina.

2.2.4. TEOLOGIA

A palavra teologia significa o estudo de Deus, seu ser, seu relacionamento com o mundo, de forma especial com o homem e seus problemas. De uma maneira geral, as teologias parecem ser todas iguais, contudo não é assim, pois a fenomenologia religiosa mostra que há diferentes interpretações do fenômeno religioso. Pelo menos há uma visão não revelacional, chamada teologia natural e uma revelacional, chamada de cristã. E é dentro da teologia revelacional, que tem como fonte de informação a Bíblia Sagrada, que os presbiterianos buscam a sua cosmovisão. Sem a Bíblia não há revelação especial; sem revelação especial, não há teologia calvinista presbiteriana.

Os presbiterianos, portanto, têm como base de sua fé as Escrituras Sagradas, chamada Bíblia, que inclui o Antigo e o Novo Testamento, mas também aceitam a manifestação da fé ortodoxa, os credos aceitos e definidos pelos chamados concílios ecumênicos dos quatro primeiros séculos do cristianismo. Assim, a fé subscreve as definições dos Concílios de Nicéia (325) que tem como objetivo definir-se sobre o arianismo. Uma vez condenado Ario e sua doutrina, mantém-se a posição ortodoxa sobre a pessoa divino-humana de Jesus.

⁴⁷ Confissão de Fé, op. cit. p.58.

Posteriormente, aconteceram os Concílios de Constantinopla, em 381, seguido de Éfeso em 431, Calcedônia, em 451 e o segundo de Constantinopla, em 553. Todos esses concílios tinham em comum combater ensinamentos estranhos às Escrituras sobre a pessoa divino-humana de Jesus Cristo e sobre a doutrina da Trindade.

Os presbiterianos, além dos credos primitivos, também aceitam os documentos de fé, como a Confissão de Fé, de Westminster, Catecismo Maior e Menor, bem como outros documentos teológicos importantes, como a Confissão de Fé escocesa, a Confissão de Fé Hevéltica, o Catecismo de Heildeberge e a Confissão de Barmen; bem como a declaração do Sínodo de Dort sobre os cinco pontos de calvinismo.

Embora sejam aceitos como subsídios para fundamentar a fé, eles não têm autoridade final em questão de fé. Basta voltar à própria Confissão de Fé de Westminster e ver o que ela diz: *“A Igreja Presbiteriana coloca a Bíblia em primeiro lugar. É ela só que deve obrigar a consciência”*.

*“É princípio fundamental da Igreja Presbiteriana que toda autoridade eclesiástica é ministerial e declarativa, que todas as decisões dos concílios devem harmonizar-se com a revelação divina... outro princípio da mesma igreja é que os concílios, sendo de homens falíveis, podem errar, e muitas vezes tem errado, portanto, não podem ser recebidas como regra absoluta e primária de fé e prática; servem somente para ajudar na crença e na conduta que se deve adotar (...) o Supremo Juiz de todas as controvérsias em matéria religiosa, é o Espírito Santo falando **na e pela** Escritura (...) A Igreja Presbiteriana sustenta que a escritura é a suprema e infalível regra de fé e prática. É também que as Confissão de Fé e os Catecismos contêm o sistema de doutrina ensinado nas Escrituras e que dela deriva toda a sua autoridade e a ela tudo se subordina.*

É porque cremos que a Confissão de Fé e os Catecismos estão em harmonia com a Escritura, nossa regra infalível, que os aceitamos”.⁴⁸

⁴⁸ Confissão de Fé, op. cit. Introdução p.7 da introdução.

Para ser oficial, ou seja diácono, presbítero ou pastor na igreja presbiteriana é necessário que o candidato à ordenação subscreva, perante a igreja reunida, publicamente que ele aceita os padrões ou símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana, (a Bíblia, como Palavra Infalível de Deus, a Confissão de Fé de Westminster, os Catecismos e a Constituição da Igreja). Sem tal afirmação ninguém poderá ser oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. (Artigo 114 da Constituição da Igreja).

Dada essa visão introdutória, a pergunta que fica é: no que os presbiterianos divergem, ou melhor, enfatizam de diferente dos demais cristãos? Já vimos sua forma de governo, sua disciplina e seu culto. Vamos agora dar uma rápida visão didática e doutrinária da Confissão de Fé de Westminster que, por resumir toda a teologia reformada presbiteriana, é importante se ter uma visão do conjunto doutrinário da própria Confissão.

Histórico da Confissão de Fé de Westminster

O documento recebe este nome derivado do local onde se reuniu, numa das salas da Abadia Westminster, em Londres.

O Concílio foi convocado pelo Parlamento inglês a fim de se elaborar uma nova base de doutrina, forma de governo eclesiástico e de culto. Segundo alguns historiadores, aproximadamente cento e cinquenta e um teólogos, entre leigos e eclesiásticos compunham o Concílio.

A grande maioria era presbiteriano, mas havia também independentes (congregacionais que reagiam contra o governo de bispos), alguns anglicanos e até erastinos (seguidores de Erasto que colocava o Estado como autoridade para nomeação de bispos). Predominou a teologia reformada.

Neste período, o rei Carlos I, que queria impor o anglicanismo também aos escoceses, marchou contra o parlamento e derrotado, acabou executado. Oliver

Cromwell, o chanceler puritano assume as rédeas do governo e derrota o partido presbiteriano e assim, por pouco tempo, a Igreja Presbiteriana deixa de ser a igreja oficial dos três reinos.

O período no qual se reuniu o Concílio foi bastante longo, iniciando em julho de 1643 e encerrando suas atividades em fevereiro de 1649. A influência da Confissão de Fé foi tão duradoura; que até hoje, os mais de setenta milhões de presbiterianos ao redor do mundo se mantêm unidos por sua fidelidade a ela, pois suas doutrinas continuam ainda a influenciar as igrejas presbiterianas em todos os países do mundo.

Esboço da Confissão de Fé

Capítulo I - Das Escrituras Sagradas

Capítulos II a V - De Deus e suas Obras

Capítulos VI a VII - Do Homem

Capítulos VIII ao XVIII - De Cristo e Suas Obras

Capítulos XIX ao XXIV - Da Vida Cristã

Capítulos XXV ao XXXI - Da Igreja

Capítulos XXXII ao XXXIII - Do Futuro

Pode-se assim resumir a Confissão de Fé: ela é o documento religioso básico que caracteriza os pontos doutrinários exclusivos dos fiéis presbiterianos das demais denominações religiosas cristãs. Contudo, alguns grupos congregacionais e até mesmo batistas, também reafirmam a grande maioria do conteúdo doutrinário da Confissão de Fé.

Da Escritura Sagrada

O primeiro capítulo é o mais comprido, porque trata do assunto principal que servirá para nortear aos demais capítulos, a base doutrinária que é a Bíblia.

Sem a Bíblia seria impossível conhecer o plano redentor de Deus para o homem e para o universo. Através das obras da natureza o homem tem uma noção do criador, contudo, isto não é o suficiente para o conhecimento da salvação do homem.

No parágrafo primeiro fica estabelecida a necessidade da Revelação Divina. A seguir é mencionado que essa Revelação Divina está contida nos livros escritos do Velho e Novo Testamento. Os presbiterianos rejeitam taxativamente os livros apócrifos ou deutero-canônicos que fazem parte das tradições católicas romanas da Bíblia. Tais livros não têm autoridade na igreja e não servem como inspirador de dogmas. São apenas escritos humanos e seu valor é histórico.

Quanto ao autor da Bíblia, a Confissão de Fé reconhece que só Deus é o seu autor, e ela não depende do testemunho da igreja e nem dos teólogos, porque sendo Deus o seu autor, ela deve ser obedecida e crida.

Deve ser lida, crida e obedecida por ser inspirada por Deus. Tal inspiração se verifica pela Suprema excelência do seu conteúdo, eficácia da sua doutrina e majestade do seu estilo e, finalmente, harmonia de todas as partes. Contudo, é devido à inspiração interna do Espírito Santo que obtemos a convicção da inspiração.

Sendo a Bíblia escrita em hebraico e grego, é necessário que haja homens habilitados nesses idiomas a fim de ler e traduzir corretamente o texto sagrado para os idiomas comuns. A verdadeira regra para interpretar o texto é o próprio texto, pois um texto só será compreendido à luz de outro texto. Somente o Espírito Santo, que é o autor da Escritura é o supremo intérprete da mesma, por Ele continua falando nela.

Sobre Deus e a Santíssima Trindade

O capítulo dois define Deus, falado dos atributos da Divindade, mostrando aquilo que se refere ao próprio ser de Deus, aquilo que Ele comunica aos homens, meros mortais. Ele é descrito primeiramente como Espírito, onipotente, onisciente e onipresente.

A seguir Deus é manifesto como Soberano. Aqui, os presbiterianos se sobressaem sobre os demais cristãos, pois o cerne da doutrina calvinista é a Soberania de Deus sobre todas as coisas. Ele não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, ao contrário, manifesta sua glória nelas.

Ele é a única origem de todo o ser. Dele, por ele e para ele são todas as coisas e sobre elas tem soberano domínio, para fazer com elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser.

Os presbiterianos são ortodoxos quanto à doutrina da Trindade. Aqui, eles acompanham o pensamento dos demais grupos cristãos:

“Na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade - Deus, o Pai; Deus, o Filho e Deus, o Espírito Santo. O Pai não é de ninguém, nem gerado, nem procedente. O Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho”.⁴⁹

Dos eternos decretos de Deus

Este capítulo trata da predestinação, tanto a geral como a particular. Aqui encontramos parte importante da doutrina que tornou o calvinismo alvo das maiores polêmicas e acusações graves de erros doutrinários. É a doutrina da predestinação.

⁴⁹ Confissão de Fé, op. cit. cap.11, p.7.

No parágrafo terceiro lemos: “pelo decreto de Deus e para manifestação de Sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida e outros predestinados para a morte eterna”. Continua: “esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode nem ser aumentado nem diminuído”.⁵⁰

Na cosmovisão religiosa, os presbiterianos têm fechado questão sobre a doutrina da predestinação, mas a própria Confissão diz: “A doutrina deste alto mistério de predestinação deve ser tratada com especial **prudência e cuidado**”. Para os eleitos, ela é motivo de louvor, reverência e admiração de Deus, bem como humildade, diligência e abundante consolação”.⁵¹

É bom lembrar que com este ponto doutrinário, Santo Agostinho também concorda.

Da Queda do Homem, do seu Pecado e do seu Castigo

A visão calvinista do homem para muitos é totalmente pessimista e negativa, pois se tem a impressão de que o homem é um ser totalmente para baixo. Tal acontece devido a seriedade com que a doutrina reformada trata do problema do pecado.

Na sociedade humanista materialista, o pecado é visto como algo fictício, não é real, pois o homem é bom, inteligente e só é capaz de progredir, nunca de regredir. É uma visão otimista da natureza humana.

Contudo, o capítulo 6 e as perguntas de número 21 a 24 do Catecismo Maior, discordam da visão otimista. Elas mostram um ser criado perfeito, mas que desobedeceu a Deus e levou junto na queda toda a humanidade.

⁵⁰ op. cit. p.8.

⁵¹ op. cit. p.9.

Vejamos algumas citações da Confissão de Fé: “Eles decaíram de sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompido em todas as suas faculdades e partes do corpo e da alma”; “Desta corrupção original pelo qual ficamos totalmente indispostos, adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo mal, é que procedem todas as transgressões atuais”.⁵²

Finalmente, o pecado é definido como a transgressão da lei de Deus. Como transgredimos a lei de Deus, recebemos a punição que é a morte eterna, ou seja, a eterna separação entre o pecador e Deus.

De Cristo, o Mediador.

No capítulo oitavo da Confissão de Fé, encontramos uma completa resposta de Deus para livrar o homem do pecado. A resposta está na obra de Cristo como mediador entre o homem e Deus.

Como os presbiterianos não aceitam a intermediação do sacerdote, pois crêem que todos os salvos são sacerdotes diante de Deus, eles apelam para Jesus Cristo como Sumo Sacerdote capaz de interceder por nós diante do Pai.

Como Deus e homem, Jesus Cristo torna-se perfeito e aperfeiçoa a obra da redenção, tornando-se justiça nossa. Por Ele ter sido sacrificado, somos poupados e justificados diante de Deus.

Mas surge a pergunta: Como o redentor opera a sua obra de redenção no mundo? A resposta é através de seu ofício tríplice:

“Profeta: onde ele revela a Igreja em todas as épocas, pelo seu Espírito e Palavra, por diversos modos de administração, toda vontade de Deus em

⁵² Confissão de Fé, op. cit. p.14.

tudo o que diz respeito a sua edificação e salvação. A igreja em resposta a essa escolha deveria assumir a guarda e a propagação dessa mensagem profética.

Como sacerdote, Cristo se ofereceu uma só vez como sacrifício para satisfazer a justiça divina e, com isso cria ele estar reconciliando os homens a Deus, e fazer contínua a sua intercessão por eles.

Como rei, ele desempenha o papel de governador e os demais de súditos. Dessa maneira Cristo exerceria o ofício de rei, chamado do mundo um povo para si, dando-lhes oficiais, leis, disciplinas para visivelmente o governar, concedendo-lhes graça salvadora aos seus eleitos”.⁵³

Sacramentos

Os presbiterianos crêem em apenas dois sacramentos: o batismo e a Santa Ceia, em contraposição aos sete sacramentos propostos pela igreja católica romana.

O batismo pode ser aplicado aos menores, uma vez que é o substituto do sacramento do Antigo Testamento, chamado de circuncisão. Assim como os filhos dos judeus eram circuncidados, assim também os presbiterianos crêem que os seus são partes do povo de Deus, até que provem ao contrário.

Eles não se preocupam muito com o modo de batizar, se por aspersão, imersão ou oblusão; o que importa é o ato em si. A graça está apenas representada nos sacramentos, que são meios de graça. Para os presbiterianos, a graça não está contida nos sacramentos, como no caso dos sacramentos católicos romanos (casamento, crisma, penitência, ordenação e a extrema unção) onde eles, por conterem a graça tornam-se meios de salvação.

A Santa Ceia é apenas um símbolo do corpo de Cristo. Os presbiterianos não admitem nem a transsubstanciação do romanismo, nem a consubstanciação do

⁵³ Catecismo Maior, op. cit. perguntas 43 a 45.

luteranismo, pois para CALVINO a presença de Cristo nos elementos é puramente espiritual.

O presbiteriano não aceita a doutrina do *Corpus Christi* como sendo bíblica. O corpo de Cristo não está presente em substância e nem se transforma através das palavras mágicas no corpo real de Cristo.

Da liberdade Cristã e da Consciência

Este tema é tratado no capítulo XX da Confissão de Fé que, por sua vez, é composto de quatro parágrafos.

No primeiro parágrafo, Cristo aparece como aquele que comprou a liberdade dos crentes que agora não estão mais sob o jugo da lei Cerimonial, é representada no esquema litúrgico e teológico do culto do povo judeu, pois sob o jugo do evangelho, o crente encontra a liberdade.

No segundo parágrafo, a ênfase é sobre a liberdade de consciência, mostrando que só Deus é Senhor da consciência e que ela é livre das doutrinas e mandamentos impostos pelos homens. Somos obrigados a crer naquilo que Deus nos transmitiu com clareza na sua Palavra, mas nunca crer contra nossa própria consciência, pois crer em doutrinas contrárias à Palavra de Deus é obedecer tais mandamentos como cousa de consciência e trair a verdadeira liberdade de consciência, pois só Deus é o Senhor da consciência.

Conforme ALBINO:

“A doutrina da liberdade de consciência presbiteriana contribuiu para a elaboração de princípios que rejeitavam ações que inibissem, iludissem e anulassem a possibilidade de exercício dos direitos da consciência pelo homem. Este dado pode ser visto como diferenciador da doutrina católica romana que sistematicamente condenou a prática da liberdade de

*expressão, por compreendê-la como veículo gerador de dúvida, que multiplicadas levariam os fiéis ao erro”.*⁵⁴

Para estabelecer o contraste entre liberdade de consciência na visão presbiteriana e na visão católica romana, o autor cita a encíclica papal “Quanta cura de 1864, de autoria do Papa Pio IX, onde ele (o Papa) condena a liberdade de consciência e de expressão de idéias por entendê-la como causa do afastamento da sociedade humana dos preceitos morais da religião católica”.⁵⁵

Da Igreja

No capítulo XXV da referida Confissão de Fé, encontramos o conceito de igreja. Ela ensina, com base no conceito de CALVINO que há duas igrejas: a visível e a invisível ou triunfante, que se compõe dos verdadeiros eleitos em todos os tempos, dos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos no corpo de Cristo, seu único cabeça.

A Igreja visível ou militante, que é também católica ou universal, compõe-se daqueles que estão agora militando na igreja, bem como seus filhos e que professam a verdadeira religião. Segundo a expressão da Confissão de Fé, não há nenhuma possibilidade de salvação fora da igreja, embora, por mais pura que queiram ser, as igrejas particulares visíveis estejam sujeitas aos erros e às misturas, a ponto de não serem mais igrejas. Contudo, sempre haverá sobre a face da terra uma igreja para adorar a Deus, segundo a vontade dele mesmo.⁵⁶

Quanto aos concílios, oficiais e administração dos sacramentos, já foram mencionados de forma bem explícitas quando tratei da Constituição da IPB neste trabalho.

⁵⁴ ALBINO, Marcus. Ide por todo o mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana. 1869-1892, campinas SP. Área de Publicações CHU/UNICAMP - 1966, p.64-65.

⁵⁵ ALBINO, Marcus. Op.cit. p.65.

⁵⁶ “Confissão de Fé, cap. XXV, p.48-49.

Acredita-se ter-se atingido o alvo proposto de se dar as bases bíblicas doutrinárias que fundamentam a fé ou doutrina presbiteriana que servem como fundamento educacional do pastor presbiteriano, pois esta é a visão primeira do ensino no SPS. O capítulo a seguir tratará especificamente do currículo.

Capítulo 3

O CURRÍCULO

A palavra currículo tem sua origem no latim “curriculum”, diminutivo de *curros* e está em primeiro lugar relacionado com “educação”. Segundo Ávila, significa “o conjunto organizado de experiências oferecidas ao aluno sob orientação da escola, para que atinja os objetivos de determinado curso”⁵⁷. Sobre currículo de um curso, ele diz: “é o conjunto de matérias que formam o conteúdo de um curso”⁵⁸.

Nessas duas definições há uma tentativa não só de definir como conceituar a palavra, mas isso é ainda pouco, pois reduz muito o amplo significado do termo.

É importante compreender mais em profundidade a etimologia, definição e conceito da palavra currículo. Para tanto, vamos acompanhar o verbete “currículo” na Enciclopédia Mirador e ver como foi introduzido na língua portuguesa.

3.1. ETIMOLOGIA

“Em latim, conexos com o verbo “*currere*”, correr, há os substantivos “curso” (masculino), carreira, corrida, e “*curriculum*” (neutro plural *curricula*) carreira em significações próprias e figuradas”.

Do ponto de vista da origem da palavra, o sentido é pobre, porque não explica nem esclarece o que colocamos hoje na educação como currículo, pois, etimologicamente, a preocupação é mais na base da curiosidade do que no valor científico do conteúdo. Dada esta pequena introdução buscaremos em autores mais

⁵⁷ Ávila, Fernando Bastos. Pequena enciclopédia de moral e civismo. 3ª. edição, 1928, Rio de Janeiro, FENAME.

⁵⁸ ÁVILA, op.cit. p.106.

conceituados na área da educação algumas interpretações do que seja currículo, para depois teorizarmos sobre o assunto.

3.2. INTERPRETAÇÃO OU CONCEITOS DE CURRÍCULO

POPKEWITZ⁵⁹, no artigo “História do currículo, regulação social do poder”, após uma longa discussão acadêmica sobre o assunto, assim resume a definição:

“o currículo é uma coleção de sistemas de pensamentos que incorporam regras e padrões através dos quais a razão e a individualidade são construídos. As regras e padrões produzem tecnologias sociais cujas consequências são regulatórias. A regulação envolve não apenas aquilo que é cognitivamente compreendido, mas também como a cognição produz sensibilidade, disposições e consciência do mundo social. Interpretar o presente - considerar mudanças no processo contemporâneo de escolarização - exige um exame das continuidades e rupturas nos princípios classificatórios do conhecimento corporificado na reforma educacional”⁶⁰.

Na definição acima vemos dois aspectos importantes: primeiro a conceituação, “coleção de sistemas de pensamento”. Será que todo currículo é sistema de pensamento? Ou será que não há um sistema técnico mais prático onde a aprendizagem aconteça pela prática do fazer cotidiano, por exemplo, numa escola técnica de eletricidade?

É claro que o sistema de pensamento transmite mais uma idéia filosófica do que prática, mas o currículo é algo do fazer e não apenas do pensar. Logo, no primeiro item da definição, há, a nosso ver, uma falha.

Quanto ao seguinte item, “interpretar o presente”, o autor procura criticar a necessidade da contemporaneidade do currículo sem se levar em consideração as rupturas havidas nas reformas educacionais propostas, ou seja, só podemos

⁵⁹ POPKEWITZ, Thomas. “História do currículo, regulação social do poder” em Tomás Tadeu “O sujeito da educação: estudos foucaultianos”, Petrópolis, Vozes, 1995. 2ª.ed. p.173-210.

estabelecer uma crítica sólida olhando as necessidades de mudança que nos são impostas pela contemporaneidade, especialmente dentro do nosso contexto cultural.

Após longa discussão em torno do conceito de epistemologia social, o autor chama atenção para as mudanças das palavras “classe” e “currículo”, que surgiram e mudaram ao transcorrer do tempo de acordo com as condições sociais, econômicas e culturais. Com isso, ele afirma uma nova concepção de “currículo” e de “classe”, de acordo com o novo contexto social, econômico e cultural.

Conforme sua citação:

“Hamilton argumenta, por exemplo, que influências calvinistas na Grã-Bretanha foram trazidas para os EUA para moldar os sistemas institucionais com formas bem ordenadas de organização social que podiam fornecer mecanismos mais eficientes para supervisão moral e organização do trabalho”⁶¹.

É importante agora se expor e discutir outros conceitos que encontram-se na obra de SPERB: “Problemas gerais de currículo”. Um pouco mais prática e sem muita teorização, a autora começa sua obra pelo “fundamentos do currículo”. Conforme ela: “o planejamento de um currículo escolar inclui a seleção de um conjunto de fins a serem alcançados pela educação”.⁶²

Nessa definição, vemos dois aspectos importantes: “seleção de um conjunto”, que expressa uma unidade no currículo, pois seleção e conjunto não podem estar separados. Há um objetivo final a ser alcançado e só à medida em que as disciplinas se relacionam entre si é possível chegar ao alvo proposto que é a educação.

⁶⁰ POPKEWITZ, Thomas. Op. cit. p.194.

⁶¹ op.cit. p.203.

⁶² SPERB, Dalila, op. cit. p.5.

O segundo aspecto são os “fins”. Como chegar a ele senão pela unidade curricular? Se o fim é uma educação humanista, o currículo deverá ser composto na sua ênfase com ciências humanas, com a filosofia tendo um amplo espaço. Mas, se o fim é uma educação nas ciências exatas, o currículo deverá ser fortalecido por ciências como matemática, física, cálculo, etc.

Portanto cremos, por mais simples que seja, que este deve ser o caminho: planejar em conjunto para atingir um fim que é a educação.

3.3. ALGUMAS DEFINIÇÕES DE CURRÍCULO

“Todas as atividades, experiências, materiais, métodos de ensino e outros meios empregados pelo professor ou considerados por ele, no sentido de alcançar os fins da educação”⁶³. Conceito da UNESCO em “Currículum Revision and Research”, cit. por SPERB, p. 45.

“Currículo é tudo o que acontece na vida de uma criança, na vida de seus pais e de seus professores. Tudo o que cerca o aluno em todas as horas do dia, constitui matéria para o currículo. Em verdade, o currículo tem sido definido como matéria em ação”. (Hollis L. Caswe).

“O currículo consiste nas experiências que a escola conscientemente e com propósito prevê para a criança, à luz dos propósitos aceitos pela escola, usando experiências também como fonte principal de dados para avaliação do processo individual e dos grupos em sua tentativa de alcançar tais propósitos”. (Sowards e Scobey).

Após tantas definições eruditas, torna-se difícil ou temerário dar mais conceituação. Contudo, registra-se aqui a própria definição do autor desta monografia. **Currículo está relacionado com as disciplinas que fazem parte de um programa escolar que tenta atingir uma determinada formação profissional, seja na área técnica, humana, social, biológica ou mesmo teológica.** Dessa maneira, inclui-se

de uma forma discreta o necessário na discussão curricular, pois sem disciplinas ou um curso, não haverá currículo. Só há currículo se houver um curso e disciplinas.

Quanto às disciplinas que devem ou não fazer parte do programa curricular, é uma questão muito discutível, pois afinal quase sempre o currículo segue a moda do contexto sócio-cultural. Por exemplo, no período da ditadura militar, instituída com a revolução de 31 de março de 1964, o próprio Ministério da Educação foi assumido pelo menos por dois militares: Cel. Jarbas Passarinho (1969-1973) e Gal. Ney Amintas de Barros Braga (1974-1978). Desta forma, a própria Escola Superior de Guerra, ditou também a grade curricular, inserindo duas disciplinas que estavam mais para a questão da formação ideológica do que educacional prática, ou seja, Moral e Cívica (em nível de 1º. e 2º. grau) e Estudo dos Problemas Brasileiros (em nível de 3º. grau). Com a volta da normalidade democrática, tais disciplinas perderam seu lugar no currículo escolar, pois já não havia mais a necessidade de sustentar o regime militar.

Assim, muitas disciplinas inseridas no currículo seguem ao sabor do momento histórico sócio-cultural, daí ser muito complicado trabalhar a questão curricular impondo certas disciplinas como se elas fossem fixas na formação do estudante.

Seguindo essa linha de pensamento, o SPS, não ficou alienado do contexto histórico sócio-cultural brasileiro, pois conforme veremos, através do anexo, houve muitas mudanças nas ênfases dadas ao currículo teológico proposto pelo Supremo Concílio (que, conforme já explicamos anteriormente, trata-se do concílio último e mais importante da IPB que se reúne de quatro em quatro anos, nos anos pares). O currículo sempre sofreu, sofre e sofrerá conforme a ênfase teológica que a própria IPB vive naquele momento.

⁶³ todos citados em SPERB, op.cit. p.46.

Assim, houve o período em que se priorizou a Teologia Sistemática (especialmente no início das grandes polêmicas com a Igreja Católica Romana, nos anos 1890-1930). Hoje vive-se o período da ênfase sobre a Teologia Exegética, especialmente sobre a grande influência das teologias bíblicas tanto do Novo quanto do Velho Testamento.

Tal informação torna-se difícil de ser comprovada, a não ser pela experiência como docente do SPS nos últimos sete anos, com um, por meio de contato direto com os colegas docentes e pesquisando seus planos de curso. Pois ali, nos planos de curso, bem como nos próprios currículos recentes, é possível perceber que a chamada “Teologia Exegética” tem um predomínio maior sobre os demais departamentos, nos quais se divide a Enciclopédia Teológica (Teologia Sistemática, Teologia Histórica, Teologia Pastoral ou Prática e Cultura Geral). Gasta-se mais tempo com o estudo das línguas originais da Bíblia, grego e hebraico, bem com das Teologias Bíblicas do AT e N.T., e estudos exegéticos dos livros bíblicos (currículos anexos).

Após haver situado a questão histórica do SPS, seu desenvolvimento e como chegou a ser o que é hoje; após descobrir o problema do fundamento educacional no ensino do SPS, entraremos agora na questão curricular, a terceira etapa deste trabalho. Assim, veremos como funciona o *curriculum* elaborado pela IPB.

Entendemos ser este o problema ou questão fundamental deste trabalho, pois afinal, trata-se da escola na qual o professor-pesquisador trabalha e é uma escola de curso superior com longa tradição dentro das faculdades teológicas evangélicas, sendo ela mesma o ponto de referência para várias outras escolas teológicas que surgiram após.

Quando se fala “ponto de referência”, afirma-se que o modelo curricular usado no SPS tem servido de base para muitas outras faculdades teológicas, ou se preferirem, seminários protestantes. Queremos, no entanto, direcionar a questão de modelo curricular para os demais seminários presbiterianos, afinal, são atualmente

sete, assim localizados: São Paulo (capital), Rio de Janeiro, Goiânia, Belo Horizonte e Recife (ainda há um em Terezina, em vias de reconhecimento pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. Nos referidos seminários da Igreja Presbiteriana do Brasil, o SPS, por ter o currículo mais antigo, tende a ser seguido pelos demais.

A questão curricular é importante porque dará a visão que o pastor terá em relação às necessidades básicas a serem enfrentadas na igreja. O currículo deverá levar o aluno a ver como lidar com determinadas disciplinas e como aplicá-las na vida da comunidade.

Várias questões surgem aqui: deverá o currículo de um seminário teológico confessional seguir uma forma contextual? Ou deverá ser ele mais amplo e incluir disciplinas de caráter mais universal? Ou ainda, deverá ele seguir o modelo adotado desde os tempos dos primeiros missionários?

A verdade é que a confecção do currículo do SPS tem sofrido várias modificações no decorrer dos anos. Tais modificações têm sido internas produzidas dentro da própria IPB. Quando se diz interno, refere-se à legislação da Igreja Presbiteriana do Brasil, que através do Supremo Concílio tem autoridade de reformular os currículos dos seminários sobre os quais ela tem jurisdição.

Sendo o SPS uma escola religiosa, regida pela Confissão Reformada Presbiteriana, é claro que, como já vimos nos fundamentos educacionais, seu currículo foi, é e continuará sendo montado dentro da visão calvinista de ensino. Não poderia ser diferente, pois pela própria definição do “Regulamento Interno dos Seminários Teológicos Presbiterianos”, no capítulo 1, “Curso, matrícula e currículo”, **Art. 1º** : “O *Seminário Presbiteriano do Sul* ministra o curso regular de estudos determinados pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil para o Bacharelado em Teologia, completado o qual fará jus, nos termos, regulamentares, ao competente diploma do curso...”.

Como se percebe, é a própria igreja que elabora o currículo através do encaminhamento dos próprios seminários através das Juntas Regionais de Educação Teológica, que encaminha à Junta Geral de Educação Teológica, (esta tem a supervisão das JURETs no Brasil), fazendo assim chegar ao Concílio Superior que o encaminha a uma Comissão Especial de Educação Teológica. Tal Comissão, por sua vez, é composta, regra geral, por pastores e presbíteros (leigos responsáveis pela administração da igreja local e nacional), geralmente envolvidos profundamente com o ensino não só na igreja, mas fora dela. Tais líderes têm a obrigação de estudar a questão e assim formular um parecer que será trazido ao plenário do Concílio para debate. Após o debate ser aprovado, geralmente com emendas, portanto diferente do que foi trabalhado na Comissão Especial, uma vez que o plenário é de composição mista e as opiniões refletem a ineficiência do plenário, e também porque poucos entendem o que seja o currículo, sua composição e a importância das disciplinas para a vida de igreja.

Aos olhos daqueles que se acham distantes do funcionamento do Concílio, tudo isso parece muito burocrático e até mesmo muito prejudicial ao ensino teológico, pois afinal, não são os educadores os mais eficientes para elaborarem o currículo? Não são eles os especialistas que vivem nesse meio e se acham melhor preparados para elaborá-lo? Que podem dizer os leigos sobre quais disciplinas são mais ou menos importantes? Se nós formos por esse caminho poderemos chegar à conclusão de que o currículo do SPS é ineficiente e não atinge as necessidades básicas da Educação Cristã promovidas pelas Escolas Dominicais da Igreja, e ainda, que os ensinamentos produzidos pelos estudos bíblicos são fora da real necessidade da Igreja. Assim chegaríamos a um impasse onde a realidade e as necessidades da igreja estariam opostas. Seria então, um absurdo gastar tempo com tais disciplinas, uma vez que só os eruditos seriam beneficiados por tais conhecimentos. Será mesmo assim? Acredita-se que não, pois pode-se ver a questão por outra ótica: se o seminário forma pastores para as igrejas afim de se comunicarem de forma eficiente com ela, a

proposta curricular deve sair do meio da igreja, ou seja dos próprios representantes conciliares.

É claro que um currículo seja de que escola for, imposto de cima para baixo, terá sempre a tendência de ser utópico, até mesmo sem eficiência, pois a separação entre o prático e o teórico irá causar inúmeros prejuízos à prática do ensino. Defende-se aqui, portanto, uma proposta curricular para os seminários da IPB da seguinte forma: a igreja, como toda, precisa ser ouvida sobre o perfil do ministro que ela espera receber dos seminários. Afinal, os seminários existem em função das igrejas e não o contrário, ou seja, as igrejas existem para os seminários. Atualmente já se observa um encaminhamento melhor sendo dado a essa questão quando o Rev. Guilhermino Cunha, presidente do Supremo Concílio da IPB, fez uma pesquisa em nível nacional sobre o perfil do pastor que a IPB espera que o seminário lhe forneça. Em seu semão proferido em 05.09.95, por ocasião do 107º aniversário do SPS, fez menção do plano aprovado pela CE-SC. IPB no "item b) Educação Teológica. - Mas também há a preocupação com a qualidade e com a formação do ministério presbiteriano. E, para melhorar o nível deste, precisamos fortalecer os seminários. Para isso, é preciso investir na formação de professores a nível de pós-graduação. Investir no aprimoramento das bibliotecas dos seminários, porque um bom seminário se faz com bons professores, bons livros e com alunos sérios que realmente queiram estudar e se preparar bem...". É pena que o Rev. Guilhermino, na sua colocação esqueça-se de mencionar a questão curricular, pois assim sua crítica seria mais completa.

Não há aqui nenhuma objeção ao especialista curricular, ao contrário, reconhecemos ser fundamental o seu trabalho, afinal, ele estudou, gastou tempo, porque crê que pode e deve elaborar um currículo eficiente para formar pastores eficientes. Mas será que só pode fazer isso? Será que só sua opinião deve prevalecer? Por que os leigos, aqueles que são alvos do nosso ensino, também não têm o direito

de serem ouvidos? Não é para eles que formamos pastores? Nossa mensagem, como educadores teológicos, tem como alvo atingi-los com uma mudança de comportamento. Para atingi-los, não é necessário conhecer o que eles pensam? Para conhecer o que eles pensam é necessário levar a sério suas opiniões. Nos Concílios estamos elaborando um currículo que parte de baixo para cima. Assim teremos disciplinas curriculares mais eficientes no SPS.

Após o que foi dito, surge a pergunta: qual é a base curricular que tem acompanhado a história do SPS desde seu início? Sabemos que essa instituição foi criada em 1888, vimos um pouco de sua história, no sentido geográfico e biográfico, acompanhamos os locais, o tempo e os homens que o fizeram, mas, e o conteúdo curricular?

3.4. CURRÍCULO DO SEMINÁRIO PRIMITIVO: R.J. – 14.01.1867

Foi um currículo muito flexível, afinal, estava começando uma experiência na formação dos pastores nacionais (a bem da verdade, os três primeiros seminaristas “brasileiros” não eram brasileiros, eram portugueses já radicados no Brasil. Eram, como já citado no capítulo 1: Modesto P. Carvalhosa; Antônio B. Trajano e Miguel G. Torres). Devido à formação educacional trazida por eles, houve uma variação curricular adaptada ao nível educacional de cada um deles. No geral, podemos colocar o currículo dividido da seguinte forma:

3.4.1. EDUCAÇÃO PRÉ-TEOLÓGICA OU SECUNDÁRIA

Vamos ver o que nos diz RIBEIRO sobre o assunto:

“O Rev. Schneider se encarregava da Educação Pré-Teológica ou Secundária; os estudantes traziam heterogêneo preparo: Trajano e Carvalhosa tinham freqüentado parte da escola secundária. Antônio Pedro,

(o único brasileiro nato) tinha sido aluno de alguns padres, e por último, do Pe. José Manuel, em Brotas; sabia algo da gramática portuguesa, pouco latim e era maestro; Miguel, auto-didata; contudo Schneider os preparava e não era fácil: Antônio Pedro: 'a vida de estudante é demais pesada para mim'; 'só tenho feito algum progresso no latim. A álgebra quase me deixa sem miolos'. Também estudavam física e astronomia"

"Aprendiam inglês; a pequena biblioteca aberta a seu uso tinha vindo de Nova Iorque, remetida pela Junta (de missões)".

"A partir do 2º. ano, dedicavam-se aos estudos de formação pastoral propriamente ditos até o 4º. ano, quando o curso seria encerrado. Aprendiam grego; o professor era o Rev. Carlos Wagner, ministro luterano, o Rev. Wagner também lecionou História Eclesiástica. O Rev. Simonton era professor de Teologia e Bíblia".⁶⁴

Fator importante no primitivo currículo eram as aulas de **oratória**, pois os alunos eram treinados para um discurso perfeito, agradável e muito polêmico. Acho que esse perfil curricular tem acompanhado o estilo de ser do púlpito presbiteriano no decorrer dos anos, pois até hoje as Igrejas Presbiterianas no Brasil escolhem seus pastores com base no sermão que ouviram uma vez apenas.

Em 1870, encerram-se as atividades do primitivo seminário do Rio de Janeiro e com ele também finda um modelo curricular estabelecido de forma provisória e até de certa forma contextual, pois foi um currículo praticamente surgido para cobrir as necessidades do momento.

Só para lembrar, o grego, a oratória, a teologia e a história eclesiástica (hoje com o nome de História da Igreja), continuam sendo disciplinas importantes no atual currículo do SPS.

3.4.2. CURRÍCULO DOS ALUNOS FORMADOS SEM SEMINÁRIO

⁶⁴ RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981. p. 258-261.

Entre o fim do seminário do Rio de Janeiro houve um período no qual os seminaristas ficaram sem seminário. Tal período perdurou por doze anos. A pergunta que vem a mente é: como e qual currículo ocupou a vida dos estudantes nesse período? Novamente é RIBEIRO quem nos fornece a resposta.

Como não havia instituição formal, ou seja, um seminário, o Presbitério adotou o método **“Preceptorial”**. Tal método, adotado nas missões indianas, determinava que cada missionário preparava seu próprio candidato. Contudo, foi aceito no Brasil apenas como algo provisório.⁶⁵

Como se percebe, não há aqui um currículo elaborado de maneira a servir como base para unificar o pensamento educacional da igreja presbiteriana nascente. Contudo, pastores que se tornaram líderes influentes na igreja e fora dela foram formados por esse “currículo aberto”. Entre eles, o Rev. Eduardo Carlos Pereira, grande gramático e autor de renomada aceitação.

Mas, quais disciplinas o Rev. Eduardo Carlos Pereira estudou? Conforme RIBEIRO⁶⁶, as matérias foram: Português, Francês, Latim, Grego, Teologia, Geografia, Física, Aritmética e História Universal. Como se percebe, era um currículo muito carregado em línguas estrangeiras.

Em 1878, o Presbitério resolveu adotar um plano curricular de estudo que iria uniformizar o preparo individual e, portanto, evitaria que o ministério presbiteriano se tornasse heterogêneo. Como era esse currículo? Citamos RIBEIRO, onde ele coloca como apêndice da sua obra o referido documento, cito págs. 355 à 361.

“ESTUDOS PARA OS CANDIDATOS AO MINISTÉRIO EVANGÉLICO”

⁶⁵ RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981. p. 263.

⁶⁶ RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981. p. 263.

Presbitério do Rio de Janeiro

O Sr. Lennington, em nome da comissão encarregada de formular um curso regular de estudos para os candidatos ao ministério evangélico, apresentou seu trabalho, que sendo aceito e discutido e alterado pelo Presbitério, foi adotado da seguinte forma:

O curso regular será de seis anos de estudos divididos do modo seguinte:

1º. ano:

Gramática portuguesa, leitura e declamação, composição em português, estudo do Breve Catecismo, geografia e história pátria, aritmética superior, noções de música e inglês.

2º. ano:

Português (análise dos clássicos) composição, recordação do Breve Catecismo, música (canto), história, leitura e tradução do inglês com análise lógica, álgebra, latim, geografia e história universal e ciências naturais.

3º. ano:

Latim (tradução dos clássicos), gramática grega, francês, geometria, filosofia mental de Wayland ou de Upham, geografia e história natural, composição em português, música (canto) e ciências naturais.

4º. ano:

Latim (clássicos), grego, teologia por A.A. Hodge D.D., história eclesiástica, por Thiago Wharey, Mosheim ou Kurts, filosofia moral de Alexander, filosofia do plano de salvação, exegésis, homilática e música.

5º. ano:

Latim, grego, hebraico, teologia por A.A. Hodge D.D. e C. Hodge D.D., história eclesiástica (autores já referidos) e eloquência sagrada.

6º. ano

Grego, hebraico, teologia (autores já referidos), história eclesiástica (autores já referidos), confissão de fé, governo e disciplina da igreja e comentário de Hodge sobre a confissão de fé, eloquência sagrada e polêmica religiosa.

O estudante que prestar exames e for aprovado nas matérias dos anos antecedentes, poderá matricular-se no ano superior”.⁶⁷

Ainda seguido ao Presbitério do Rio de Janeiro, no ano de 1888, o Presbitério de Campinas e Oeste de Minas elaboraram o seguinte currículo:

“Estudos para os candidatos ao Ministério Sagrado. A Comissão permanente de educação apresentou o seguinte relatório que foi aprovado: A Comissão nomeada pelo Presbitério de Campinas e Oeste de Minas, em sua reunião em Itatiba, em novembro de 1887 para organizar um plano de estudos para os seus candidatos para o ministério, e para dirigir os estudos do candidato Álvaro E.G. dos Reis, no intervalo das reuniões do presbitério oferece o seguinte relatório:

A comissão reuniu-se em Campinas poucos dias depois de nomeada e combinou o seguinte plano de estudos, que ella recomenda para aprovação do Presbitério.

Estudos preparatórios

Portuguez, francez, inglêz, latim e grego.

⁶⁷ Imprensa Evangélica, 17 de Janeiro de 1878, p.22, citado por RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981. p. 356.

Aritmética, geometria plana e espherica, trigonometria plana, geographia e cosmogeographia, história universal, physica, chimica, geogologia, astronomia, biologia, philosophia mental, psycologia lógica, rethórica e ética.

Estudos técnicos

O hebraico, a theologia natural e revelada.

História eclesiástica, inclusive a sagrada.

*Os sacramentos, o governo eclesiástico, a literatura e a exegese.*⁶⁸

Vemos que havia uma preocupação por parte dos Presbitérios para elaboração de um currículo que fosse mínimo possível, mas que pudessem manter a visão homogênea do futuro pastor quanto ao que era considerado importante na sua formação acadêmica. Contudo, enquanto o seminário não surge, os Presbitérios continuam elaborando seus currículos para suprir as necessidades com os candidatos.

Agora é vez do Presbitério de Pernambuco elaborar seu plano curricular para preparo dos futuros ministros. Outra vez me sirvo do erudito cientista social Rev. RIBEIRO, transcreveu das Actas de Presbytério de Pernambuco - 1888.

“Estudos para os candidatos ao Ministério Evangélico

Regulamento para melhor intendmento e cumprimento da forma de governo. Cap. VI, sec. VI # IV” (sic)

Programas de Estudos para os candidatos ao ministério

Vossa commissão apresenta este Programma de estudos como um curso, o todo do qual devemos aspirar conseguir, logo que for possível.

⁶⁸ Actas de Presbytério de Campinas e Oeste de Minas - 1888. Cit. por RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981. p. 358.

Os autores mencionados em algumas partes deste Programma são para facilitar estudantes, especialmente os que não tem professores, na escolha dos livros; mas o presbytério ou o professor não será limitado a esses autores.

Curso Acadêmico

Portuguez

Geographia

Lacerda, Maury;

História

Rethórica

Carvalho, Day;

Arithmética e Álgebra

Trajano

Geometria

Psychologia, Ethica, Lógica

Physica, Chimica, Astronomia, Geologia

Inglez, Francez, Latim, Grego.

Curso Theológico

Evidências do Christianismo

Alexander

Introducção geral e especial, constando de antiguidade e geographia sagrada,

Cânon, Hermenêutica, et.

Manual Bíblico

Burrows

Rhetórica Sagrada

Dubney

Interpretação e Exposição da Bíblia portugueza

Theologia Systematica e Pastoral

Hodge: "Outlines of Theology"

História Bíblica - Smith

Eclesiástica - Wharey

Governo e Disciplina da Igreja

Livro de Ordem

Hebraico e Exegética do V. Testamento.

Exegética do N.T.

A Comissão pede a permissão para acrescentar com mais vagar aos autores.

Vossa comissão recomenda que para receber candidatos sob a tutela do presbytério se exija delles, além dos exames sobre experiência religiosa e vocação ao Ministério Sagrado, exame de sufficiência sobre ao menos três das seguintes matérias: portuguez, arithmética, geographia, História Antiga, história hebraica, Doutrina Christan segundo os nossos catecismos, os quais exames serão repetidos antes da licenciatura dos candidatos.

Recomenda-se que os candidatos sejam examinados de anno em anno, quando for possível, pelo Presbytério, sobre os estudos que o Presbytério tiver marcado, e sobre seu progresso e vencimento do programma acima.

Respeitosamente submetido.

Assignados

J.R. Smith

De Lacey Wardlaw

José primenio

W.C. Porter.

Como se vê, embora não haja um seminário durante esse período, no entanto, o que não falta é currículo. Aliás, é interessante observar a preocupação com as disciplinas relacionadas com os idiomas estrangeiros, tanto as línguas bíblicas, como grego e hebraico, como as não bíblicas, francês, inglês e latim, enfatizadas como prioritárias nos currículos elaborados nesse tempo de preparação informal. Parece que tal influência foi permanente, pois em quase todas as revisões curriculares, o grego e o hebraico e o inglês sempre se mantêm como disciplinas de primeira importância.

Mas, como vimos, tal tipo de preparação de candidatos não seria um modelo permanente, era necessário escola, aliás, essas são as palavras do presbytério e principalmente do Rev. Blackford: “É preciso escola para a boa formação intelectual”.

3.4.3. CURRÍCULO DO SEMINÁRIO DE NOVA FRIBURGO/RJ – 15.11.1892-1895

Pouco se sabe com detalhes sobre o currículo adotado nesse período. Não encontrou para este trabalho, em nenhum dos autores pesquisados algo que pudesse dar certeza de como funcionou o currículo do seminário de Nova Friburgo.

Sabe-se apenas, que o seminário ficou conhecido como seminário de um único professor, o Rev. John Rockwell Smith, que, segundo SILVA⁶⁹, ensinava todas as matérias do currículo, porém sua especialidade era Teologia Sistemática.

Tudo leva a crer que os documentos do Presbitério do Rio de Janeiro, de Campinas e do Oeste de Minas foram adotados como currículo durante esse período.

Acredita-se que tal afirmação faça sentido, uma vez que os currículos elaborados posteriormente seguiram sempre a linha básica dos primitivos currículos praticados tanto nos seminários quanto fora deles.

3.4.4. CURRÍCULO DO SEMINÁRIO EM SÃO PAULO – 13.02.1893.

Como o Seminário em Nova Friburgo não conseguiu se estabilizar devido ao isolamento que vivia a cidade naqueles tempos, o Rev. Carlos Pereira fundou em São Paulo, Capital, o Instituto Teológico, que afinal ganha a simpatia da maioria do Sínodo e acaba sendo reconhecido como mais importante centro de Educação Teológica da época.

Em 25 de janeiro de 1895, inaugurou-se o Seminário Sinodal em São Paulo nas dependências da 1ª. Igreja Presbiteriana, em São Paulo.

Conforme RIBEIRO:

“Horas antes da cerimônia inaugural, mas no mesmo dia, a diretoria aprovou a proposta do Rev. Eduardo Carlos Pereira, criando dois cursos no Seminário: o Preparatório e o Teológico, o primeiro de quatro anos e o segundo de três anos. O curso preparatório não se distingue do Secundário da Escola Americana: francês, inglês, latim, grego, música, geografia e cosmografia, aritmética, álgebra e até equação do 2º. grau, geometria plana

⁶⁹ SILVA,

*e no espaço, história universal, história pátria, física, química, história natural, geologia, fisiologia, psicologia, lógica moral, história da filosofia.*⁷⁰

O autor deixa claro que tal currículo nada tem a ver com o ensino teológico, mas encaminha o leitor para o currículo já elaborado pelo Presbitério do Rio de Janeiro, em 1878, com o título de “Estudos para os candidatos ao ministério evangélico” (já descrito anteriormente). Não há, portanto, nenhuma inovação para novas disciplinas curriculares teológicas que continuam a valer para o curso teológico em São Paulo. O mesmo currículo base, elaborado em 1878, como se viu até aqui, foi mantido nos seminários antigos da IPB.

3.4.5. CURRÍCULO DO SEMINÁRIO PRESBITERIANO EM CAMPINAS – 1909-1998.

Finalmente vamos entrar no que realmente é o interesse central da pesquisa.

Após anos de mudanças, funcionando em várias cidades, o Seminário Presbiteriano do Sul finalmente se fixa em Campinas. São noventa anos sem qualquer ameaça de qualquer nova mudança, mas a pergunta é: **como foi e como é** o atual currículo do Seminário Presbiteriano do Sul? Houve modificações nas disciplinas introduzidas? Qual o modelo curricular que predomina até hoje? Até onde o tal modelo representa a própria cultura teológica brasileira? Quais são as disciplinas mais ou menos importantes? Como se valoriza o currículo? Tem havido mudanças nas disciplinas? São muitas as perguntas que temos de responder. Provavelmente não encontraremos respostas a todas elas, pois afinal, esta monografia é a primeira feita sobre o assunto e as dificuldades de pesquisa para encontrar o material necessário não têm sido poucas

⁷⁰ RIBEIRO, Boanerges. Igreja Presbiteriana no Brasil: da autonomia ao cisma. São Paulo, Livraria O Semeador, 1987.

Quanto à questão acima, o SPS está há noventa anos em Campinas sem ameaça de qualquer mudança. Apenas lembra-se aqui a questão do Seminário Unido do Rio de Janeiro (1919-1932) que tentou substituir o SPS, em Campinas, mas por ser fruto de uma decisão estrangeira, tomada no exterior durante o famoso Congresso do Panamá, não contou com o apoio da IPB, que por essas alturas já havia fechado com a cidade de Campinas como local de forma definitiva do Seminário.

A questão do modelo curricular do SPS tem sido muito debatida, pois é claro que até hoje vemos e usamos o velho modelo curricular do Seminário de Princeton. Fiquei surpreso certa ocasião quando alguém me perguntou: “O senhor leciona naquele seminário que é uma cópia dos prédios do Seminário de Princeton? Afinal, sua arquitetura, seu estilo, tudo me faz lembrar o Seminário de Princeton”.

Diante de tal colocação, a pergunta é: e as disciplinas que são estudadas ali, também nos lembram o currículo de Princeton? A resposta é sim. Cremos que o modelo implantado, transposto pelos missionários americanos na sua forma de currículo, ainda continua conservador e uma expressão da velha teologia de Princeton, pois cremos na inspiração da Bíblia Sagrada, na epistemologia do senso comum e o valor da experiência religiosa, elementos que compõem a teologia de Princeton. É bom lembrar que os pontos conservadores do currículo são: inspiração da Bíblia Sagrada; a epistemologia do senso comum e a experiência religiosa.

Para provar tal afirmação, novamente nos valem de BOANERGES RIBEIRO, no seu livro “Igreja evangélica e república brasileira (1889-1930)”. O referido autor trata com profundidade e por que não dizer, com exclusividade da questão, no cap. VII: “A formação dos pastores” (p. 193-248). Ele, parte da questão da Velha e Nova Escola, como ambas surgiram e como elas chegaram a moldar a filosofia curricular e educacional da formação acadêmica do pastor presbiteriano brasileiro.

Toda a questão surgiu em torno de um “Plano de União”, firmado em 1801, entre a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América e a

Associação Geral do Connecticut (Congregacional), que logo teve adesão das Associações Congregacionais de Vermont e Massachussets. A preocupação básica do plano era o ocupação do oeste que na época estava crescendo de forma rápida, mas as duas denominações não tinham condições de ocupá-lo, de modo que, a união seria um meio de atingir o oeste americano de forma mais rápida pelos calvinistas. No acordo, ficou estabelecido que os congregacionais, ministros ou leigos poderiam fazer parte dos Concílios Presbiterianos e vice-versa.

Porém, logo começaram a surgir problemas que são próprios de acordos dessa natureza. Problemas eram tanto de natureza eclesiástica, como doutrinária.

Na eclesiástica, aconteceu que a Igreja Presbiteriana, apesar do Plano de União, criou suas juntas missionárias e de educação e com isso votou uma verba mais alta provocando ciúmeiras e descontentamento nos demais.

Na questão doutrinária:

“nasceu da formulação com matiz arminiano da doutrina do pecado pela Teologia da Nova Inglaterra, vigente entre os congregacionais, e de suas conseqüências. O calvinismo bastante atenuado na Nova Inglaterra passou a ser chamado de Nova Escola (New School).”

STRONG assim o descreve:

“todos os homens nascem com constituição física e moral que os predispõe ao pecado, e todos pecam logo que exercem o seu moral; essa natureza viciosa pode ser chamada pecaminosa porque sempre leva ao pecado, mas em si mesma não é pecado, porque o pecado é sempre e somente o ato voluntário da transgressão da lei de Deus”. (Systematic Theology, 606)

Daí:

“Deus somente imputa aos homens atos pessoais de transgressão, e não o pecado de Adão. Nem a natureza viciosa, nem a morte do corpo são penas infligidas; são apenas conseqüências do pecado de Adão

soberanamente estabelecida por Deus para assinalar sua reprovação desse pecado". (STRONG, ibid, 606,607)

Com variantes, a Nova Escola se infiltrou em Concílios, em igrejas locais presbiterianas, fez adeptos, tomou-se bandeira dos revivalistas como Finney, um presbiteriano alienado do calvinismo.⁷¹

A reação não tardou, os velhos calvinistas se uniram em torno da criação do Seminário de Princeton (1812) e nas lutas conciliares. Insistiam, os velhos calvinistas, no ensino da total depravação da natureza humana, já de si pecado; na ação total da graça e redenção.

Foram muitos os conflitos que surgiram dessas duas concepções da natureza humana. Mas em 1837, a Velha Escola consegue a maioria na Assembléia Geral, coloca para fora os da Nova Escola, e dissolve seus concílios. Contudo, os da Nova Escola ignoram a tudo e elegem o seu Moderador, sua mesa completa, isto no próprio recinto da Assembléia Geral e, o incrível acontece, a Igreja Presbiteriana passa a funcionar com duas Assembléias Gerais, a Nova e a Velha Escola.

Em 1868, as duas escolas se reúnem e votam pela unidade, votam contra o Presbitério brasileiro, jurisdicionado no Sínodo de Baltimore. Votaram aqui contra a união, Blackford, Conceição e Pitt e, pela união, Lenington e Mckee. Contudo, no sul, o presbiterianismo já havia se separado optando, uma vez por todas, pela Velha Escola e se firmando como uma denominação própria, a Igreja Presbiteriana do Sul dos EUA. Princeton se firma como seminário modelo teologicamente da Velha Escola.

As principais obras teológicas que formaram os missionários que para cá vieram como pioneiras foram: "Systematic Theology", de Charles Hodge; "Esboços de Theologia" de A. A. Hodge, traduzidas para o português por F.J.C. Schneider e

publicado em 1845; “Obras Completas” de Benjamin Warfield; “Compêndio de Theologia” de D.S. Clark.

O grande inspirador da teologia de Princeton foi o teólogo François Turretini, pastor e teólogo em Genebra, na segunda metade do século XVII. Turretini teve sua obra adotada em latim “Institutio Theologiae Elenccticae”, pelo Arquibaldo Alexander, como livro texto.

Turretini refuta Arminius quanto ao livre arbítrio; Amyrant, quanto à natureza da expiação; Lutero, quanto aos sacramentos e aos radicalistas, quanto à natureza e autoridade da Bíblia.

Como já podemos observar, as ênfases de Princeton são calvinistas e da Velha Escola, e foi a Velha Escola que formou os missionários presbiterianos tanto do norte como do sul dos EUA que para cá vieram trazer o evangelho reformado.

Três aspectos se destacam na Teologia de Princeton que será sempre a corrente adotada pelo SPS até hoje. Primeiro: Princeton aceitava a plena inspiração da Bíblia, pois é, afinal, a infalível autoridade da Bíblia em questões de fé e prática. Segundo: Adotava ao mesmo tempo a epistemologia do “senso comum”, do filósofo escocês e pastor presbiteriano Thomas Reid, que tanto atacava o ceticismo de David Hume como o idealismo de Berkeley e o iluminismo radical do social francês. Os sentidos nos dão a percepção da realidade exterior e as percepções comuns à humanidade são verdadeiras. Além disso temos; um “senso moral”, que nos dá acesso ao mundo da nossa mente.

Essa epistemologia reforça a Nova Lógica, de Francis Bacon, pois a observação empírica e o raciocínio indutivo levam ao conhecimento; justifica Isac

⁷¹ RIBEIRO, op.cit. pág. 193-194.

Newton que da observação dos fenômenos repetidos, onde há uma constante, conclui a lei que rege os fenômenos observados e rege todos os que lhe forem análogos.

Charles HODGE, Systematic Theology, I 1-2:

“A Bíblia não é um sistema de teologia como a natureza não é um sistema de química ou de mecânica. Encontramos na natureza os fatos que o cientista químico, ou o mecânico terá de estudar para dele concluir leis que o regem. Também a Bíblia contém as verdades que o teólogo coligirá, autenticará, ordenará e exhibirá na relação interna que mantém uns com os outros”.

O terceiro elemento que importou na formação dos nossos pastores é a “experiência religiosa”. HODGE afirma o seguinte: “Argumentação apenas não produz convicção íntima da verdade moral... dependem do nosso sentimento religioso as doutrinas que aceitaremos como verdadeiras”.

Ashbel Green Simonton, nascido e criado no lar da piedade evangélica, influenciado pela Teologia de Princeton, tanto o avô como o irmão Willian, ambos pastores eram homens de Princeton. Simonton foi uma criação de Princeton.⁷²

Como vimos, a base curricular para se formar um pastor presbiteriano brasileiro foi e ainda é, sem que muitos percebam ou até mesmo concordem, a Teologia de Princeton.

Quando olhamos o programa de Teologia Sistemática atual, ainda ali vemos como leitura recomendada, muitos dos teólogos da Velha Escola.

Verdade seja dita, que há sim dentro do SPS, uma disputa entre a chamada Teologia Bíblica (do AT e NT) e a tradicional Teologia Sistemática. Tal disputa se deve à ênfase e às próprias Teologias do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Tal

releitura, através da metodologia usando o método histórico-crítico e o comparativo, procura libertar os alunos da velha formação princetoniana. Contudo, os três pontos básicos já mencionados da Teologia de Princeton, continuam firmes.

Só podemos enxergar melhor tal afirmação quando lemos os programas de cursos e suas respectivas bibliografias.

Claro que a maioria das pessoas que tem trabalhado a grade curricular do SPS não sabe, ou não concorda, com as estas afirmações, pois não se dão ao trabalho de uma pesquisa, afinal, não são chamadas para isso, mas apenas para reformar mais uma vez a grade curricular que para elas parece mais contemporânea do que centenária.

Não vamos entrar no mérito da questão se tal influência foi ou é boa, produtiva para as gerações futuras, por ver aí uma armadilha pragmatista. Mas, conseqüentemente, a grade curricular em 1939 é uma expressão clara dessa influência; ela servirá de base para todas as demais reformas que virão posteriormente.

Considerandos:

O termo, o conteúdo e os objetivos são muito controversos pois praticamente não há unanimidade quanto aos autores, não só com respeito à conceituação e conteúdo, mas mesmo quanto a sua importância. Portanto, fico com minha interpretação.

Procuramos, no decorrer da exposição, mostrar como se origina o currículo que forma os pastores presbiterianos nos seus seminários. Mostramos que o currículo é plenamente democrático e que parte da base para cima. É a igreja, por meio de seus líderes, pastores e presbíteros, que propõe o currículo.

⁷² RIBEIRO, op.cit. pág. 196-197.

Mostramos que o currículo do SPS tem sofrido uma variação muito grande de ênfase, quase sempre acompanhando o momento cultural, social, histórico e político do nosso país.

Creemos, após tudo o que foi dito, que no momento o currículo segue uma preocupação com a formação do teólogo em ciências bíblicas, tendo, como afirmamos anteriormente, sua ênfase sobre a teologia exegética.

A preocupação maior hoje, do SPS, na questão curricular, é tentar dar uma visão prática do teólogo e do pastor sobre as necessidades básicas do problema religioso brasileiro, especialmente na problemática da religiosidade pós-moderna que encontrou na nossa cultura um campo fértil para semear o seu individualismo religioso através da experiência carismática.

O SPS não forma nem sociólogo político ou da religião, nem filósofo de qualquer corrente filosófica antiga, moderna ou contemporânea, pois afinal, esta é uma escola de formação teológica e seu objetivo é formar pastores, líderes cristãos, preocupados com a formação doutrinária e espiritual do povo brasileiro. Como vimos, é uma escola confessional, logo, seu currículo sempre partirá do que vimos no capítulo II, sobre os fundamentos educacionais do pastor presbiteriano.

A questão do relacionamento do pastor presbiteriano com os problemas sociais brasileiros será sempre enfocada dentro da dinâmica calvinista de ver o homem. E, como ela vê o homem? Como um ser caído (afetado totalmente pelo pecado), redimível (capaz de ser redimido) e restaurado (pela graça de Cristo). Toda a problemática que envolve o problema social será sempre enfocada a partir desta visão.

Assim, o currículo do SPS está sempre fornecendo subsídios para uma análise séria dos problemas sócio-econômicos e políticos que afligem nosso amado Brasil.

Concluindo o propósito do currículo é formar pastores e teólogos para a IPB. Pastor, o homem que cuida do rebanho, que conduz a ovelha a pastos verdejantes e teólogo, o intérprete da Bíblia para sua ovelha, aquele que é capaz de aplicar com eficiência o texto bíblico dentro do contexto social, político, histórico, econômico no qual vivemos.

CONCLUSÃO

HISTÓRIA

Após conhecer um pouco da história do SPS, desde sua criação pelo Sínodo em 8 de setembro de 1888 até 8 de setembro de 1998, concluímos que foi dito não muito, pois afinal, tentar colocar 110 anos de história numa monografia de mestrado, quem sabe exigiria mais. Contudo, conscientemente cremos que o necessário e o mais importante foi dito. Foram destacados os fatos políticos eclesiásticos, os fatos educacionais de um ideário americano princetoniano, os professores e os alunos que se destacaram envolvendo-se com a educação não só teológica, mas com a própria educação secular brasileira, pois alguns de seus professores produziram obras que se notabilizaram no cenário educacional brasileiro.

No transcorrer dos anos, a influência do SPS no cenário brasileiro sempre foi muito importante, especialmente através da Revista Teológica (pioneira na área, o nº 1 foi editado em 1939) que atravessou fronteiras na América Latina, indo seus artigos influenciar gerações de teólogos-pastores em países vizinhos.

O Seminário hoje, como já vimos, tem que repartir sua influência com os demais seminários da Igreja Presbiteriana do Brasil, contudo não perdeu e nem perderá seu lugar de destaque não só dentro da IPB, mas também fora dela, pois o atual presidente da AETE (Associação de Escolas Teológicas Evangélicas) que reúne os principais seminários evangélicos da América Latina é o Rev. Paulo Bronzelli, ex-diretor do SPS.

Quanto ao futuro, o SPS vem se preparando para enfrentá-lo promovendo para tal seminários de planejamento estratégicos onde, por meio do corpo docente e discente, são focalizados os principais problemas da instituição, bem como são propostas soluções e alternativas para o enfrentamento da virada do século e do milênio.

Quem sabe alguém questionará: haverá lugar no futuro para uma instituição educacional teológica por parte do SPS? Respondemos que sim, afinal, cremos que uma escola que tem conseguido sobreviver por mais de cem anos, isto no meio de muitas lutas eclesiais, continuará sobreviver devido a sua capacidade de adaptação às novas visões educacionais.

OS FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS

Quanto aos fundamentos educacionais ficou claro que têm como base os princípios teológicos-filosóficos expostos na Confissão de Fé de Westminster (1643-1649), documento que tem servido de base para unir os presbiterianos de todo o mundo através da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR).

É na Confissão de Fé de Westminster que os professores do SPS procuram embasar sua visão de homem de Deus e de mundo. É nela que nós, reformadores, buscamos delineamento filosófico ao qual temos a nossa cosmovisão.

Como já vimos, essa cosmovisão é teocêntrica e não antropocêntrica. Deus é o ponto de partida; portanto nossa visão será sempre transmitida aos nossos alunos na seguinte perspectiva: criação, queda, redenção. Essa é a condição básica e confessional para qualquer professor ser admitido no SPS.

CURRÍCULO

Não tem havido muitas mudanças desde 1904 no currículo proposto pelo Supremo Concílio.

Também nos documentos pelo Conselho Diretor do SPS não tem havido nenhuma proposta para modificação de currículo.

A verdade é que as mudanças propostas no decorrer dos anos não alteraram em muito os objetivos curriculares, pois os ideais do predomínio de uma

teologia sistemática embasada na visão da teologia de Princeton continua firme. Para provar tal ponto de vista basta olharmos o programa de curso dos professores de Teologia Sistemática. Neles se vê, pela bibliografia que os ideais de uma teologia reformada calvinista, com base na tradição do senso comum de Thomas Reid, continuam firmes como nunca. Ao nosso ver isso acontece devido à perene influência do conservadorismo do brasileiro na área teológica.

Concluimos afirmando que, apesar das necessidades de mudanças no currículo, a ênfase ainda deve ser sobre a Teologia Sistemática e a Teologia Sistemática de linha calvinista, na visão da Reforma: “Igreja Reformada, sempre se reformando”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBINO, Marcus. Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892. Campinas; Centro Memória UNICAMP, 1996.
- ALMEIDA, Joãozinho Thomaz de. Calvino e sua herança. Vitória; Edição do autor, 1996.
- ALVES, Rubem. Dogmatismo e tolerância. São Paulo; Paulinas, 1982.
- AMARAL FILHO, Wilson de. Avanços e desafios na educação teológica na IPB. **Rev. Teol. do SPS**, Ano LVIII, nº46, maio-ago/1997. p. 67-73.
- ARAÚJO, João Dias - Inquisição sem fogueiras. 2ª.ed.Rio de Janeiro, ISER, 1982.
- BIELÉR, André. O pensamento econômico e social de Calvino. São Paulo; Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- _____, O Humanismo Social de Calvino. Porto Alegre; Editora Oikomenes, 1967.
- BROWN, Colin. Filosofia e fé cristã. São Paulo; Vida Nova, 1983.
- CAIRNS, Earle E. - O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. São Paulo; Vida Nova, 1984. p. 398.
- CALVINO, João. As Institutas. São Paulo; Casa Editora Presbiteriana, 1990. vol. I, II, III e IV.
- CONFISSÃO DE FÉ E CATECISMO MAIOR DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1987. 10ª. ed.

DIGESTO PRESBITERIANO - IPB. Secretaria Executiva do Supremo Concílio, 1961-1997. Vol. I,II,III,IV e V.

Documento: Carta de Caraguatatuba, São Sebastião, 31 de julho de 1997.

Documento Planejamento Estratégico SPS - outubro de 1997.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo; perspectiva, 1983.

FERREIRA, Edijéce Martins. A ética de Calvino. Recife; Presbitério de Pernambuco, 1988.

FERREIRA, Júlio de Andrade. Seminário Presbiteriano de Campinas: um século de experiência. **Rev. Teol. Do SPS**, Ano LV, nº39, fev/1994. p. 50-65.

FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo; Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.I, p.265.

FERREIRA, Júlio de Andrade. - História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo; Casa Editora Presbiteriana, 1959. V.II, p.80-84.

FERREIRA, Júlio de Andrade - O apóstolo de Caldas. São Paulo; Edição da Gráfica Renascença, sem data. p.19.

GEORGE, Sheron Kay. Fundamentos bíblicos e pedagógicos da educação cristã. **Rev. Teol. Do SPS**, Ano I, nº1, fev/1992. p. 5-27.

GOUVEIA, Ricardo Quadros - Calvinistas também pensam: uma introdução à filosofia reformada. **Ver. Fides Reformata**. Seminário Presbiteriano José Manuel da Conceição. Vol. 01, nº. 01, jan/jun de 1996, p.48-59.

- GUSSI, Alcides Fernando - Os norte-americanos (confederados) do Brasil: identidade no contexto transnacional. Americana/Campinas; UNICAMP, 1997.
- HACK, Osvaldo Henrique - Protestantismo e educação brasileira. São Paulo; CEP, 1985.
- HAHN, Carl Joseph - História do culto protestante no Brasil. São Paulo; ASTE, 1989.
- HARKNESS, Geórgia, em "Calvino e sua tradição", publicado por Anderson, Willian K. na obra "Espírito é mensagem do protestantismo" São Paulo, Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, p. 113.
- JONES, Judith MacKnight - Soldado descansa. Americana; JARDE, 1967.
- LATOURETTE, Kenneth Scott - História del cristianismo. El Paso; Casa Bautista de Publicaciones, 1967. p.430.
- LEITH, John H. A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã. São Paulo; Associação Evangélica Literária, Pendão Real, 1996. p.214-215.
- LEONARD, Émile Q. - O protestantismo brasileiro. Rio de Janeiro/São Paulo, JUERP/ASTE, 1981. 2ª. ed.
- LESSA, Vicente Themudo - Anais da 1ª. Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903). São Paulo; 1938. p.112.
- MACKAY, Juan A. El sentido presbiteriano de la vida. Mexico, AIPRAL, 1970.
- MANUAL PRESBITERIANO: IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1987. 8ª. ed.

MENDONÇA, Antônio Gouveia - O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo; Paulinas, 1984.

PIERSON, Paul Everett - A younger church in search of maturity: presbyterianism in Brazil from 1910 to 1959. San Antonio; USA, Trinity University Press, 1974.

REILY, Duncan A. - História documental do protestantismo brasileiro. São Paulo; ASTE, 1984.

Resumo histórico apurado da Revista Teológica da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, nº1, vol. Datado de novembro de 1939, p.32-35.

RIBEIRO, Américo Justiniano - Aniversário Seminário Presbiteriano do Sul. **Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul**, nº 45. Ano LXIII, data jan/abr. de 1997, p. 70-77.

RIBEIRO, Boanerges - Protestantismo no Brasil monárquico. São Paulo; Pioneira, 1973.

_____ - Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo; CEP, 1981.

_____ - A igreja presbiteriana do Brasil: da autonomia ao cisma. São Paulo; Semeador, 1987.

RIBEIRO, Domingos - Origens do evangelismo brasileiro (Escorço histórico). Rio de Janeiro, Apollo, 1937.

RUMBLE, L. Os presbiterianos. Petrópolis; Vozes, 1959.

SHEDD, Russel. O fundamento e a finalidade última da educação teológica. **Vox Scripturae Rev. Teol. Brasileira**. Vol. VI, nº2, dez.1996. p. 285-303.

- SILVA, Héleron da - A era do furacão, o movimento fundamentalista e a Igreja Presbiteriano do Brasil. São Bernardo do Campo; UNIMEP, 1996. Tese de Mestrado em Ciência da Religião. P.100.
- SILVA, Tomaz Tadeu – O sujeito da educação, estudos Foulcaulnianos; 2ª edição Petrópolis – vozes - 1995
- SINCLAYR, John H. Jonh Mackay: Um escocês com alma latina. Manhumirim; Didaquê Publicações e Promoções S/C, 1989.
- SKINNER, Quentin - As fundações do pensamento político moderno. São Paulo; Campanhia das Letras, 1996.
- SOUZA, Manuel B. de. Por que somos presbiterianos. São Paulo; edições do autor, 1959.
- SPERB, Dalila C. – Problemas gerais de currículo – Porto Alegre; editora Globo, 1976.
- STURZ, Richard J. Educação teológica no Brasil. **Vox Scripturae Rev. Teol. Brasileira**. Vol. I, nº2, set.1991. p. 41-57.
- WALKER, Williston - História da igreja cristã. São Paulo, ASTE, 1967. p.274-275. V. I,III